

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

LEONARDO DE OLIVEIRA CONEDERA

**A IMIGRAÇÃO ITALIANA NO PÓS-GUERRA EM PORTO ALEGRE:
MEMÓRIAS, NARRATIVAS, IDENTIDADES DE SICILIANOS (1946-1976)**

Porto Alegre, 2012

LEONARDO DE OLIVEIRA CONEDERA

**A IMIGRAÇÃO ITALIANA NO PÓS-GUERRA EM PORTO ALEGRE:
MEMÓRIAS, NARRATIVAS, IDENTIDADES DE SICILIANOS (1946-1976)**

Dissertação apresentada como requisito para a obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Núncia Santoro de Constantino

Porto Alegre
2012

C747i Conedera, Leonardo de Oliveira

A imigração italiana no pós-guerra em Porto Alegre:
memórias, narrativas, identidades de sicilianos (1946-1976). /
Leonardo de Oliveira Conedera. – Porto Alegre, 2012.

155 f. : il.

Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de
Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul – PUCRS.

Orientação: Profa. Dra. Núncia Santoro de Constantino.

1. Porto Alegre – História. 2. Imigração Italiana – Porto
Alegre. 3. Identidade Cultural. 4. História Oral. 5. Redes
Sociais. 6. Memória Social. I. Constantino, Núncia Santoro de.
II. Título.

CDD 981.651

981.65053

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária:

Cíntia Borges Greff - CRB 10/1437

LEONARDO DE OLIVEIRA CONEDERA

**A IMIGRAÇÃO ITALIANA NO PÓS-GUERRA EM PORTO ALEGRE:
MEMÓRIAS, NARRATIVAS, IDENTIDADES DE SICILIANOS (1946-1976)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Aprovada em: ____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Dra. Núncia Santoro de Constantino (orientadora)

Porto Alegre
2012

Aos meus pais.

AGRADECIMENTOS

Estes sucintos agradecimentos, apesar de serem textualmente hierarquizados, mesclaram-se e ganharam importância em diferentes momentos. Expressão de minha gratidão, as palavras a seguir envolvem afetividades distintas.

Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, pela concessão de bolsa integral, proporcionando dedicação total à pesquisa, bem como a possibilidade de participação em eventos acadêmicos e demais atividades envolvidas neste projeto.

À minha orientadora, Prof^a Dr^a Núncia Santoro de Constantino, pelo tranquilo e afetuoso convívio nestes três anos de pesquisa e pelas perspicazes observações em todas as etapas deste projeto.

À minha família e aos meus amigos, pelo apoio, paciência e compreensão de escutar os meus resultados de pesquisa, e minha ausência em certos momentos; preciso agradecer da mesma forma pelo carinho e pela ajuda nestes anos de caminhada.

Aos professores, colegas e funcionários com quem convivi desde a Graduação, cada qual compondo alguma parte do mosaico de ótima convivência no espaço acadêmico nestes últimos anos.

À Liani Gemignani, pela revisão gramatical do texto.

Por fim, agradeço aos italianos que colaboraram com esta pesquisa, compartilhando as narrativas de suas trajetórias de vida e de seu presente comigo. Suas colaborações viabilizaram a composição de uma pesquisa, permitindo-me aprender e conhecer um pouco sobre histórias e experiências que me ensinaram valiosas lições para a minha vida profissional e pessoal.

“Tenho vontade voltar para a Itália. Mas minha vida é aqui, sou cidadão de um país que não existe mais. Nós imigrantes somos cidadãos de um país que não existe mais”.
Edoardo Coen (italiano imigrado no pós-guerra)

"A cultura histórica tem o objectivo de manter viva a consciência que a sociedade humana tem do próprio passado, ou melhor, do seu presente, ou melhor, de si mesma." Benedetto Croce

RESUMO

A presente dissertação esclarece os resultados de investigação histórica sobre a imigração italiana em Porto Alegre nos anos pós-guerra. A escassez de documentação imigratória e a possibilidade de entrevistar os próprios emigrados fizeram com que se seguissem os pressupostos teórico-metodológicos da História Oral com o auxílio da Análise Textual Discursiva. A partir das narrativas construídas, buscou-se desvendar as trajetórias destes imigrantes. Para tanto, contextualizou-se o período italiano que precedeu o êxodo, desde o governo fascista até os anos posteriores à Segunda Guerra Mundial, analisando-se os motivos emigratórios, as redes sociais estabelecidas, ao mesmo tempo em que se examinaram os aspectos econômico-sociais do Brasil como país de destino. Contextualizando-se a inserção, a mobilidade e sociabilidade dos novos peninsulares na sociedade porto-alegrense. Por fim, procurou-se apresentar as memórias e identidades referidas pelos imigrantes em suas narrativas. Além disso, foram observadas as diferenças identitárias entre os italianos provenientes da Calábria e da Sicília, já que ambos dispõem de diferentes formas de identificação na sociedade receptora.

Palavras-chave: Imigração italiana, História Oral, Porto Alegre, Redes sociais, Memória e Identidade.

RIASSUNTO

La presente ricerca chiarisce i risultati di un'indagine storica sull'immigrazione italiana a Porto Alegre nel secondo dopoguerra. La mancanza di documentazione su questo tema specifico e la possibilità di intervistare gli stessi immigrati hanno determinato la scelta dei presupposti teorico-metodologici della Storia Orale con l'ausilio dell'Analisi Testuale Discorsiva. Attraverso alcune testimonianze raccolte, si è cercato di scoprire le traiettorie degli immigrati. Per tanto, si è contestualizzato il periodo italiano che precedette l'esodo, dal governo fascista fino agli anni successivi alla Seconda Guerra Mondiale, analizzando le motivazioni che spinsero alla scelta di emigrare e le reti sociali stabilite dagli emigranti. Allo stesso tempo si sono esaminati gli aspetti economici e sociali del Brasile come Paese di accoglienza. Si è cercato di contestualizzare l'inserimento, la mobilità e la sociabilità dei nuovi italiani nell'ambiente porto-alegrese e di presentare le identità e le memorie riferite dagli immigrati nei propri racconti di vita. Infine, si sono osservate le diversità identitarie tra gli italiani provenienti dalla Calabria e quelli dalla Sicilia, poiché entrambi i gruppi presentano differenti forme di identificazione nel contesto sociale di accoglienza.

Parole-chiavi: Immigrazione italiana, Storia Orale, Porto Alegre, Reti sociali, Memoria e Identità.

ABSTRACT

This work intends to present an analysis of the Italian's immigration in Rio Grande do Sul, especially in the city of Porto Alegre to which they have emigrated from 1946 to 1976. From the narratives constructed, we sought to uncover the trajectories of these immigrants. To this end, contextualized to the Italian period that preceded the exodus from the fascist government until the year after the Second World War, analyzing the reasons for emigration, the established social networks, while it examined the economic-Brazil's social and country of destination. Contextualizing the insertion, mobility and sociability of the new peninsular society in Porto Alegre. Finally, we tried to present the memories and identities reported by immigrants in their narratives. In addition, we observed differences between the identity of Italians from Calabria and Sicily, both of which have different forms of identification in the receiving society.

Keywords: Italian immigration, Oral History, Porto Alegre, Social Networking, Memory and Identity.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 – Expatriados da Sicília de 1876-1976.....	60
Quadro 2 – Emigrados dos Estados do Sul da Itália, 1946-1957	61
Quadro 3 – Entrada de Imigrantes no Brasil principais nacionalidades de 1872 a 2004	64
Quadro 4 – Entrada de Italianos no Brasil em 1951	70
Figura 1 – Cidade de Adrano	72
Figura 2 – Cidade de Leonforte	72
Figura 3 – A Sra. Francesca com seu filho Giovanni em exercício de Salvamento abordo do Navio.....	78
Figura 4 – Foto aérea da área do 4º Distrito na década de 1960	82
Quadro 5 – Empresas com mais de 50 funcionários no Navegantes- São João (1953).....	88
Quadro 6 – Profissão dos Italianos Residentes em Porto Alegre	91
Quadro 7 – Profissão das Italianas Residentes em Porto Alegre.....	92

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Expatriados e Repatriados na Itália (em milhões de pessoas) 1946-1970.....	51
Tabela 2 - Evolução da população urbana e rural no Rio Grande do Sul – 1940-80	83

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 O CONTEXTO NA ITÁLIA	27
2.1 O Fascismo	27
2.2.1 O Fascismo na Sicília	32
2.2 A Segunda Guerra Mundial	36
2.2.1 A Segunda Guerra na Sicília	39
2.3 O Pós-Guerra	42
2.3.1 O Pós-Guerra na Sicília	46
2.4 A emigração italiana no Pós-Guerra (1946-1976)	49
2.4.1 A emigração siciliana no Pós-Guerra (1946-1976)	59
3 A CHEGADA AO BRASIL	64
3.1 A imigração italiana em números	64
3.2 Trajetórias	71
3.2.1 Redes sociais e imigração	71
3.2.2 Porto Alegre: o novo destino	78
3.3 Convívio na comunidade italiana	85
3.3.1 O trabalho	85
3.3.2 Sociabilidades	93
4 MEMÓRIAS, NARRATIVAS, IDENTIDADES	98
4.1 Memórias	98
4.2.1 Memórias compartilhadas e lugares de memória	102
4.2.2 Narrativas e identidades	106
4.3. Algumas considerações acerca da Identidade e Etnicidade	111
4.3.1 Moranesità	116
4.3.2 Sicilianità	121
4.4 Reconstruções identitárias e étnicas no processo histórico	132
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	137
REFERÊNCIAS	142
ANEXOS	151

1 INTRODUÇÃO

Dentre os contingentes de imigrantes¹ que se deslocaram para o Estado do Rio Grande do Sul no século XIX os italianos se destacaram, visto que representaram grande número, além de participarem, significativamente, nas esferas social, econômica e política, especialmente depois de 1875.

Sobre a imigração italiana há um leque interessante e grande de publicações no Rio Grande do Sul. Entretanto, ainda persistem diversas lacunas, assim como há perguntas sobre o assunto que os historiadores podem fazer para o passado acerca deste tema de pesquisa². A presente dissertação inscreve-se nessa perspectiva, ao propor mais e novas indagações acerca desse assunto complexo.

A partir do contato com a bibliografia a respeito do tema e de diálogos com a orientadora, Núncia Santoro de Constantino, nasceu o interesse em estudar e analisar o grupo dos sicilianos que integraram a parcela dos imigrantes meridionais que se inseriram em Porto Alegre a partir do último quartel do século XIX. Assim, realizou-se um estudo monográfico de final do curso de história cuja pesquisa teve como foco os insulares no final do oitocentos na capital gaúcha.

Durante a investigação, entrou-se em contato com imigrantes sicilianos que vieram para o Brasil no pós-guerra. Esses ofereceram valiosas informações e dados sobre seus conterrâneos. Terminando o estudo monográfico, surgiu a vontade de pesquisar esse outro período de imigração sobre os meridionais que se transferiram da ilha mediterrânica para Porto Alegre após a Segunda Guerra.

Além disso, a investigação dos insulares permitiu averiguar uma questão salientada por Núncia Santoro de Constantino em sua tese. Ou seja, a pesquisadora, quando buscou informações acerca da presença peninsular em Porto Alegre, destacou a existência de um grande número de italianos oriundos do *mezzogiorno*³, especialmente de calabreses provenientes da cidade de Morano Calabro. Segundo a autora, esses imigrantes construíram

¹ Entende-se imigrante como um microcosmo com sua história que, seguidamente, é um drama, cuja experiência é única. Além de ser aquele indivíduo que não tem mais confiança de encontrar um resultado ou um fundamento para lutar em sua cidade natal. RENDA, Francesco apud RAFFAELE, Giovanni. Siciliani nel mondo. In: BENIGNO, F. e GIARRIZZO, G. (a cura). **Storia della Sicilia**: dal Seicento a oggi. Bari: Laterza, 2003. p. 113.

² IOTTI, Luiza Horn. **Imigração e poder**: a palavra oficial sobre os imigrantes italianos no Rio Grande do Sul (1875-1914). 2003. 308 f. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003. p. 8.

³ O vocábulo diz respeito à parte Sul da Itália.

uma identidade étnica com relação à terra de origem; no entanto, tal processo não transcorreu com os emigrados sicilianos identificados na pesquisa.

Então, investigar os insulares que compuseram o conjunto de italianos originários do sul da Itália facultou observar indivíduos de outra cultura cujas particularidades os diferem de seus pares que partiram da Calábria, Campania, Basilicata, Abruzzo, Puglia, Sardegn⁴ para a capital do Rio Grande do Sul.

Além disso, Andreina De Clemente – que nos últimos anos se dedica aos estudos sobre a emigração italiana no pós-guerra – ressalta o número reduzido de pesquisas enfocando o fenômeno migratório, entre os anos de 1946 a 1976, por parte dos historiadores e cientistas sociais na Itália⁵. No Brasil, a realidade é semelhante, isto é, os estudos sobre a imigração italiana no período do pós-guerra resumem-se a uma dissertação realizada por Luciana Facchinetti, em 2003, na Unicamp⁶, capítulos de livros (como “Anos Recentes” na obra *Do Outro lado do Atlântico*, de Angelo Trento) e alguns artigos.

Logo, o presente estudo pretende colaborar com as pesquisas produzidas sobre a imigração peninsular, detendo-se na etapa do pós-guerra. Enfocando, particularmente, o contexto porto-alegrense e o grupo siciliano que se fixou na capital gaúcha.

Após definir-se pela análise do conjunto dos insulares, dada a revisão bibliográfica realizada, surgiu a seguinte problemática para investigação: *Por que os imigrantes sicilianos que se estabeleceram em Porto Alegre não mantiveram uma identidade cultural, como ocorreu com os indivíduos do grupo calabrês?*

Trata-se, portanto, de um estudo no âmbito da História Social alinhado às abordagens da nova história⁷. Segundo Hebe Castro⁸, “ainda hoje, a expressão ‘historia social’ é frequentemente utilizada como forma de demarcar o espaço desta outra postura historiográfica frente à historiografia tradicional⁹”. Assim, na constituição do trabalho buscou-se a

⁴ Optou-se, neste trabalho, por não traduzir o nome das regiões italianas.

⁵ DE CLEMENTI, Andreina. **Il prezzo della ricostruzione**: le emigrazione italiana nel secondo dopoguerra. Bari: Laterza, 2010. p. 3.

⁶ FACCHINETTI, Luciana. **A imigração italiana no segundo pós-guerra e a indústria brasileira nos anos 50**. 2003. 139 f. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

⁷ Peter Burke argumenta que, com o surgimento da nova história, nas últimas décadas o universo dos historiadores atingiu uma velocidade impressionante. Além disso, novos campos surgiram para os historiadores, “[...] a história social, por exemplo, tornou-se independente da história econômica apenas para se fragmentar, como alguma nova nação, em demografia histórica, história do trabalho, história urbana, história rural e assim por diante”. BURKE, Peter. **A escrita da história**: novas perspectivas. São Paulo: UNESP, 1992. p. 7-8.

⁸ CASTRO, Hebe. História social. In: CARDOSO, Ciro; VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). **Domínios da História**: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p. 45.

⁹ “Historiografia tradicional” refere-se ao “paradigma” tradicional pautado nos pressupostos rankeanos. BURKE, 1992, *op. cit.*, p. 12.

interdisciplina com outras ciências e metodologias para reconstruir o processo de deslocamento e inserção de imigrantes italianos que passaram a compor o tecido social porto-alegrense a partir de 1946.

Além disso, estabeleceram-se objetivos iniciais que possibilitassem responder a problemática central, os quais foram:

- contextualizar o processo de emigração na Sicília nos anos do pós-guerra;
- identificar quais os fatores que levaram os sicilianos a emigrar;
- averiguar de quais cidades e províncias da ilha provinham os emigrados;
- contextualizar o processo de imigração peninsular, nos anos do pós-guerra, em Porto Alegre;
- identificar as atividades profissionais desempenhadas pelos italianos na sociedade porto-alegrense;
- verificar as memórias elaboradas pelos insulares através de suas narrativas;
- reconhecer os signos identitários dos sicilianos residentes em Porto Alegre;
- apontar as diferenças identitárias entre os calabreses e os sicilianos;
- estimular a reflexão teórica, em especial nos campos da História Oral e da imigração, propiciando experiências e produzindo materiais de estudo.

A inexistência de pesquisas realizadas a respeito dos expatriados provenientes da ilha mediterrânea, a escassez de fontes documentais, e a disponibilidade de dialogar com os imigrantes propiciaram a opção metodológica pela História Oral.

Entende-se a História Oral como uma metodologia¹⁰ cuja utilização viabilizou a realização da pesquisa, visto não se dispor de uma documentação acessível e própria sobre o grupo investigado. Quando se recorreu à documentação – como o registro de entradas de imigrantes no Estado, inventários, testamentos, processos crimes, entre outros – na maioria dos documentos oficiais não consta a naturalidade de um emigrado da Sicília. E considere-se que as diferenças regionais são grandes em uma Itália recém-unificada. Um aspecto diferencial diz respeito aos sobrenomes.

O presente estudo centrou-se na construção e uso de fontes orais, ou seja, realizaram-se entrevistas em sua maioria pelo autor com sicilianos que se instalaram em Porto Alegre entre 1946-1976. Além disso, utilizou-se outras entrevistas do acervo do Laboratório de

¹⁰ CONSTANTINO, Núncia Santoro de. Teoria da história e a reabilitação da oralidade: convergência de um processo. Pesquisa. In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (Org.). **A aventura (auto)biográfica: fundamentos e metodologia**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. p. 61.

Pesquisa em História Oral da PUCRS¹¹. Igualmente, o uso de outras fontes auxiliou, permitindo contrastar, ampliar, enriquecer e complementar as lacunas presentes nas fontes orais.

A História Oral supõe uma recuperação sistemática da memória criando um *corpus* documental composto por um conjunto de narrativas, neste caso, experiências de imigrantes italianos que, raramente, pode-se encontrar em outros tipos de documentação¹². Além disso, os relatos dos entrevistados revelam uma dimensão única, agregando aspectos inexistentes em outras fontes.

Segundo Alessandro Portelli, a História Oral investiga a memória de indivíduos como um desafio a esta memória concentrada em mãos restritas e profissionais. Portelli entende que a memória não é apenas a preservação da informação, como também é o sinal de luta e um processo em andamento. Assim, encara-se a memória como um eixo da história; memória não apenas como um lugar onde um “recorda” a história, mas memória “como” história.¹³

Como Portelli, buscou-se analisar criticamente as narrativas contadas pelos depoentes, bem como os demais documentos utilizados no desenvolvimento deste estudo, visto que esta é a função do pesquisador.¹⁴

A metodologia ainda oferece a possibilidade de construir arquivos, a fim de que a memória não seja esquecida, e permite o registro de experiências de pessoas “comuns”. Nesse sentido pretendeu-se da mesma forma colaborar com a produção de novas entrevistas para o Laboratório de História Oral da PUCRS.

A História Oral revitaliza-se através de um trabalho contínuo de recuperação e registro de memórias, conseguindo dar conta da diversidade temática, viabilizando o estudo de distintos grupos humanos cuja vivência e trajetória não se encontram registradas na documentação oficial.¹⁵

Lucas Neves Prochnow frisa que:

¹¹ Todas as entrevistas produzidas durante a pesquisa, bem como algumas entrevistas do Projeto Mulheres Imigrantes nas Cidades do Mercosul, utilizadas nesta dissertação encontram-se no acervo do Laboratório de História Oral da PUCRS.

¹² GONZÁLEZ, Ana María Sosa. **Identidad/es en diáspora, identidad/es en construcción: inmigración uruguaya en Porto Alegre**. 2006. 457 f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2006. p.12.

¹³ PORTELLI, Alessandro. Memória e diálogo: desafios da historia oral para a ideologia do Século XXI. In: FERREIRA, Marieta de Moraes. **Historia oral: desafios para o século XXI**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2000. p. 69.

¹⁴ PORTELLI, Alessandro. O Massacre de Civitella Val di Chiana (Toscana: 29 de junho de 1944): mito, política, luto e senso comum. In: AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta Moraes (Orgs.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996. p. 106.

¹⁵ GONZÁLEZ, Ana María Sosa. *op. cit.*, p. 13.

Trabalhar com História Oral significa partir de determinadas premissas: tem por base um projeto de pesquisa (não é somente coleta de dados); utiliza fontes orais obtidas em um processo de interação pesquisador-pesquisado; distingue-se em história oral de vida e história temática; resgata a memória individual e coletiva; cria documentos através das fontes orais coletadas.¹⁶

Em outras palavras, a fonte oral apresenta o sujeito dentro do contexto no qual vive e transita, a partir da sua memória, da sua narrativa e da matéria textual produzida em conjunto com o pesquisador¹⁷.

Além disso, Babbet Bauer¹⁸ enfatiza, com base nos resultados constatados pela Neuropsicologia, que a qualidade e a confiabilidade do relato não se relacionam com a proximidade temporal, mas dependem da capacidade de o indivíduo apreender determinado evento, de sua importância emocional e da maneira como ele entende e atribui significados ao vivido.

Então, a História Oral, ao fazer a intermediação entre a micro e a macro-história, possibilita a análise das experiências de vida em relação às estruturas da sociedade¹⁹. Criam-se vínculos entre a história narrada e as manifestações sociais, econômicas e políticas em que o indivíduo se encontra inserido, para assim considerar a narrativa propriamente dita, a partir do presente do entrevistado.

No desenvolvimento da pesquisa procurou-se, através dos dados encontrados na bibliografia consultada, os nomes e sobrenomes desses imigrantes, levantados durante a realização da monografia de conclusão de curso de graduação e na investigação para o projeto de mestrado. Posteriormente, estabeleceu-se contato com as famílias e os imigrantes provenientes da ilha mediterrânea. A partir dessa interação com os emigrados do pós-guerra encaminhou-se para o estabelecimento da *colônia*²⁰.

¹⁶ PROCHNOW, Lucas Neves. **Memórias, narrativas e histórias: a imigração espanhola recente em Porto Alegre**. 2009. 158 f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009. p. 11.

¹⁷ *Ibidem*, p. 12.

¹⁸ BAUER, Babbett. A caminho da “história das vivências”? História oral na Alemanha. GERTZ, René E.; CORREA, Sílvio Marcus de S. (Orgs.). **Historiografia alemã pós-muro: experiências e perspectivas**. Passo Fundo/Santa Cruz do Sul: UPF/EDUNISC, 2007. p. 158.

¹⁹ BAUER, Babbett. A caminho da “história das vivências”? História oral na Alemanha. GERTZ, René E.; CORREA, Sílvio Marcus de S. (Orgs.). **Historiografia alemã pós-muro: experiências e perspectivas**. Passo Fundo/Santa Cruz do Sul: UPF/EDUNISC, 2007. p. 162.

²⁰ O conceito empregado pela metodologia de História Oral que define os indivíduos de um determinado grupo no qual se pretende analisar. MEIHY, Carlos Sebe Bom. **Manual de história oral**. Loyola: São Paulo, 1998. p. 53.

Com a *colônia* constituída, estabeleceu-se a *rede*²¹ na qual se trabalharia. Selecionaram-se os colaboradores, seguindo-se o critério de idade e disponibilidade. Um dos desafios frequentes dos historiadores que utilizam a História Oral é justamente encontrar pessoas dispostas a falarem para o gravador, pois muitas expressam inibição ou receio de se expor. E no presente estudo tal adversidade também foi enfrentada.

Os diálogos com os imigrantes configuraram-se em *entre/vistas*²². Ou seja, Portelli²³ aponta que “a *entre/vista*, afinal, é uma troca de olhares. E bem mais do que outras formas de arte verbal, a história oral é um gênero multivocal, resultado do trabalho comum de uma pluralidade de autores em diálogo”.

Para a estruturação das entrevistas optou-se pela História Oral Temática. Núncia Constantino²⁴ frisa que essa modalidade:

[...] preocupa-se com o testemunho sobre algum assunto específico. O testemunho é usado como qualquer outro documento, é equiparado ao código escrito, com preciso recorte temático. Busca-se principalmente a informação do depoente. Organiza-se roteiro e a inferência do investigador é mais clara e objetiva. As entrevistas tornam-se mais curtas e, quanto mais as pessoas repetirem as mesmas formas, quanto mais forem constatadas as mesmas informações, quanto maior for o prestígio do depoente, mais sentido terá a entrevista.

Ainda a respeito da realização das entrevistas, estas transcorreram sempre a partir de contatos prévios, por telefone, e o local escolhido partiu dos entrevistados. A maioria dos depoimentos realizou-se nas residências dos narradores. No entanto, em alguns casos, a mesma aconteceu no local de trabalho do depoente.

Para o historiador da oralidade, algumas noções sobre a etnografia são necessárias, pois os locais sugeridos pelos depoentes também apresentam preferências objetivas ou não sobre o que seria contado.

²¹ O conceito de *rede* refere-se à definição de uma subdivisão dos integrantes da *colônia* e que visa selecionar os indivíduos que serão entrevistados ou não. MEIHY, Carlos Sebe Bom. **Manual de história oral**. Loyola: São Paulo, 1998. p. 53.

²² “*Entre/vista* significa *olhar entre*: é uma troca de olhares. Costuma-se falar na empatia e na confiança entre entrevistado e entrevistador, mas o que realmente torna significativa a história oral é o esforço de estabelecer um diálogo entre e para além das diferenças”. Essas diferenças seriam questões relacionadas às diferenças etárias, culturais, políticas, entre outras, existentes entre entrevistado e entrevistador. PORTELLI, Alessandro. **Ensaio de história oral**. São Paulo: Contexto, 2010. p. 213.

²³ *Ibidem*, p. 20.

²⁴ CONSTANTINO, Núncia Santoro de. Teoria da história e a reabilitação da oralidade: convergência de um processo. Pesquisa. In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (Org.). **A aventura (auto)biográfica: fundamentos e metodologia**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. p. 64.

A utilização da etnografia é aplicada pelo pesquisador em três fases sincrônicas: andar, ver e escrever. Hélió Silva²⁵ destaca que:

O percurso no campo, sua observação e a descrição do contexto percorrido e observado são três fluxos que se misturam pela reciprocidade, interdependência e (inter)influências enquanto se tencionam pelas contradições e heterogeneidades das disposições e habilidades em jogo.

Durante a pesquisa, especialmente nos locais e nos encontros para as pré-entrevistas e as entrevistas, as observações feitas no caderno de campo a respeito dos contatos com os depoentes possibilitaram produzir inferências mais enriquecedoras sobre as suas narrações, visto que os ambientes visualizados também dialogam com as histórias, trajetórias e identificações referidas pelos entrevistados em suas falas.

Além disso, os espaços comuns de circulação do narrador (ou seja, a sala de estar ou a cozinha da sua casa, o seu escritório de trabalho), onde foram entrevistados, revelam indícios interessantes acerca dos seus vínculos e preferências, entre outros elementos que possibilitam ao pesquisador conhecer um pouco mais sobre o sujeito com o qual conversa. Silva²⁶ frisa ainda que:

Andar pelo espaço delimitado no qual a pesquisa transcorre permite que o etnógrafo se situe, isto é, adquira naquele contexto um lugar e uma identidade. Trata-se de um percurso marcado pela interação. Ora, interagir pela participação nos rituais, nos trabalhos, no lazer e pela interlocução nas entrevistas informais, nas conversas suscitadas pela participação, nos bate-papos.

Portanto, o suporte disposto pela etnografia permitiu observar aspectos importantes com referência aos objetivos previstos nesta pesquisa, pois as anotações realizadas, a partir do uso da etnografia, proporcionaram maiores perspectivas para se analisar os demais documentos do *corpus* documental consultados no desenvolvimento da pesquisa, em especial, as entrevistas produzidas.

Trabalhando com depoimentos orais, o historiador, inevitavelmente, depara-se com uma narrativa do entrevistado que é fruto de sua memória, e, como esta possui um caráter subjetivo, logo são impostas aos pesquisadores armadilhas para as quais a atenção é imprescindível.

²⁵ SILVA, Hélió R. S. A situação etnográfica: andar e ver. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 15, n. 32, p. 171, jul./dez. 2009.

²⁶ *Ibidem*, p. 178.

A subjetividade presente na oralidade, entretanto, não invalida o uso das fontes orais – segundo destaca Portelli²⁷ – pois permitem a recuperação da memória e da tessitura singular existente na vida cotidiana.

Como assinala Lang²⁸, a História Oral centra-se no indivíduo, contudo, não se restringe apenas a ele, já que aponta para a sociedade. Para a autora citada, vários relatos individuais de uma mesma coletividade viabilizam reconstruir a trajetória de um grupo social.

Então, o sujeito que narra sua história, ou conta sobre sua trajetória de vida, não constitui, ele mesmo, o objeto de pesquisa; constitui um relato, a matéria-prima para o conhecimento histórico e social que busca, através do indivíduo e da experiência por ele vivenciada, apreender as relações sociais que se inserem em sua dinâmica.²⁹

Em outras palavras, as histórias relatadas pelos narradores viabilizam, como outras fontes investigadas, a visualização de indícios por parte dos historiadores. Carlo Ginzburg³⁰ afirma que “a realidade é opaca, mas existem certos pontos privilegiados – indícios, sintomas – que nos permite decifrá-la”. As narrativas dos imigrantes são impregnadas de sinais e pequenos indícios que podem assinalar fenômenos sociais mais amplos e complexos.

Núncia Constantino³¹ ainda sublinha que a narrativa entrelaça dois importantes aspectos, pois

[...] narra-se uma vida concreta, uma existência, uma trajetória pessoal. Narra-se também os nexos e os símbolos, que medeiam culturalmente a vivência relacionados à memória coletiva que, construída sobre vivências comuns adquire sentidos e reorganiza temporalidades.

Dessa forma, a memória faculta a apreensão e acumulação das percepções dos sentidos e dos processos psíquicos de maneira inconsciente.³² O caráter espontâneo da lembrança é único. Recordar é reconstruir as vivências do passado com as ideias do presente. Assim, é

²⁷ PORTELLI, Alessandro (Coord.). **República dos Sciuscià**. São Paulo: Salesiana, 2004. p. 12.

²⁸ Entende-se “grupo social” a partir da definição de Michel Olmsted, ou seja, “o grupo” é constituído por “uma pluralidade de indivíduos que estão em contato uns com os outros, que se consideram mutuamente e que estão conscientes de que têm algo em significativamente importante em comum”. OLMSTED, Michel S. **O pequeno grupo social**. São Paulo: Herder, 1970.

²⁹ BAUER, Babett. A caminho da “história das vivências”? História oral na Alemanha. GERTZ, René E.; CORREA, Sílvio Marcus de S. (Orgs.). **Historiografia alemã pós-muro: experiências e perspectivas**. Passo Fundo/Santa Cruz do Sul: UPF/EDUNISC, 2007. p. 36.

³⁰ GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. p. 178-179.

³¹ CONSTANTINO, Núncia Santoro de. **Caixas no porão: vozes, imagens, histórias**. Porto Alegre: Biblos, 2004. p. 34.

³² BAUER, 2007, *op. cit.*, p. 159.

necessário ter em mente que o momento presente possui sempre uma participação no processo de reconstrução do passado.³³ Bauer³⁴ complementa, lembrando que

[...] a memória de uma comunidade informa sobre a sua autocompreensão política, sobre valores e normas e sobre suas expectativas em relação ao futuro. Essa memória coletiva encontra-se em constante tensão perante a memória individual e o conhecimento histórico, que se torna apreensível através da ciência histórica.

Logo, a memória insere-se nesta pesquisa no momento em que incide nas narrativas individuais, e é por serem constituídas na coletividade vivida pelo indivíduo que as memórias então narradas carregam o social. Além disso, Prochnow³⁵ destaca:

A memória é a maior fonte dos depoimentos orais e não apresenta definição conceitual: refere-se à construção de identidades e ao fortalecimento de consciências individuais e coletivas; ainda, a vivência cotidiana conforma a memória durante a existência; ordena as significações das experiências; reflete o passado no ato da verbalização no tempo presente; reencontra e reconhece espaços e lugares; necessita de um suporte para vir à tona através da recordação, seja material ou subjetivo.

Como no presente trabalho o tema relacionado à memória assume uma perspectiva relevante, tornou-se imprescindível recorrer às pesquisas e considerações realizadas por Maurice Halbwachs, Michael Pollak, Piere Nora, Ivan Izquierdo e Joël Candou.

Candou³⁶, além de tecer considerações acerca da memória, também agrega, elucidando a íntima relação estabelecida entre memória e identidade. O autor citado aponta que “memória e identidade estão indissolavelmente ligadas”.

Candou³⁷ ainda observa que a expressão “memória coletiva” bem como o termo identidade são formas de *representação*.

Quando se analisa as memórias expostas pelos entrevistados tem-se presente a noção de *memoria condivisa*, isto é, uma memória compartilhada. Quando lidamos com memórias, Portelli³⁸ afirma que “estamos lidando com uma multiplicidade de memórias fragmentadas e

³³ CONSTANTINO, Núncia Santoro de. Teoria da história e a reabilitação da oralidade: convergência de um processo. Pesquisa. In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (Org.). **A aventura (auto)biográfica: fundamentos e metodologia**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. p. 55-56.

³⁴ BAUER, Babet. A caminho da “história das vivências”? História oral na Alemanha. GERTZ, René E.; CORREA, Sílvio Marcus de S. (Orgs.). **Historiografia alemã pós-muro: experiências e perspectivas**. Passo Fundo/Santa Cruz do Sul: UPF/EDUNISC, 2007. p.161.

³⁵ PROCHNOW, Lucas Neves. **Memórias, narrativas e histórias: a imigração espanhola recente em Porto Alegre**. 2009. 158 f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2009. p. 15.

³⁶ CANDOU, Joël. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2011. p. 10

³⁷ *Ibidem*, p. 28.

³⁸ PORTELLI, Alessandro. O Massacre de Civitella Val di Chiana (Toscana: 29 de junho de 1944): mito, política, luto e senso comum. In: AMADO, Janafina e FERREIRA, Marieta Moraes (Orgs.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996b. p. 106.

internamente divididas, todas, de uma forma ou de outra, ideológica e culturalmente mediadas”.

Portelli³⁹ também aponta que:

Cada indivíduo, particularmente nos tempos e sociedades modernas, extrai memórias de uma variedade de grupos e as organiza de forma idiossincrática. Como todas as atividades humanas, a memória é social e pode ser *compartilhada* (razão pela qual cada indivíduo tem algo a contribuir para a história social); mas pelo mesmo modo que *langue* se opõe a *parole*, ela só se materializa nas reminiscências e nos discursos individuais.

Então, partindo-se das ponderações do pesquisador italiano, quando se analisou os relatos dos entrevistados teve-se em mente a singularidade existente e única de cada narração; no entanto, procurou-se ressaltar os eixos que se cruzavam nas falas individuais. Isto é, a partir das memórias individuais procurou-se produzir inferências sobre o coletivo. Contudo, teve-se em mente as precauções de não cair em *retóricas holísticas*⁴⁰.

Não apenas a memória assume uma dimensão importante nesta pesquisa, mas também a perspectiva acerca da identidade adquire ênfase, já que a identidade é uma questão significativa e relevante quando se realiza um estudo com imigrantes, visto que estes se encontram inseridos em uma sociedade distinta daquela da qual são originários. Assim, torna-se conveniente analisar como os emigrados identificam-se na sociedade receptora. Ou seja, averiguar se os imigrantes preservam aspectos culturais do seu país de origem ou se reconstróem sua identidade a partir de novos hábitos e costumes adquiridos no contexto onde se inserem.

Ana González Sosa⁴¹ recorda que:

Analisar o fenômeno da migração recente e como é possível que em um mundo tão globalizado, interconectado, *multi* e *pluri* cultural – o étnico – identificar e trabalhar com um grupo de pessoas que se dizem, se mostram ou se pensam, pertencentes a uma *nação*.

No caso deste trabalho, a identificação da coletividade italiana não se apresenta delimitada apenas ao país de origem. Os peninsulares demonstram sua *italianidade*⁴² através do seu *rapporto* (vínculo) com o seu *paese*.⁴³

³⁹ PORTELLI, Alessandro. O Massacre de Civitella Val di Chiana (Toscana: 29 de junho de 1944): mito, política, luto e senso comum. In: AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta Moraes (Orgs.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996b. p. 127.

⁴⁰ Segundo Candou, por retórica holística entende-se “o emprego de termos, expressões e figuras que visão designar conjuntos supostamente estáveis, duráveis e homogêneos”. CANDOU, Joël. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2011. p. 29.

⁴¹ GONZÁLEZ, Ana María Sosa. **Identidad/es en diáspora, identidad/es en construcción**: inmigración uruguaya en Porto Alegre. 2006. 457 f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2006. p. 16.

Mariagrazia Salvo⁴⁴, em estudo realizado na cidade siciliana de Barcellona Pozzo di Gotto (província de Messina), demonstra como permanecem hodiernos, nas relações sociais e comerciais, aspectos relacionados a valores tradicionais da cultura siciliana (*sicilianità*⁴⁵) no contexto da pós-modernidade. Isto é, a autora revela a continuidade de hábitos e costumes intrínsecos nessa pequena comunidade frente às transformações ocasionadas pelos processos da globalização.

Da mesma forma Giovanni Raffaele⁴⁶ destaca que os emigrantes que partiram da ilha para outras partes do globo desenvolveram pequenas sicílias, cuja conservação de características particulares (dialetos, tradições e comemorações) das cidades de origem expressavam-se de forma tenaz para que fossem preservados os laços entre conterrâneos nos espaços de destino.

Vale destacar que a ideia de sicilianidade está presente também na literatura desde o final do século XIX. Os literatos – Giovanni Pirandello, Luigi Verga e Andrea Camilleri – reforçam que os indivíduos nascidos na Sicília são portadores de características intrínsecas que são identitárias e assinalam a existência de um sentido de pertencimento dos originários da ilha com os elementos tradicionais da cultura insular.

Para melhor analisar os aspectos vinculados à etnicidade no contexto da pós-modernidade, buscou-se subsídios em outras áreas das Ciências Humanas. Assim, dialogou-se com a Antropologia, com a Sociologia, com a Psicologia Social. Em especial, procurou-se suporte teórico nas obras de Stuart Hall, Fredrik Barth, Kathleen Conzen, Angelo e Serena Di Carli, Manuela Carneiro da Cunha, Roberto de Oliveira Cardoso, Oriana Bruno, Ivy Daure e Odile Reveyard-Coulon.

Além das entrevistas, para a elaboração do trabalho investigou-se também as certidões matrimoniais, processos criminais, inventários de peninsulares fixados em Porto Alegre, a fim de se averiguar dados e maiores elementos sobre o grupo italiano que aportou na capital do Rio Grande do Sul após a Segunda Guerra. Além disso, procurou-se ratificar informações inferidas a partir das entrevistas realizadas e da bibliografia consultada.

⁴² Quando se refere *italianidade* se querendo indicar elementos (símbolos, signos) ou ações que se remetam a uma identidade cuja referência seja a Itália.

⁴³ O termo *paese* refere-se à pequena cidade na Itália. BENEDETTI, Ivone C. (Coord.). **Dicionário Martins Fontes Italiano-Português**. São Paulo: Martins Fontes, 2004. p. 688

⁴⁴ SALVO, Mariagrazia. **La comunicazione sociale tra tradizione e complessità**: uno studio empirico in una comunità siciliana. Roma: Aracne, 2010. p. 13.

⁴⁵ A *Sicilianità* refere-se aos elementos (símbolos, signos) ou expressões que se remetam a uma identidade cuja referência seja a Sicília.

⁴⁶ RAFFAELE, Giovanni. Siciliani nel mondo. In: BENIGNO, F. e GIARRIZZO, G. (a cura). **Storia della Sicilia**: dal Seicento a oggi. Bari: Laterza, 2003. p. 128-130.

Os documentos examinados nos Arquivos (Arquivo Público do Rio Grande do Sul, Arquivo Histórico Municipal Moyses Vellinho de Porto Alegre e acervo do Memorial do Imigrante⁴⁷), bem como no banco de dados do IASI (*Istituto di Assistenza Sociale degli Italiani*) foram da mesma forma fontes de grande valia para se definir os laços de amizades e compadrio, os lugares de trânsito, as suas atividades de trabalho, a condição social que esses imigrantes possuíam.

Por exemplo, as certidões de casamentos de italianos em Porto Alegre entre os anos de 1955 e 1975 tornaram-se de vital importância para que se pudesse estabelecer as atividades profissionais desempenhadas pelos imigrantes; observar os vínculos matrimoniais que estabeleceram na sociedade de adoção; de quais cidades e províncias eram provenientes na Itália; averiguar se sua imigração era praticada de maneira individual ou coletiva.

Então, a mescla das fontes orais e documentais revelou-se valiosa, dado que este diálogo disponibiliza para a pesquisa o alcance de uma imagem mais expressiva e concreta de ambas.⁴⁸

Outro procedimento utilizado para se obter os resultados alcançados no trabalho foi a análise textual discursiva (ATD), pois, segundo Roque Moraes⁴⁹, este recurso visa à “análise de dados e informações de natureza qualitativa com a finalidade de produzir novas compreensões sobre os fenômenos e os discursos”.

Seguindo as referências do autor já citado, segmentou-se a análise do *corpus* documental em três momentos: o primeiro, a desconstrução do conteúdo contido no *corpus*, denominado *unitarização*; seguido pela *categorização*, onde se realizou as relações entre os elementos unitários; e finalizou-se com a comunicação e legitimação do “novo emergente” aparecendo como *metatexto*.⁵⁰ Efetuou-se tal procedimento com as entrevistas e documentação incorporada à pesquisa.

Os conteúdos presentes nas fontes viabilizaram a identificação de aspectos e indícios particulares. Assim, tornando-se necessário a formação de *unidade de análise*, a fim de estabelecer unidades de significado. A *unitarização* acontece através da reescrita das partes identificadas como articuladoras dentro do texto, assumindo significado em si mesmas serão

⁴⁷ Verificou-se documentos digitalizados do acervo do Memorial do Imigrante. Disponível em: <<http://www.memorialdoimigrante.com.br>>. Acesso em: 12 nov. 2010.

⁴⁸ PORTELLI, Alessandro (Coord.). **República dos Sciucià**. São Paulo: Salesiana, 2004. p. 10.

⁴⁹ MORAES, Roque e GALIAZZI, Maria do Carmo. **Análise textual discursiva**. Ijuí: Unijuí, 2007. p. 9.

⁵⁰ PROCHNOW, Lucas Neves. **Memórias, narrativas e histórias: a imigração espanhola recente em Porto Alegre**. 2009. 158 f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009. p.14

articuladas entre as demais unidades de análise e no final agrupadas por semelhança na segunda etapa de análise, a da categorização.⁵¹

No segundo momento passa-se da fragmentação, da desorganização, da desmontagem dos textos para a criação de uma nova ordem, de um entendimento mais aprofundado, de uma síntese que não é o texto original, e que resultará no *metatexto*.⁵²

No princípio, o projeto de pesquisa previra a seguinte ligação entre o *corpus* selecionado a ser analisado: como peninsulares, em especial os sicilianos, chegaram à capital gaúcha; fatores de sua emigração; a condição destes emigrados; quais espaços da cidade ocuparam; a quais atividades profissionais dedicaram-se e a opção por Porto Alegre. Essas foram as primeiras categorias arroladas no começo da pesquisa. No entanto, surgiram novos aspectos, como a questão da rede familiar e as memórias compartilhadas sobre a imigração, entre outras nuances que se tornaram visíveis e frequentes na documentação cuja emergência exigiu a formação de novas categorias.

Com as categorias já demarcadas passou-se para a última etapa, a construção do *metatexto* que, segundo Moraes⁵³, visa expressar “os sentidos lidos num conjunto de textos, cuja estrutura textual é construída por meio das categorias e subcategorias resultantes da análise. São constituídos de descrição e interpretação”.

O *metatexto* apresentado é produto das análises realizadas em cada uma das entrevistas desenvolvidas e adicionadas ao *corpus*, juntamente com os documentos (certidões de casamento, testamentos, inventários e livros de impostos) averiguados.

Expressa-se o percurso realizado durante a investigação, a maneira como a História Oral e as demais fontes examinadas incidiram na pesquisa e como viabilizaram a construção do texto síntese. Portanto, dividiu-se a dissertação em três capítulos.

O primeiro capítulo refere o contexto da Itália entre os anos de 1920 a 1976. Elaborou-se o recorte historiográfico a fim de compreender a realidade italiana durante o governo fascista, a Segunda Guerra e o período subsequente de emigração. Além disso, procurou-se ressaltar a situação siciliana a fim de apresentar a atmosfera vivenciada pelos imigrantes antes do seu deslocamento. Tratou-se de mostrar os fatores que contribuíram para a emigração italiana nesta etapa do pós-guerra (1946-1976). Assim, procurou-se enfatizar as particularidades sobre o êxodo nessa fase dos fluxos migratórios.

⁵¹ PROCHNOW, Lucas Neves. **Memórias, narrativas e histórias: a imigração espanhola recente em Porto Alegre**. 2009. 158 f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009. p. 15

⁵² *Ibidem*.

⁵³ MORAES, Roque e GALIAZZI, Maria do Carmo. **Análise textual discursiva**. Ijuí: Unijuí, 2007. p. 32.

O segundo capítulo trata do processo da imigração italiana na sociedade brasileira e regional do Rio Grande do Sul, nos anos seguintes à Segunda Guerra. Posteriormente, enfatiza-se a questão das redes sociais que viabilizaram as transferências para a sociedade porto-alegrense, passando-se à exposição dos espaços e atividades profissionais exercidas pelos peninsulares. E, por fim, apresenta-se os espaços de sociabilidade⁵⁴ dos emigrados na sociedade receptora.

No último capítulo a ênfase detém-se nas questões relativas à memória, às narrativas e aos vínculos identitários entre os meridionais provenientes da Calábria e da Sicília na sociedade receptora. Analisam-se as narrativas dos emigrados, bem como as memórias compartilhadas pelos entrevistados através da coletividade de memórias individuais. Também se apresenta as representações identitárias dos calabreses e sicilianos. Por último, refere-se à reconstrução histórica da italianidade no Rio Grande do Sul.

⁵⁴ Por “espaços de sociabilidade” entende-se, como Simmel, as ações sociais que têm lugar entre os homens, ações recíprocas ou que dispõem da “possibilidade de convivência”. SIMMEL, Georg. **Sociologia: estudos sobre las formas de socialización**. Buenos Aires: Espasa-Calpe, 1986. p. 208.

2 O CONTEXTO NA ITÁLIA

2.1 O FASCISMO

O Movimento Fascista⁵⁵ teve o seu início na cidade de Milão, em 23 de março de 1919, durante uma reunião organizada por Benito Mussolini. Desde já, cabe destacar que os participantes somavam algumas centenas. O objetivo do Movimento era reunir as forças da esquerda intervencionista para defender a guerra, para valorizar a vitória e para combater o Bolchevismo.⁵⁶

Em 1919 o Movimento liderado por Mussolini contava com 31 *fasci* e com 870 inscritos. De fato, o Fascismo necessitou de pouco tempo para mobilizar um grande número de adeptos e para se transformar em um movimento de massas. Em 1921 nasceu o Partido Nacional Fascista (*Partito Nazionale Fascista*), o PNF, já congregava 320.000 inscritos e 2.200 *fasci*.⁵⁷

Como se sabe, o Movimento Fascista favoreceu-se de um momento de dificuldade e de crise que a Itália atravessava depois do fim da Primeira Guerra Mundial. Angelo Trento⁵⁸ ressalta que:

A guerra deixou profundas marcas também nos planos social e político. As massas populares, até aquele momento marginalizadas, principalmente no Sul, não perceberam o conflito como questão nacional, mas como uma fonte de sofrimentos, impostos pela classe dirigente. [...] A guerra produziu, assim, uma reviravolta de valores e de mentalidade, que impediria o regresso à situação anterior.

Passado o referido conflito, o biênio vermelho (de 1919 a 1920) expôs o medo presente na sociedade peninsular. Esse período ficou marcado por uma série de agitações e de insegurança. Em meados de 1919 ocorreram vários assaltos e roubos praticados por membros da pequena burguesia. Além disso, o número de greves no setor industrial e também na agricultura aumentava gradativamente. Os operários reivindicavam melhores salários e condições de trabalho, enquanto que os camponeses, uma reforma agrária.⁵⁹

⁵⁵ O *Fascismo*, termo cuja origem advém do latim, significa feixes de varetas atados — representa, pois, a força na unidade; além disso, eram portados pelos Cônsules, no período republicano da Roma Antiga, como um símbolo de sua autoridade. VINCENT, Andrew. **Ideologias políticas modernas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1995. p.145

⁵⁶ GENTILE, Emilio; DE FELICE, Renzo. **A Itália de Mussolini e a origem do Fascismo**. São Paulo: Ícone, 1988. p.7.

⁵⁷ *Ibidem*, p. 8.

⁵⁸ TRENTO, Angelo. **Fascismo italiano**. São Paulo: Ática, 1986. p. 6.

⁵⁹ *Ibidem*, p. 12-13.

É necessário frisar também que o sucesso de Mussolini deveu-se à sua perspicácia, pois soube favorecer-se dos problemas do pós-Guerra, do medo dos avanços dos socialistas e dos comunistas, da sensação de que as instituições e as forças políticas no poder não teriam a capacidade de superar as graves dificuldades que o país atravessava.⁶⁰ Além disso, Emilio Gentile e Renzo De Felice⁶¹ consideram que:

Somente a guerra, com as suas conseqüências imprevisíveis, criou as condições favoráveis em que os seus movimentos da contestação antiliberal do período giolittiano puderam se tornar forças de massa capazes de paralisar o regime liberal e provar a sua queda. Somente através da experiência da guerra amadureceram as condições para a fusão dos materiais da nova cultura política em uma nova ideologia elaborada pelo Fascismo, e se formaram as massas dispostas a segui-la.

Com o ambiente tenso do pós-Guerra e o cenário desfavorável Giolotti renunciou. Assim, o Rei Vittorio Emanuele III, da dinastia de Savóia, designou Luigi Facta para o cargo de Primeiro-Ministro em 1922. No entanto, Facta não tinha força no contexto político italiano, visto que muitos o apontavam como Chefe de um governo de transição. Nesse cenário de instabilidade, o Fascismo aproveitou o vazio de poder presente; ainda, o PNF contava com o apoio dos liberais. Assim, em outubro de 1922, os fascistas organizaram a Marcha para Roma, que forçou o Rei a incumbir Benito Mussolini a compor um novo governo depois da renúncia de Facta.⁶²

Na sequência, os anos de 1922 a 1925 marcaram o período em que o Fascismo conquistou o Estado italiano. Nessa época, o PNF continuou a atrair mais partidários e apoiadores. É necessário lembrar que, quando ocorreu a Marcha para Roma, os fascistas eram apoiados pelos latifundiários, por grande parte dos empresários e pelas Forças Armadas. A aprovação e a simpatia da Igreja foi um amparo imprescindível para o Partido Fascista, algo conseguido através das ações praticadas pelo Movimento, como a restauração da ordem no âmbito social, de favores econômicos (com planos econômicos que favoreceram o Vaticano), de um plano escolar – através de reforma, Gentile instituiu o ensino da Religião Católica nos cursos primários.⁶³

O Fascismo, ao defender concepções nacionalistas cujo sonho projetava a criação da Roma Antiga, manteve diretrizes muito semelhantes à política adotada pelos liberais. A emigração italiana, por exemplo, prosseguiu apesar de não continuar com a mesma intensidade registrada antes da Primeira Guerra Mundial. Contudo, as conferências de

⁶⁰ CAROCCI, Giampiero. **Storia d'Italia dall'Unità a Oggi**. Milano: Feltrinelli, 1989. p. 45-46.

⁶¹ GENTILE, Emilio; DE FELICE, Renzo. **A Itália de Mussolini e a origem do Fascismo**. São Paulo: Ícone, 1988. p. 22-23

⁶² *Ibidem*, p. 46-47.

⁶³ TRENTO, Angelo. **Fascismo italiano**. São Paulo: Ática, 1986. p. 24-26.

emigração, entre os anos de 1924 e 1927, atestam a realização de um trabalho, no âmbito teórico, de preparar os peninsulares para competir de igual forma com os emigrantes de outros países, visto que existiam cada vez menos postos de trabalho e espaços para a emigração. Também, o êxodo de cidadãos para outros destinos tornou-se importante para a recuperação econômica.⁶⁴

O *Duce*⁶⁵, durante o período de 1922 a 1925, implementou mudanças nas práticas do Movimento Fascista, como o fim do *squadrismo*⁶⁶, através da criação da Milícia Voluntária para a Segurança Nacional (MVSN), que funcionaria como um Exército do regime, agindo paralelamente às Forças Armadas e também estaria encarregado de defender a Revolução (fascista). A constituição do Grande Conselho fascista, cuja formação visava normatizar o Movimento, que já se encontrava no Poder, também era algo reclamado pelos segmentos que apoiavam Mussolini. Esse Conselho serviu como órgão ativo do regime, procurando preencher o vazio deixado pela destruição das instituições do Estado liberal.⁶⁷

Entretanto, cabe frisar que nem todos os membros que integraram a MVSN eram indivíduos imbuídos pelas diretrizes fascistas. Por exemplo, Francesca Coniglio Ducceschi, imigrante siciliana, nascida em Palermo, ressalta que o seu pai tinha sido oficial voluntário da MVSN durante o Fascismo. Todavia, antes de o regime alcançar o Poder, Giovanni Coniglio, pai da entrevistada, era *bersagliere*⁶⁸, isto é, Oficial das Forças Armadas italianas e um convicto socialista que se transferiu para a MSVN com o objetivo de poder se casar⁶⁹ e não por uma questão de simpatia com as concepções do regime fascista.⁷⁰

Nas eleições de 1924 o Fascismo mostrou a sua força e a sua aceitação por grande parte da população. Através da Lei Acerbo, das alianças de Mussolini com a Igreja e com os setores dirigentes, o sucesso nas urnas foi expressivo: as legendas fascistas alcançaram 65% dos votos; as demais não atingiram nem ao menos 10 %. Contudo, nesse mesmo ano, ocorreu

⁶⁴ BERTONHA, João Fábio. **O fascismo e os imigrantes italianos no Brasil**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001. p. 26-28.

⁶⁵ *Duce* é o termo utilizado para designar Benito Mussolini. É a tradução do latim para o italiano da palavra *dux* (chefe). VINCENT, Andrew. **Ideologias políticas modernas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1995. p.147.

⁶⁶ *Squadrismo* foi um movimento formado pelas organizações fascistas que se utilizavam do uso da violência sistemática contra os adversários políticos, ameaçando, ferindo e matando. Funcionaram a serviço de Mussolini até o final da década de 20. TRENTO, Angelo. **Fascismo italiano**. São Paulo: Ática, 1986. p. 25.

⁶⁷ *Ibidem*, p. 25-26.

⁶⁸ *Bersagliere* é o Oficial de Infantaria das Forças Armadas italianas. BENEDETTI, Ivone C. (Coord.). **Dicionário Martins Fontes Italiano-Português**. São Paulo: Martins Fontes, 2004. p. 117.

⁶⁹ O Sr. Giovanni Coniglio, sendo oficial da Forças Armadas italianas, para se casar precisaria receber um dote de sua noiva. Todavia, o pai de sua noiva não tinha recursos financeiros para pagar o dote estipulado pela instituição militar. DUCCESCHI, Francesca Coniglio. **O catavento da vida**. Porto Alegre: Prosapiens, 2010. p. 13.

⁷⁰ *Idem*. **Imigração para Porto Alegre** [nov. 2010]. Entrevistadores: Leonardo de Oliveira Conedera e Egiselda Charão. Porto Alegre.

o assassinato de Giacomo Matteotti, secretário do Partido Socialista Unitário (PSU), pelos esquadrões. Dias antes havia proferido na Câmara dos Deputados um veemente discurso contra o Fascismo e sobre a ilegalidade da recém-eleição. O crime gerou diversos protestos e causou uma grande indignação em toda a Itália, como também no exterior.⁷¹

No entanto, passados alguns meses, Mussolini – discursando na Câmara dos Deputados, em janeiro de 1925 – avocou para si a autoria do delito e desafiou os seus opositores a enfrentá-lo. Ninguém ousou responder depois que o líder do Movimento encerrou a sua fala. Aqui, o *Duce* passou a imprimir ao regime uma marca mais autoritária e totalitária.⁷²

Vale ressaltar agora que, entre os anos de 1925 e 1926, ocorreu uma série de transformações significativas no Estado italiano, devido à promulgação de um conjunto de leis concebidas pelas noções autoritárias de Alfredo Rocco⁷³. Sobre isso, as Leis n. 2.263, de 1925, e n. 100, de 1926, sancionaram a hegemonia do Poder Executivo frente aos demais Poderes. As Leis ditas “fascíssimas”, do outono de 1926, as quais declaravam fora da lei todos os Partidos Antifascistas, cassavam a cidadania de vários expatriados, instituíam a pena de morte e formavam o Tribunal especial para julgar os “crimes” contra “a segurança do Estado”.⁷⁴ De acordo com Emilio Gentile e Renzo De Felice⁷⁵:

Estas leis marcaram o fim do regime pluralista e conduziram a um regime fechado, que excluía, na ideologia e na prática, qualquer forma de oposição, de dissenso ou de alternativa. O regime fascista se afirmou como uma realidade política e jurídica irreversível.

Após as conquistas do regime no âmbito político, o objetivo de Mussolini foi conquistar o consenso entre a sociedade italiana. O regime recebeu um apoio vital por parte de intelectuais, como o escritor Luigi Pirandello. No entanto, ele não foi o único solidário ao Governo Fascista. Simona Colarizi⁷⁶ lembra que:

Toda a corrente do “novecentismo” que em 1926 reunia-se em torno da Revista de Massimo Bontempelli, “900”, moveu-se em perfeita harmonia com o regime fascista

⁷¹ TRENTO, Angelo. **Fascismo italiano**. São Paulo: Ática, 1986. p. 26-29.

⁷² FACCHINETTI, Luciana. **A imigração italiana no segundo pós-guerra e a indústria brasileira nos anos 50**. 2003. 139 f. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003. p. 24.

⁷³ Alfredo Rocco foi o Ministro da Justiça no princípio do Governo de Mussolini e o responsável pelo Código Penal do período fascista. GENTILE, Emilio; DE FELICE, Renzo. **A Itália de Mussolini e a origem do Fascismo**. São Paulo: Ícone, 1988. p. 35.

⁷⁴ *Ibidem*, p. 36.

⁷⁵ *Ibidem*, p. 36.

⁷⁶ COLARIZI, Simona. **Storia del novecento italiano: cent'anni di entusiasmo, di paure, di speranze**. Milano: BUR: Biblioteca Univer. Rizzoli, 2009. p. 179. [Tradução do autor].

e, em 1927, o mesmo Bontempelli foi chamado para dirigir o sindicato de autores e escritores – em 1930 será nominado acadêmico da Itália.

Além da simpatia dos intelectuais novecentistas ao regime, o *Duce* teve no rádio um instrumento importante para disseminar e para conseguir uma maior aprovação da população a partir de 1924. Galeazzo Ciano, Ministro das Comunicações, impôs a unificação das várias empresas radiofônicas em um único órgão, a URI (União Radiofônica Italiana). O rádio tornou-se a maneira mais fácil de alcançar o maior número de cidadãos, pois no País havia uma grande parcela de analfabetos; logo, era uma minoria que lia os jornais.⁷⁷

Além da campanha radiofônica que obteve sucesso, a aprovação da Igreja ao regime – como já se declarou aqui anteriormente – contribuiu para a aceitação de Mussolini e de seu Governo pela sociedade italiana. Com efeito, o Fascismo conseguiu solucionar a questão romana que separava o Vaticano e o Estado desde 1870. Com a realização dos Pactos de Latrão, em fevereiro de 1929, o *Duce* realizou a conciliação da Igreja, que passou a reconhecer o Estado Italiano. Sem sombra de dúvida, o regime obteve vantagens imediatas, como, por exemplo, a popularidade aumentando o consenso do Governo perante as camadas populares.⁷⁸

No início da década de 1930, o Fascismo contava com plena aprovação da maioria dos italianos. Nos anos anteriores, isto é, de 1925 a 1929, o regime alicerçou os apoios necessários, permitindo a sua ascensão. Os meios de comunicação e de propaganda, de organizações e de assistência, dos tradicionais aos mais modernos e revolucionários, todos sobre o monopólio do regime, asseguraram a Mussolini o controle e o domínio sobre o país.⁷⁹

O regime assumiu, então, uma postura mais autoritária, já que dispunha do controle total do Estado e da aceitação popular. No entanto, a posição seria um estágio provisório, visto que o objetivo era alcançar o mito totalitário. Para Emilio Gentile e Renzo De Felice⁸⁰:

O fascismo autoritário e fascismo totalitário eram duas componentes do regime fascista, em um sentido que é específico à sua formação, complementares e dialeticamente contrastantes no devir do fascismo em direção ao Estado totalitário. As duas componentes coincidiam no diagnóstico sobre a crise de transição da sociedade tradicional à moderna sociedade de massas.

O consenso alcançado pelo *Duce* e pelos fascistas junto aos italianos era claramente reconhecido pelos viajantes que passavam pela Itália dos anos 30: identificavam a nítida sintonia e as manifestações públicas que evidenciavam uma simpatia das pessoas com as

⁷⁷ COLARIZI, Simona. **Storia del novecento italiano**: cent'anni di entusiasmo, di paure, di speranze. Milano: BUR: Biblioteca Univer. Rizzoli, 2009. p. 181-182.

⁷⁸ TRENTO, Angelo. **Fascismo italiano**. São Paulo: Ática, 1986. p. 32-33.

⁷⁹ COLARIZI, 2009, *op. cit.*, p. 183.

⁸⁰ TRENTO, 1986, *op. cit.*, p. 42-43.

ações realizadas pelo Governo. As políticas educacionais – Opera Nazionale Balilla (ONB), *Giuventù Italiana Del Littorio* (GIL), *Gruppo Universitario Fascista* (GUF⁸¹) –, a aprovação da Igreja, a estabilização da economia, o apoio da classes dirigentes e médias (favorecidas pela estabilidade atingida pelo regime) eram ações importantes no atual governo. Entretanto, existiam segmentos que o regime não conseguiu cativar e que apresentavam muito mais um posicionamento antes indiferente que mesmo antifascista.⁸²

O Antifascismo, na Península, apresentou uma diminuta, porém contínua, influência na sociedade italiana. Os opositores que combatiam o regime liderado por Mussolini eram compostos por socialistas, comunistas, liberais, católicos, republicanos, entre outros que discordavam da política praticada pelo governo fascista.⁸³

2.1 O FACISMO NA SICÍLIA

O Governo fascista, assim como a anterior administração de inspiração liberal, não realizou significativas transformações de ordem política, econômica e social na Sicília. Mussolini, como Chefe de Estado, destinou ainda menos recursos para a referida ilha que os seus predecessores. Nos anos 20, e mesmo durante os anos 30, o regime não soube lidar com eficiência para pôr um fim à negligência e à corrupção na qual se encontrava a gestão da política insular.⁸⁴

Os expoentes do Fascismo não conseguiram se impor de forma absoluta para manterem o poder: precisaram negociar com as velhas elites locais, isto é, com os grandes proprietários de terras. Conseqüentemente, as mudanças foram muito mais demoradas que em outras regiões da Península.⁸⁵

Durante o regime, o isolamento de muitos locais da ilha prosseguiu, porquanto a estrutura ferroviária e os outros meios de transporte eram deficitários. Em muitos casos, o acesso a certos *paesi*, especialmente aqueles da parte interna, acontecia através de coligações pelos leitos secos de alguns rios.⁸⁶

⁸¹ Os referidos grupos são órgãos criados e mantidos pelo regime a fim de ideologizar todos os jovens peninsulares, desde a infância até a sua maturidade. TRENTO, Angelo. **Fascismo italiano**. São Paulo: Ática, 1986. p. 42.

⁸² *Ibidem*, p. 50-52.

⁸³ FACCHINETTI, Luciana. **A imigração italiana no segundo pós-guerra e a indústria brasileira nos anos 50**. 2003. 139 f. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003. p. 27-30.

⁸⁴ FINLEY, Moses I.; SMITH, Denis Mack; DUGGAN, Christopher J. H. **Breve storia della Sicilia**. Bari: Laterza, 2009. p. 312.

⁸⁵ *Ibidem*, p. 312.

⁸⁶ *Ibidem*, p. 313.

Mais do que nunca, o *Duce* tinha como princípio fazer da Itália um país forte, isto é, autossuficiente, moderno, dispendo de uma indústria forte, que seria mantida com investimentos na parte setentrional, enquanto que a parte meridional forneceria matérias-primas e alimentos a baixo custo.⁸⁷

A política agrária do regime logo acabou causando a *batalha do trigo*, isto é, uma “batalha” que consistia na manutenção de elevados valores com relação ao preço do trigo e ao de outros cereais, como também na diminuição do consumo destes alimentos pela população. Além disso, a ênfase na produção massiva de cereais, ao mesmo tempo, prejudicou o cultivo e a exportação de outros produtos, como, por exemplo, a uva (para o vinho), as azeitonas (para o azeite), as laranjas e os limões.⁸⁸

A questão do aumento da produção também seguia a orientação da política demográfica mussoliniana, cuja equação era a seguinte: mais cereais = mais população = mais força militar.⁸⁹ Rosario Mangiameli⁹⁰ aponta que:

Na Sicília, caso único na Itália, a propriedade do subsolo era privada, o que representava uma grande vantagem para os proprietários que arrendavam aos empreendedores usuários das terras de explorar com o mesmo critério com o qual se arrendavam os latifúndios. Com a Lei de 1927, os subsolos foram adquiridos como patrimônio do Estado, mas não imediatamente: a estatização tornar-se-ia operacional depois de 99 anos. Na prática o subsolo ficou privado e a sua exploração dos seus recursos à disposição das classes dominantes.

Outra medida de Mussolini visando às questões agrárias foi a campanha de ruralização, que tinha como meta desmotivar as migrações dos contingentes residentes no campo para as cidades. A proposta governamental também pretendia amenizar uma maior concentração de pessoas no meio urbano, visto que em muitas dessas cidades existia um certo descontentamento pela falta de habitações para uma parcela de cidadãos.⁹¹

É necessário destacar que o incentivo à industrialização no *mezzogiorno* não era uma prioridade na política do regime. Nesse sentido, a indústria siciliana prosseguiu em grande parte em estágio artesanal e com base familiar. O número total de trabalhadores empregados

⁸⁷ FINLEY, Moses I.; SMITH, Denis Mack; DUGGAN, Christopher J. H. **Breve storia della Sicilia**. Bari: Laterza, 2009. p. 313.

⁸⁸ TRENTO, Angelo. **Fascismo italiano**. São Paulo: Ática, 1986. p. 42-43.

⁸⁹ MANGIAMELI, Rosario. La Sicilia dalla prima guerra mondiale alla caduta del fascismo. In: BENIGNO, F. e GIARRIZZO, G. (a cura). **Storia della Sicilia: Dal Seicento a oggi**. Bari: Laterza, 2003. p. 164.

⁹⁰ *Ibidem*, p. 167. [Tradução do autor].

⁹¹ TRENTO, 1986, *op. cit.*, p. 43-44.

no setor secundário cresceu pouco, pois apresentava um crescimento insignificante com relação ao período de 50 anos antes do Fascismo.⁹²

Outro motivo para o não desenvolvimento da indústria no sul da Itália deveu-se ao fato de o reduzido interesse de empreendedores e políticos nunca favorecer o crescimento daquela atividade. No norte, entretanto, o segmento dos políticos possuía uma vinculação com os grandes latifundiários que não tinham interesse de aplicar em tal setor econômico, porém havia sintonia entre investidores e políticos atilados em viabilizar tal sucesso.⁹³

Na articulação política de membros do Partido Fascista na Sicília destacaram-se dois expoentes: Alfredo Cuocco e Cesare Mori. O primeiro era um jovem político que visava impor a todo custo as diretrizes do regime na sociedade siciliana. No entanto, Cuocco caiu em desgraça, pois travou um enfrentamento constante com a Máfia⁹⁴ e com as elites clientelistas que gozavam de grande influência e simpatia no cenário político e social. Prova disso é que terminou derrotado nas eleições de 1925.⁹⁵

Após o malogro de Alfredo Cuocco, Cesare Mori torna-se o representante do Fascismo na ilha. Diferentemente de Cuocco, procurou desenvolver alianças com os grandes proprietários de terra; deste modo, reinaugurou e fortaleceu o Fascismo na Sicília com o amparo da velha aristocracia. Outra importante providência de Mori foi combater a Máfia, já que a observava como uma organização criminal que precisava desaparecer, pois representava uma ameaça ao regime e à sociedade.⁹⁶

Sobre o assunto, vale referir que, após o final da Primeira Guerra Mundial, o problema da criminalidade mafiosa era verídico e dramático na sociedade insular. Em 1919, no primeiro ano após o término da guerra, somente na cidade de Canicattì, Província de Agrigento, registraram-se 109 homicídios. De fato, a Máfia contava com uma forte presença nos ambientes rurais. A peculiaridade que caracterizou as atividades mafiosas deste período de pós-Guerra diz respeito à proteção que os mafiosos realizaram para os grandes proprietários

⁹² FINLEY, Moses I.; SMITH, Denis Mack; DUGGAN, Christopher J. H. **Breve storia della Sicilia**. Bari: Laterza, 2009. p. 318.

⁹³ BEVILACQUA, Piero. **Breve storia dell'Italia meridionale**. Roma: Donzelli, 2005. p. 97.

⁹⁴ A primeira menção à palavra “Máfia” aconteceu em 1865 em documentação oficial, na cidade de Palermo. Salvatore Lupo apresenta, desde a Unificação italiana até hoje, três definições do termo Máfia: “1. Costume popular regional siciliano (ou de gênero meridional), e, portanto, uma subcultura local de tipo arcaico, baseada no senso da honra que induziria as pessoas a praticarem a justiça por si mesmas, armas à mão, sem recorrer à lei do Estado; 2. Uma prática baseada na corrupção e no ilícito “troca de favores”, no uso da ilegalidade e da violência na gestão do poder político e dos negócios, que se fazem protagonistas os expoentes das instituições, as classes dirigentes, os empreendedores; 3. Uma forma particularmente difusa e eficiente de criminalidade organizada, dotada de uma grande capacidade interna, como também uma grande capacidade de ocultar os próprios delitos e acumular dinheiro”. LUPU, Salvatore. *La Mafia*. In: BENIGNO, F. e GIARRIZZO, G. (a cura). **Storia della Sicilia**: dal Seicento a oggi. Bari: Laterza, 2003. p. 134.

⁹⁵ *Ibidem*, p. 313-314.

⁹⁶ *Ibidem*, p. 313-314.

de terra e também para as pequenas cooperativas que reivindicavam o arrendamento de terras. Como se constata, as ações da Máfia funcionavam como um forte poder paralelo ao Estado.⁹⁷

Também se deve observar que o governo fascista aumentou o rigor quanto à aquisição de terras na ilha. Além disso, os fascistas, enquanto estavam no poder, bem como o próprio *Duce*, realizaram inúmeras promessas. No entanto, foram poucas as realizadas, especialmente aquelas que representariam melhorias para os setores populares. É preciso lembrar, porém, que muitos desses projetos acabaram inviabilizados, devido ao fato de os consórcios das obras públicas estarem concentrados nas mãos dos grandes latifundiários.⁹⁸

Outro motivo para a não realização dessas significativas obras na Sicília deveu-se à perda de interesse do regime em investir na ilha. O Fascismo aplicou, enquanto permaneceu no poder, três vezes mais na Puglia e quinze vezes mais na Emilia-Romagna que na Sicília. Com efeito, o regime sempre procurou cuidar de uma possível revolta contra o Governo – e temia isso –, já que, na parte setentrional do país, a estrutura industrial constituía-se em um cenário mais instável, pelo ativismo operário existente.⁹⁹

Além disso, na maior parte das zonas da ilha continuavam a existir os latifúndios. A agricultura era ainda em grande parte nômade e os contratos de arrendamento, frequentemente de curta duração. As terras ainda prosseguiram sendo chamadas de “feudos”. Muitos camponeses viviam em cabanas de uma peça, junto aos seus animais, como faziam os seus antepassados, e mantinham uma economia de subsistência – pareciam, de fato, pertencer a um mundo distante do século XX.¹⁰⁰ O Fascismo certamente não penetrou no interior da Sicília – as mudanças foram, pois, mínimas na qualidade de vida da população rural.

Também se assinala que um grave problema na sociedade insular foi o desemprego. A taxa de crescimento econômico da Sicília não ultrapassou 1% ao ano. Muitos sicilianos tinham pão para comer, contudo, a carne era um privilégio para poucos. A assistência pública era mal organizada, muitas cidades encontravam-se endividadas, logo, não possuíam recursos que suprissem as negligências do Estado.¹⁰¹

Em síntese, Mussolini e os representantes fascistas prometeram melhorias para a população insular, mas pouco fizeram para tanto. Além disso, os fascistas, para governar, precisaram negociar com os grandes proprietários que procuraram manter as mesmas

⁹⁷ MANGIAMELI, Rosario. La Sicilia dalla prima guerra mondiale alla caduta del fascismo. In: BENIGNO, F. e GIARRIZZO, G. (a cura). **Storia della Sicilia: Dal Seicento a oggi**. Bari: Laterza, 2003. p. 159-160.

⁹⁸ FINLEY, Moses I.; SMITH, Denis Mack; DUGGAN, Christopher J. H. **Breve storia della Sicilia**. Bari: Laterza, 2009. p. 317.

⁹⁹ *Ibidem*, p. 317.

¹⁰⁰ *Ibidem*, p. 320.

¹⁰¹ *Ibidem*, p. 320.

condições existentes na ilha no período anterior à chegada do PNF ao poder. Mais do que nunca, o Fascismo não modificou significativamente o contexto dos sicilianos. Algumas alterações ocorreram, mas foram insuficientes para modificar a realidade existente.

2.2 A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

A Segunda Guerra Mundial teve início em 1939 por iniciativa de Hitler, que desejava a concretização do Terceiro Reich. No início do conflito, a Itália estava ao lado da Alemanha. A aproximação entre os dois países aconteceu antes de o conflito eclodir. Em 1936, o *Duce* – a fim de desviar a atenção da população dos problemas sociais – invadiu a Etiópia para fortalecer o *status* da Itália no plano internacional. A anexação do primeiro país colocava o segundo no cenário da corrida imperialista na África.¹⁰²

A partir de campanhas propagandísticas, entre outros subterfúgios, o regime conseguiu mobilizar a “Nação”. Com a anexação da Etiópia, os fascistas visavam aumentar as posses da “pátria” italiana, além de reforçar as ideologias, a saber, o Nacionalismo e o Imperialismo. A Guerra da Etiópia mobilizou 400 mil soldados italianos e alcançou a vitória, devido ao desinteresse da França e da Inglaterra de conservar uma maior aproximação com o país peninsular. Esse fato também contribuiu para a vinculação entre Itália e Alemanha.¹⁰³

Ainda em 1936, Mussolini enviou tropas formadas por voluntários italianos que foram atraídos pelas altas promessas de remuneração. Mais de 70 mil peninsulares partiram para a Espanha a fim de lutar a favor dos monarquistas do General Franco. Muitos daqueles que combateram na Espanha eram trabalhadores rurais desempregados ou subempregados.¹⁰⁴

Com o pacto da Amizade, eixo Roma-Berlim, assinado em outubro de 1936, começou a aliança entre os dois países, circunstância que definiria a posição da Itália na Segunda Guerra Mundial.¹⁰⁵

Em 1939, teve início o conflito com a invasão alemã à Polônia e à Tchecoslováquia. No entanto, no princípio da Guerra, mesmo sendo a Itália aliada da Alemanha, o *Duce* precisou adotar uma postura de não beligerância, pois as tropas italianas não estavam

¹⁰² TRENTO, Angelo. **Fascismo italiano**. São Paulo: Ática, 1986. p. 57.

¹⁰³ *Ibidem*, p. 58-59.

¹⁰⁴ COLARIZI, Simona. **Storia del novecento italiano: cent'anni di entusiasmo, di paure, di speranze**. Milano: BUR: Biblioteca Univer. Rizzoli, 2009. p. 230.

¹⁰⁵ TRENTO, 1986, *op. cit.*, p. 59.

devidamente preparadas para um conflito de tamanha envergadura. Nesse sentido, o país comprometeu-se com a Alemanha em ingressar nos campos de batalha em 1942.¹⁰⁶

Nos anos de 1939 a 1940, o regime enfrentou inúmeras adversidades. Mussolini assumiu a incapacidade momentânea de as tropas peninsulares entrarem no conflito. Esse ato gerou uma repercussão negativa em diversos setores da sociedade, mas, especialmente, entre os apoiadores e membros do Fascismo, porque o regime, com aquela postura citada acima, demonstrava as suas fragilidades e a sua incapacidade de alcançar o objetivo de construir a grande Itália fascista, herdeira da Roma imperial, algo que se apresentava cada vez mais utópico.¹⁰⁷

Embora conhecendo as debilidades do Exército italiano, Mussolini entrou na Guerra em junho de 1940, visto que estava muito entusiasmado pelas rápidas e eficientes conquistas dos militares alemães. Além disso, o Chefe de Estado italiano temia a iminência da derrota francesa perante a Alemanha e a não participação nesta vitória do Eixo frente ao seu mais forte adversário continental. Na visão do *Duce*, o desfecho das batalhas era uma questão de pouco tempo, tanto é que se difundiu a ideia da guerra-relâmpago. A população estava convicta de que seria uma loucura deixar o país fora da partilha que ocorreria entre os vencedores do conflito em relação à África.¹⁰⁸

É necessário frisar também que o período de 1939 a 1941 foi marcado por contradições e por ambiguidades – foi o período de preparação para o sangrento combate que estava por vir. As batalhas que decidiriam a Guerra começariam a desenrolar a partir do ingresso dos Estados Unidos e da União Soviética em 1941.¹⁰⁹

Como se sabe, a participação italiana na Guerra foi desastrosa. Os insucessos obtidos pelas tropas nos confrontos contra a Grécia e Albânia, derrotadas graças à intervenção das forças alemãs, demonstraram as debilidades do exército italiano. A partir desses dois malogros, contra os gregos e albaneses, a Alemanha passou a considerar o apoio italiano com desprezo.¹¹⁰ Angelo Trento¹¹¹ assevera que:

Os nazistas começaram a desprezar seus aliados, como ficou evidenciado na campanha da Rússia, onde os soldados italianos foram dizimados entre dezembro de 1942 e janeiro de 1943, totalmente desprovidos e abandonados pelos alemães. [...]

¹⁰⁶ COLARIZI, Simona. **Storia del novecento italiano: cent'anni di entusiasmo, di paure, di speranze**. Milano: BUR: Biblioteca Univer. Rizzoli, 2009. p. 250.

¹⁰⁷ *Ibidem*, p. 250-251.

¹⁰⁸ TRENTO, Angelo. **Fascismo italiano**. São Paulo: Ática, 1986. p. 66-67.

¹⁰⁹ VIZENTINI, Paulo Fagundes. **As guerras mundiais (1914-1945)**. Porto Alegre: Leitura XXI, 2003. p. 91.

¹¹⁰ TRENTO, 1986, *op. cit.*, p. 67-68.

¹¹¹ *Ibidem*, p. 68.

Não foi por acaso que muitos dos futuros combatentes da Resistência tenham passado pela experiência da Rússia.

Os cidadãos peninsulares, nos primeiros meses em que o país entrou no conflito, expressavam-se partidários do regime, entusiasmados pelas grandes vitórias que a nação alcançaria estando ao lado de Hitler. Contudo, as manifestações a favor do Governo e a continuação da Guerra cessaram subitamente quando o desenrolar dos combates não apresentava uma perspectiva de rápido desfecho.¹¹²

Em meio ao conflito, a Itália também passava por dificuldades internas. Inúmeras cidades encontravam-se com problemas: no comércio, havia reveses para repor as mercadorias. O desemprego aumentava e, pouco a pouco, os segmentos dirigentes afastavam-se do regime.¹¹³

As adversidades, que começaram a aparecer durante a Guerra, indignavam grande parcela da população que se sentia ludibriada pelo *Duce* que, quando ingressou no referido combate, sustentava a promessa de guerra-relâmpago. Ao mesmo tempo em que o país era atingido pela destruição dos confrontos bélicos, como, por exemplo, o bombardeio de cidades do norte italiano e de Roma entre 1942 e 1943, ocorria o avanço das tropas dos Aliados.

Frente a esse contexto desfavorável, o Rei Vittorio Emanuele III, amparado pelos setores dirigentes (Igreja e burguesia industrial) e pela maior parte da população, em sessão do Grande Conselho, em 24 de julho de 1943, concedeu a Mussolini um voto de desconfiança – o *Duce* acabou, pois, sendo preso na noite do dia posterior. Tal acontecimento gerou um forte impacto na sociedade, que respaldou a decisão do Rei, extravasando ainda os seus ânimos contra os monumentos, entre outros símbolos que faziam menção ao Fascismo.¹¹⁴

Com a destituição do líder fascista, o Rei nomeou o General Badoglio como novo Ministro: este último tratou de viabilizar o armistício com os Aliados. Todavia, tal ato provocou o agravamento da situação italiana, pois as tropas alemãs aumentaram o cerco sobre a Itália.

Após o anúncio de Badoglio, no rádio, a respeito do acordo com os Aliados, o Rei e a família real abandonaram Roma para se refugiar em Pescara. O Ministro ordenou às Forças Armadas o cessar-fogo contra os Aliados. Aos poucos, o Exército dissolvia-se e muitos foram os soldados que retornaram para junto de suas famílias antes que as tropas alemãs os

¹¹² COLARIZI, Simona. **Storia del novecento italiano: cent'anni di entusiasmo, di paure, di speranze**. Milano: BUR: Biblioteca Univer. Rizzoli, 2009. p. 255-260.

¹¹³ FACCHINETTI, Luciana. **A imigração italiana no segundo pós-guerra e a indústria brasileira nos anos 50**. 2003. 139 f. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003. p. 31.

¹¹⁴ TRENTO, 1986, *op. cit.*, p. 68-70.

impedissem. Todavia, mais de 500 mil militares italianos foram aprisionados e deportados para a Alemanha.¹¹⁵

A Península, em 1943, acabou dividida em duas partes: a partir de Nápoles, o sul estava ocupado pelos Aliados e pelo Rei; Mussolini e os alemães dominavam o centro e o norte. O apoio do *Führer* auxiliou o *Duce* a constituir a República Social Italiana na cidade de Salò. A condição de República fundada servia apenas aos interesses das forças alemãs que se encontravam na Itália. O “Governo de Salò” manteve o controle do território setentrional, enfrentando a resistência dos *partigiani*.¹¹⁶

A Segunda Guerra Mundial foi um conflito de extensão global que ocorreu por uma multiplicidade de causas: a corrida imperialista dos países europeus, o revanchismo alemão, o surgimento de movimentos totalitários, as políticas externas praticadas pelas potências mundiais, entre outras. Entretanto, de acordo com Paulo Fagundes Vizontini¹¹⁷, três fatores significativos determinaram a derrota das tropas do Eixo:

[...] em primeiro lugar, a grande força econômico-industrial e tecnológico-militar dos Estados Unidos. [...] A URSS teve o papel preponderante na derrota do Terceiro Reich e constituiu o segundo fator para a vitória aliada. [...] As resistências tornaram-se, especialmente na Europa, importantes movimentos político-militares, nos quais as forças da esquerda – sobretudo a comunista – acentuavam-se como resultado da própria luta, tornando um fator político de primeira grandeza como condicionante do processo de reordenação do Pós-Guerra.

Assim como a Primeira, a Segunda Guerra Mundial significou um importante e inesquecível capítulo na vida de muitas famílias italianas. Em abril de 1945, o *Duce* foi capturado, quando tentava se refugiar na Suíça, com 2 mil partidários do regime. Mussolini foi fuzilado, encerrando, assim, mais uma página dramática na história italiana.¹¹⁸

2.2.1 A SEGUNDA GUERRA NA SICÍLIA

Depois da entrada da Itália no conflito, todas as regiões enfrentaram as dificuldades acarretadas pelo ambiente beligerante. A Sicília sofreu, como as outras regiões¹¹⁹ do sul da

¹¹⁵ FACCHINETTI, Luciana. **A imigração italiana no segundo pós-guerra e a indústria brasileira nos anos 50**. 2003. 139 f. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003. p. 32-33.

¹¹⁶ CAROCCI, Giampiero. **Storia d'Italia dall'Unità a Oggi**. Milano: Feltrinelli, 1989. p. 52-53.

¹¹⁷ VIZENTINI, Paulo Fagundes. **As guerras mundiais (1914-1945)**. Porto Alegre: Leitura XXI, 2003. p. 161-163.

¹¹⁸ TRENTO, Angelo. **Fascismo italiano**. São Paulo: Ática, 1986. p. 76-77.

¹¹⁹ Região – refere-se às unidades territoriais (*Regione*) na Itália. O país é constituído por 20 Regiões, subdivididas em províncias.

Península, um agravamento de sua situação com o alastramento dos combates. Francesca Coniglio Ducceschi¹²⁰ recorda que:

Com a declaração de Guerra, haviam começado os ataques aéreos e, desta maneira, foi preciso pensar em providenciar abrigos nas próprias residências, já que as bombas principiavam a cair como chuva. [...] À noite, ficava-se na dúvida entre ir para a cama e esperar o alarme, que tocava, religiosamente, por volta das onze e meia, acompanhado pelos respectivos bombardeios. [...] Pelas ruas, as pessoas se olhavam como fantasmas, estupefactas por estarem ainda vivas. A cada dia, recebíamos notícias de amigos, parentes e outras pessoas que morriam; as casas iam abaixo como fossem feitas de biscoito, sepultando famílias inteiras.

Cabe referir, também, que o conflito trouxe enormes problemas para o abastecimento, pois os mercados se encontravam fechados e a importação de comida foi inviabilizada. Logo, um grande número de insulares ficou com uma dieta restrita a laranjas, entre outras frutas, e a grãos cultivados na região.¹²¹

A ilha, além dos problemas internos por que atravessava, era estratégica para as tropas aliadas desembarcarem e iniciarem o ataque às tropas do Eixo, visto que, historicamente, a região sempre foi entrada para aqueles que desejassem invadir a Península Itálica. Em julho de 1943, as tropas aliadas desembarcaram na Sicília; os Exércitos americanos passaram por Gela em direção a Palermo e depois para Messina, enquanto que os britânicos de Pachino foram para Siracusa e Catania. Dali posteriormente adentraram no Continente. As defesas inapropriadas e arcaicas eram inúteis para deter qualquer espécie de invasão: os Aliados, assim, não tiveram empecilho para aportar em território “inimigo”.¹²²

Os soldados ingleses, mas especialmente os americanos, trouxeram para os sicilianos – como ao restante da população meridional, à medida que as tropas Aliadas avançaram – alimentos, como, por exemplo, pães e chocolate, entre outras provisões. Desse modo, aos olhos dos habitantes os jovens militares eram vistos como os heróis dos filmes de Hollywood (protagonizados por John Wayne, Clark Gable e James Stuart, entre outros grandes atores que brilhavam nas produções cinematográficas norte-americanas). O regime não conseguiu impedir o ingresso do sonho americano através do cinema, que, durante o regime fascista, foi utilizado como veículo difusor da propaganda do regime.¹²³

Vale ressaltar que os combates ocorridos entre as tropas aliadas e as do Eixo deixaram um rastro de ruína nas cidades sicilianas; algumas localidades quase desapareceram. Após a

¹²⁰ DUCCESCHI, Francesca Coniglio. **O catavento da vida**. Porto Alegre: Prosapiens, 2010. p. 39.

¹²¹ FINLEY, Moses I.; SMITH, Denis Mack; DUGGAN, Christopher J. H. **Breve storia della Sicilia**. Bari: Laterza, 2009. p. 321.

¹²² *Ibidem*, p. 322.

¹²³ COLARIZI, Simona. **Storia del novecento italiano: cent'anni di entusiasmo, di paure, di speranze**. Milano: BUR: Biblioteca Univer. Rizzoli, 2009. p. 297.

conquista militar realizada pelas tropas aliadas, a comida e os medicamentos, entre outros itens importantes, retornaram à sociedade insular através das mãos dos vencedores.¹²⁴ Muito mais que mantimentos, Mangiameli¹²⁵ afirma que “a presença americana definiu uma marca democrática de resgate e de atenção para aqueles setores campestres que deram uma maior contribuição para a emigração. O mito da América alcançou assim o seu ponto máximo”.

De fato, a consequência da ocupação da Sicília gerou uma instabilidade fatal para o regime fascista. A tomada da ilha pelas forças aliadas foi um ponto imprescindível para a destituição de Mussolini do cargo de Primeiro-Ministro. Em 1943, o novo Ministro, General Badoglio, tratou a questão do armistício da Itália com os Aliados na cidade de Cassibile, Província de Siracusa. Porém, depois dessa ação do Estado italiano, as tropas alemãs processaram uma maior ocupação na Península e transformaram-na em um efetivo campo de batalha.¹²⁶

Em meio à Guerra, a Máfia começou novamente a se movimentar. As ações fascistas que combateram duramente a referida organização, através das medidas do Prefeito de Palermo, Cesare Mori, foram eficazes, mas não extirparam as organizações criminais. Com o ambiente beligerante, os Chefes da Máfia conseguiram retornar à cena.¹²⁷

Uma das principais circunstâncias que favoreceu o retorno das organizações mafiosas foi a situação de caos, de fome e de desesperança que golpeou a sociedade siciliana. Os camponeses, que aos poucos recomeçavam a trabalhar nas terras dos grandes proprietários, mais uma vez retornaram para servir aos latifundiários. Através dos serviços contratados junto aos Chefes da Máfia, os donos de terras garantiam uma exploração da mão de obra existente, que se via sem outra alternativa senão a submissão à rotina de trabalho anterior.¹²⁸

¹²⁴ FINLEY, Moses I.; SMITH, Denis Mack; DUGGAN, Christopher J. H. **Breve storia della Sicilia**. Bari: Laterza, 2009. p. 322-323.

¹²⁵ MANGIAMELI, Rosario. La Sicilia dalla prima guerra mondiale alla caduta del fascismo. In: BENIGNO, F. e GIARRIZZO, G. (a cura). **Storia della Sicilia: Dal Seicento a oggi**. Bari: Laterza, 2003. p. 172. [Tradução livre do autor].

¹²⁶ *Ibidem*, p. 173.

¹²⁷ COLARIZI, Simona. **Storia del novecento italiano: cent'anni di entusiasmo, di paure, di speranze**. Milano: BUR: Biblioteca Univer. Rizzoli, 2009. p. 299.

¹²⁸ FINLEY; SMITH; DUGGAN, 2009, *op. cit.*, p. 323-324.

2.3 O PÓS-GUERRA

Com o fim da Segunda Guerra Mundial, em 1945, a situação da Itália era péssima. A destruição causada pelo conflito, somada aos problemas legados pelo governo fascista, que se manteve por mais de duas décadas no poder, contribuíram para o difícil contexto.

A Segunda Guerra, diferentemente da Primeira, trouxe ainda mais adversidades para a Península Itálica. Como o referido território acabou sendo palco de inúmeras batalhas, expôs um cenário muito mais dramático que aquele vivenciado no primeiro, entre os anos de 1914 a 1918. Grande parte do país sofreu prejuízos na infraestrutura urbana e industrial.¹²⁹

A nova ordem política, após o final da Guerra, era orientada pelos Estados Unidos. Esse país, depois da Grande Depressão dos anos 30, temia as crises cíclicas do sistema capitalista tanto quanto o comunismo. Assim, criaram, em 1944, a Bretton Woods, o Fundo Monetário Internacional para financiar as economias capitalistas nos momentos de adversidade. Nesse sentido, os estadunidenses foram os primeiros responsáveis pelas medidas viabilizadas para a reconstrução, no imediato pós-guerra, dos países da Europa através de ajudas gratuitas e de empréstimos.¹³⁰

O conflito acarretou profundas consequências para a península também na esfera política. Com o fim da Guerra e com a morte de Mussolini, o regime fascista encerrou o seu ciclo no poder. A monarquia ficou em descrédito para grande parte da população pela sua aprovação ao regime implementado pelo *Duce*. Além disso, a fuga do Rei Vittorio Emanuele III, durante o conflito, causou uma grande insatisfação nos cidadãos, que se viram abandonados pelo seu governante.¹³¹

Iniciou-se um outro modelo de governo, em 1945, que visava apagar da memória dos italianos os infortúnios causados pelo Fascismo e pela monarquia: pretendia-se, pois, restabelecer a democracia. De junho a dezembro de 1945, os Partidos Antifascistas assumiram o Governo. Ferruccio Parri, que fazia parte do Partido da Ação e que havia combatido o Fascismo como *partigiano*, assumiu como Primeiro-Ministro. O Governo de Parri procurou punir os responsáveis pelo Fascismo, mas também se comprometeu a realizar uma extrema renovação política e moral na Península.¹³²

¹²⁹ BERTONHA, João Fábio. **Os italianos**. São Paulo: Contexto, 2005. p. 75.

¹³⁰ D'ANTONE, Lea. Verso e oltre il "miracolo economico". In: BENIGNO, F. e GIARRIZZO, G. (a cura). **Storia della Sicilia: dal seicento a oggi**. Bari: Laterza, 2003. p. 178.

¹³¹ TRENTO, Angelo. **Fascismo italiano**. São Paulo: Ática, 1986. p. 73.

¹³² FACCHINETTI, Luciana. **A imigração italiana no segundo pós-guerra e a indústria brasileira nos anos 50**. 2003. 139 f. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003. p. 37-38.

As punições previstas aos membros do regime fascista não se realizaram devido à continuidade da monarquia, que ainda interligava o novo governo italiano ao seu predecessor. A impossibilidade de distinguir os laços entre o Fascismo da fidelidade ao rei e à monarquia, que simbolizava o Estado, inviabilizou, portanto, a condenação de indivíduos – logo, a maioria dos fascistas foi anistiada.¹³³ Sobre tudo isso, Colarizi¹³⁴ comenta:

A Itália de 1945 não é um laboratório asséptico; antes, é um vulcão que parece estar a ponto de explodir a qualquer momento, porque os problemas imediatos a serem resolvidos são infinitos e o choque entre os Partidos torna-se cada dia mais áspero, na eminência dos prazos eleitorais. Pela primeira vez, depois de vinte anos de ditadura, o povo italiano vem chamado para as urnas para eleger os seus representantes nas administrações locais e na Assembléia Constituinte. E, desta vez, votam também as mulheres.

Nas eleições de 02 de junho de 1946, com a participação de 89,1% da população eleitoral, o resultado alcançado entre os partidos foi 35,2% para a Democracia Cristã (DC), 20,7% para o Partido Socialista Italiano pela Unidade Proletária (PSIUP) e 18,9% para o Comunista (PCI). De Gaspari assumiu a Presidência do Conselho italiano que contava com a aliança dos três partidos citados. Tal contexto político transparecia um momento de exceção na História da Política italiana. No entanto, o cenário não foi uma peculiaridade exclusiva da Península, porquanto de Leste a Oeste na Europa existiu uma aliança, no ano de 1946, entre as democracias ocidentais e a União Soviética.¹³⁵ Além disso, os reflexos políticos, no contexto do pós-guerra, na área comercial foram crescentes e promoveram, no decorrer dos anos 50, todas as regiões italianas em níveis de rendimento e de consumo nunca antes vistos.¹³⁶

Grandes reformas foram realizadas nos primeiros anos do pós-guerra pelo governo republicano, as quais trouxeram consenso ao meio rural; além disso, inaugura-se e fortifica-se a hegemonia de um partido único, a Democracia Cristã (DC), cuja ação sinalizava uma liderança de uso privado e clientelístico do poder público.¹³⁷

O sucesso da Democracia Cristã não ocorreu apenas no espaço rural, mas também no ambiente urbano. O partido buscou cativar e atingir os setores médios da sociedade italiana (artesãos, funcionários públicos, pequenos comerciantes, entre outros). Ainda, o apoio da Igreja Católica auxiliou na conquista de partidários e simpatizantes. Em síntese, a DC

¹³³ FACCHINETTI, Luciana. **A imigração italiana no segundo pós-guerra e a indústria brasileira nos anos 50**. 2003. 139 f. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003. p. 38.

¹³⁴ COLARIZI, Simona. **Storia del novecento italiano: cent'anni di entusiasmo, di paure, di speranze**. Milano: BUR: Biblioteca Univer. Rizzoli, 2009. p. 311. [Tradução livre do autor].

¹³⁵ *Ibidem*, p. 312.

¹³⁶ D'ANTONE, Lea. Verso e oltre il “miracolo economico”. In: BENIGNO, F. e GIARRIZZO, G. (a cura). **Storia della Sicilia: dal seicento a oggi**. Bari: Laterza, 2003. p. 181.

¹³⁷ BEVILACQUA, Piero. **Breve storia dell'Italia meridionale**. Roma: Donzelli, 2005. p. 138.

focalizou os seus esforços em seduzir os membros dos segmentos médios que garantiram – para o regime no passado – o consenso ao Partido Fascista.¹³⁸ Cabe frisar que a Igreja foi a única instituição não duramente prejudicada pela Guerra. No entanto, o Papa Pio XII, a partir dos anos 50, tinha o intuito de combater o comunismo presente na sociedade italiana.¹³⁹

Para a Itália, os incentivos advindos do Plano Marshall tiveram uma atuação muito lenta e não supriram boa parte das necessidades da população existente. A emigração, assim, tornava-se uma alternativa necessária para a economia do país. De Gaspari observa que, se os EUA viabilizassem ao menos parte da emigração, a Itália não precisaria do auxílio do plano econômico oferecido pelos americanos. Para o governo italiano, a emigração era mais uma vez em sua história uma maneira de dispensar o excedente populacional que alimentava de certa forma o desemprego, como também contribuía para o registro dos baixos índices de renda *per capita*.¹⁴⁰ Contudo, também se deve ressaltar que o Plano Marshall possibilitou, entre os anos de 1947 e 1952, uma entrada de bens materiais, dólares e tecnologias norte-americanas às economias européias.¹⁴¹

Com efeito, o Plano Marshall ajudaria a sanar as debilidades econômicas e sociais do país, porque, em 1945, as produções industrial e agrícola demonstravam preocupantes índices, dado que o primeiro apresentava uma diminuição de 40% na sua produção em relação aos resultados obtidos antes do início da Guerra, enquanto que a situação era ainda mais grave na agricultura, já que apontava 70 % de queda.¹⁴² Ainda sobre o assunto, Bevilacqua¹⁴³ comenta:

Após a Segunda Guerra Mundial, com a progressiva entrada dos retornados (milhares e milhares de camponeses que voltavam para casa), os campos do *mezzogiorno* transformaram-se, inevitavelmente, no teatro de agudos conflitos sociais. Sobretudo nas tradicionais áreas de latifúndios, em Crotonese (Calábria), em Tavoliere (Puglia), e na Sicília interna (Caltanissetta), a presença crescente de massas de trabalhadores desempregados dava lugar a movimentos de ocupações de terras, primeiramente espontâneos e depois sempre mais organizados. [...] Tais movimentos – que haviam como objetivos o trabalho e a posse da terra – olhavam a realidade relativamente delimitada dos campos, ainda se as tensões reivindicativas envolvessem colonos e meeiros em outras áreas onde a propriedade absenteísta do latifúndio era inexistente.

¹³⁸ FACCHINETTI, Luciana. **A imigração italiana no segundo pós-guerra e a indústria brasileira nos anos 50**. 2003. 139 f. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003. p. 41.

¹³⁹ CAROCCI, Giampiero. **Storia d'Italia dall'Unità a Oggi**. Milano: Feltrinelli, 1989. p. 71.

¹⁴⁰ FACCHINETTI, 2003, *op. cit.*, p. 41.

¹⁴¹ D'ANTONE, Lea. Verso e oltre il “miracolo economico”. In: BENIGNO, F. e GIARRIZZO, G. (a cura). **Storia della Sicilia: dal seicento a oggi**. Bari: Laterza, 2003. p. 178.

¹⁴² BERTONHA, João Fábio. **Os italianos**. São Paulo: Contexto, 2005. p. 135.

¹⁴³ BEVILACQUA, Piero. **Breve storia dell'Italia meridionale**. Roma: Donzelli, 2005. p. 138. [Tradução do autor].

É necessário comentar também que, entre os anos de 1948 e 1950, a existência de movimentos grevistas e de protestos sociais atingiu o país com um impacto sem precedentes, como a paralisação de trabalhadores agrícolas no *mezzogiorno*; da mesma forma, os operários do centro e do norte da Península realizavam as suas manifestações. Então, o governo italiano, com a ajuda dos Estados Unidos, promoveu e subsidiou parte da emigração, a fim de dirimir as tensões sociais internas, porque também os dois países temiam a hipótese de fortalecimento dos Partidos de Esquerda.¹⁴⁴

Em 1950, com o restabelecimento de boa parte das estruturas destruídas pela Guerra, a Itália ainda continuava em uma condição inferior aos demais países da Europa Ocidental. As melhorias econômicas e sociais ocorreram; contudo, os números ainda atestavam um panorama desconfortável, pois a renda *per capita* italiana equivalia à metade da inglesa e a um quarto em relação à dos Estados Unidos. Além disso, algumas pesquisas do período atestam a existência de 2 milhões de peninsulares desempregados e 6 milhões vivendo em condições de indigência. Entre os que estavam empregados (somavam 18,7 milhões), praticamente a metade encontrava-se vinculada a atividades do campo, 6 milhões encontravam-se nas fábricas e 4 milhões vinculados ao setor de serviços.¹⁴⁵

Ainda em agosto de 1950, o Estado criou a *Cassa Del Mezzogiorno*, um organismo dotado de recursos cujo objetivo seria intervir com políticas socioeconômicas, observando os diversos pontos da economia e da sociedade meridional. Esse órgão atuou com a disponibilização de crédito facilitado para as empresas através de alguns institutos especiais, como, por exemplo, o Instituto pelo Desenvolvimento Econômico da Itália Meridional (Isveimer), cuja colaboração foi especificamente com o *mezzogiorno* continental, e o Instituto Regional pelo Financiamento das Indústrias na Sicília (Irfis).¹⁴⁶

A *Cassa del Mezzogiorno* também elaborava planos para reformas que se encarregariam de transformações a partir de ações específicas nos setores carentes de investimentos. Em seus primeiros anos de atuação, o órgão concentrou seus esforços de intervenção na agricultura e no setor de infraestrutura. O pensamento de seus dirigentes queria de fato viabilizar a implantação de indústrias no sul da Península.¹⁴⁷

¹⁴⁴ FACCHINETTI, Luciana. **A imigração italiana no segundo pós-guerra e a indústria brasileira nos anos 50**. 2003. 139 f. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003. p. 46.

¹⁴⁵ BERTONHA, João Fábio. **Os italianos**. São Paulo: Contexto, 2005. p. 134.

¹⁴⁶ BEVILACQUA, Piero. **Breve storia dell'Italia meridionale**. Roma: Donzelli, 2005. p. 140.

¹⁴⁷ *Ibidem*, p. 141.

2.3.1 O PÓS-GUERRA NA SICÍLIA

Quando os Aliados entregaram a Sicília à administração italiana, em fevereiro de 1944, alguns indivíduos extremistas formaram um exército clandestino, alçando a bandeira de cores amarela e vermelha com o símbolo da Trinacria, declarando guerra contra o restante do país. O movimento separatista foi apoiado por políticos (como o Prefeito de Palermo), mafiosos, bandidos e pessoas de outros segmentos.¹⁴⁸

É importante destacar que a autonomia concedida para a Sicília pelo novo estatuto regional permitia uma maior liberdade política. Todavia, depois de um breve período, em Roma pairavam opiniões de que se havia disponibilizado muitas concessões cujos resultados eram insignificantes. Assim, estabeleceram-se tentativas de retirar algumas prerrogativas iniciais: logo, estabeleceu-se um atrito entre o Estado e a Região, que acabou gerando uma nova explosão de sicilianismo¹⁴⁹. Com efeito, nos primeiros anos de autonomia, os atritos entre os políticos da capital com os sicilianos conferiram um tom mais estéril nas relações entre a administração local e a nacional.¹⁵⁰

Em junho de 1946, no referendo institucional e nas eleições para a Assembléia Constituinte, os insulares votaram em maioria pela monarquia. Ainda, havia uma trama organizada pelos separatistas (neste meio tempo, muitos republicanos penderam para a monarquia) para oferecer a Coroa da Sicília ao Rei Vittorio Emanuele III.¹⁵¹

Na ilha, tramas concretas espalhavam-se pela região através do vínculo estabelecido entre políticos, Máfia e banditismo. O movimento separatista agregava uma leva de foragidos a sua causa, dando-lhes dignidade ou a ilusão de constituir um exército de libertação, o EVIS (Exército Voluntário pela Independência Siciliana). Após uma estreia frustrada desse exército, a sua formação foi confiada a Salvatore Giuliano, um jovem contrabandista de Montelepre.¹⁵² Sobre esse último, Moses I. Finley, Denis M. Smith e Christopher J.H. Duggan¹⁵³ explicam:

O siciliano mais famoso nos anos do Pós-Guerra foi o bandido Salvatore Giuliano, um homem envolvido na campanha de violência contra a esquerda (políticos). Este herói popular [...] no início era apenas um de tantos chefes dos bandos “*brigganti*” que percorriam os campos; mas graças à sua crueldade, à sua generosidade que

¹⁴⁸ FINLEY, Moses I.; SMITH, Denis Mack; DUGGAN, Christopher J. H. **Breve storia della Sicilia**. Bari: Laterza, 2009. p. 323-324.

¹⁴⁹ Movimento patriota local que era revivido pelos setores sicilianos para eliminar qualquer tentativa de reforma do exterior. *Ibidem*, p. 324.

¹⁵⁰ *Ibidem*, p. 328.

¹⁵¹ MANGIAMELI, Rosario. La Sicilia dalla prima guerra mondiale alla caduta del fascismo. In: BENIGNO, F. e GIARRIZZO, G. (a cura). **Storia della Sicilia: Dal Seicento a oggi**. Bari: Laterza, 2003. p. 174.

¹⁵² *Ibidem*, p. 175.

¹⁵³ FINLEY; SMITH; DUGGAN, 2009, *op. cit.*, p. 326. [Tradução do autor].

ostentava com relação aos mais pobres, ao seu bom aspecto e ao seu intuito extraordinário de fazer-se publicidade, tornou-se logo uma lenda. [...] As suas notáveis habilidades de chefe e algumas ligações afortunadas com políticos o ajudaram. [...] Embora fosse um reconhecido assassino de muitos políticos, recebia dos policiais favores extraordinários.

Em junho de 1947 ocorreram as primeiras eleições para a Assembléia regional que marcaram a vitória do bloco do povo formado pela social comunista (Partidos de Esquerda). Com esse resultado, aproximava-se a possibilidade de um Governo de Partidos de Esquerda. Todavia, a onda de terrorismo favoreceu a ascensão dos políticos de direita e a política local pendeu para a Democracia Cristã (DC). O primeiro Prefeito a ser eleito foi Giuseppe Alessi, um dos fundadores da Democracia Cristã na Sicília.¹⁵⁴

O ingresso da ilha na Itália democrática e republicana começou com acontecimentos contrastantes, marcados por lutas, mas também por uma forte vontade de renovação proveniente dos diversos setores da sociedade, sobretudo pelos camponeses que permaneceram esquecidos pelo Estado.¹⁵⁵

Entre os anos de 1948 e 1949, em todas as regiões italianas, mais especificamente, naquelas do *mezzogiorno* que possuíam uma administração política de partidos de esquerda, aumentaram as ocupações das terras por parte de camponeses e de trabalhadores desempregados, que reivindicavam a efetivação da reforma agrária. Em outras palavras, o fim das enormes propriedades rurais ociosas, sem cultivo e a concessão destas de maneira direta aos agricultores. No entanto, a repressão do controle dessa ação pelas forças responsáveis pela ordem pública, que visavam à ordem social, provocou a morte de dezenas de manifestantes.¹⁵⁶

Na esfera econômica, os auxílios concedidos à Itália pelos Estados Unidos recomendavam, constantemente, ao governo dirigir uma particular atenção às regiões meridionais e à Sicília, orientando para estes habitantes o destino da parcela mais conspícua dos recursos disponibilizados.¹⁵⁷ Com relação ao *mezzogiorno*, Lea D'Antone¹⁵⁸ esclarece:

Os americanos eram favoráveis ao desenvolvimento da Sicília e das outras Regiões Meridionais. [...] Estas regiões geraram muitos cidadãos norte-americanos, filhos e netos de emigrantes, que, naquele momento, pertenciam aos segmentos dirigentes da sociedade estadunidense.

¹⁵⁴ MANGIAMELI, Rosario. La Sicilia dalla prima guerra mondiale alla caduta del fascismo. In: BENIGNO, F. e GIARRIZZO, G. (a cura). **Storia della Sicilia: Dal Seicento a oggi**. Bari: Laterza, 2003. p. 175.

¹⁵⁵ *Ibidem*, p. 175-176.

¹⁵⁶ D'ANTONE, Lea. Verso e oltre il "miracolo economico". In: BENIGNO, F. e GIARRIZZO, G. (a cura). **Storia della Sicilia: dal seicento a oggi**. Bari: Laterza, 2003. p. 179.

¹⁵⁷ *Ibidem*, p. 178.

¹⁵⁸ *Ibidem*, p. 179. [Tradução livre do autor].

No campo das atividades produtivas, a sociedade insular enfrentava inúmeras dificuldades, pois, assim como as demais regiões meridionais, apresentavam graves fenômenos de desequilíbrio hidrogeológico – causando uma carência de água, principalmente na estação de verão, atingindo fortemente as zonas internas –, nas planícies costeiras, verificava-se o excesso de chuva que favorecia a epidemia de malária.¹⁵⁹

Ao retomar a contribuição dos EUA para a Itália durante os anos 1950, vale referir que este foi o período cujos governos italianos implementaram pela primeira vez as políticas orgânicas meridionalistas. No início de 1950, criada pelo governo nacional a *Cassa del Mezzogiorno*, planejou-se realizar obras estruturais, como a construção de aquedutos, a implantação de estradas e ferrovias. Segundo as teorias econômicas dominantes, acreditava-se que as melhorias e as modernizações realizadas constituíam uma premissa indispensável à sucessiva instalação de um setor industrial, além de viabilizar uma melhor estrutura para a população meridional.¹⁶⁰

Os empréstimos realizados pela Itália permitiram a execução das reformas previstas pela *Cassa del Mezzogiorno*. Para Lea D’Antone¹⁶¹, os recursos foram:

[...] utilizados para o reforço das indústrias elétricas, química, siderúrgica e sobretudo para a potencialização da automobilística. Mas no conjunto do auxílios financeiros foram também destinados para a agricultura, ao saneamento do território e ao combate contra a malária (que foi erradicada).

As obras públicas e infraestruturais ligadas à atuação do Plano Marshall e ao Primeiro Programa da *Cassa del Mezzogiorno* ocuparam todos os incentivos de empresas públicas e privadas italianas. Naquela década, a FIAT, a Pirelli, a Finsider, entre outras indústrias, e os bancos nacionais aprovaram vários programas meridionais de gestão, como também aderiram à Associação pelo Desenvolvimento do *Mezzogiorno* (Svimez).¹⁶²

Cabe destacar agora que a política insular também enfrentou outras dificuldades administrativas. A burocracia e o clientelismo existente no setor inviabilizaram a plena implementação de diversas reformas necessárias nos setores político, econômico e social.¹⁶³

Além disso, as reformas agrárias promovidas não alcançaram o sucesso pretendido. Em primeiro lugar, várias áreas não foram incluídas nas leis vigentes, já que as terras deveriam ser divididas e encaminhadas para que os agricultores as cultivassem. Em segundo

¹⁵⁹ D’ANTONE, Lea. Verso e oltre il “miracolo economico”. In: BENIGNO, F. e GIARRIZZO, G. (a cura). **Storia della Sicilia**: dal seicento a oggi. Bari: Laterza, 2003. p. 178-179.

¹⁶⁰ *Ibidem*, p. 180.

¹⁶¹ *Ibidem*, p. 180. [Tradução do autor].

¹⁶² *Ibidem*, p. 181.

¹⁶³ FINLEY, Moses I.; SMITH, Denis Mack; DUGGAN, Christopher J. H. **Breve storia della Sicilia**. Bari: Laterza, 2009. p. 330.

lugar, a maioria dos grandes latifundiários segmentou as suas propriedades em pequenos lotes entre os seus familiares. Assim, muitos conservaram os seus patrimônios e mantiveram a continuidade das relações de trabalho entre proprietários e arrendatários.¹⁶⁴

Ainda, a reforma agrária teve uma condição parcial e chegou com bastante atraso em sua efetivação. Centenas de agricultores insulares então decretaram, implicitamente, a falência, abandonando os campos e se encaminhando para outros tipos de trabalho.¹⁶⁵

A realidade siciliana, portanto, pouco a pouco estava se restabelecendo no âmbito social e político no período pós-bélico. As transformações foram mínimas e ocorriam de maneira lenta – quando aconteciam – e não convenciam os cidadãos insulares de que a sociedade regional se modificaria para melhor.

2.4 A EMIGRAÇÃO ITALIANA NO PÓS-GUERRA (1946-1976)

A emigração, na Península Itálica, recebeu grande impulso após o final da Guerra. Os problemas políticos, econômicos, sociais e infraestruturais presentes no país após o conflito favoreceram o reinício das partidas.

Entre os anos de 1946 a 1976, abandonaram a Itália, aproximadamente, 7.447.370 indivíduos. O êxodo começou, inicialmente, nas regiões do norte da península (principalmente no *Triveneto*¹⁶⁶). Posteriormente, o fluxo começou de forma intensa também no *mezzogiorno*, que possuía os estados mais populosos do país.¹⁶⁷

A partir de 1945, com o final do conflito, iniciou a progressiva erosão dos impérios coloniais na Ásia e na África. Esse acontecimento acarretou novos deslocamentos populacionais. Os primeiros movimentos foram estimulados pelo reingresso de europeus para os seus países de origem.¹⁶⁸

As consequências do novo contexto mundial, a partir da metade do século XX, com o processo de descolonização, provocaram inúmeras movimentações de populações inteiras e um excessivo número de emigrantes, devido a três fatores, que permaneceram constantes nas dinâmicas de vários movimentos migratórios no panorama contemporâneo. O primeiro foi a

¹⁶⁴ FINLEY, Moses I.; SMITH, Denis Mack; DUGGAN, Christopher J. H. **Breve storia della Sicilia**. Bari: Laterza, 2009. p. 331.

¹⁶⁵ *Ibidem*, p. 331.

¹⁶⁶ Triveneto refere-se às três Regiões italianas, a saber: Veneto, Friuli-Venezia Giulia e Trentino-Alto Adige, situadas no nordeste do país. DE CLEMENTI, Andreina. **Il prezzo della ricostruzione: le emigrazioni italiane nel secondo dopoguerra**. Bari: Laterza, 2010. p. 4.

¹⁶⁷ *Ibidem*, p. 4.

¹⁶⁸ CORTI, Paola. **Storia degli migrazioni internazionali**. Bari: Laterza, 2007. p. 79.

dissolução das velhas potências; o segundo, o paralelo surgimento de novos Estados; o último, a explosão demográfica ocorrida nos países subdesenvolvidos.¹⁶⁹

Além disso, a reabertura das fronteiras de diversos países no período do pós-guerra estimulou o aparecimento de um novo ciclo migratório, principalmente, no contexto ocidental. Por exemplo, na Europa, entre 1947 e 1951, partiram 460.000 emigrados, dos quais 218.000 deixaram a sua própria pátria de maneira espontânea, enquanto que 242.000 seguiram direcionados pelas organizações internacionais de refugiados; no entanto, estas acabaram extintas em 1951.¹⁷⁰

As direções seguidas pelas novas ondas migratórias aliaram-se a algumas tendências afirmadas em momentos anteriores. A maioria dos emigrantes da Europa Setentrional dirigiram-se para países de cultura anglo-saxã, como Estados Unidos, Canadá e Austrália; em contrapartida, os oriundos dos países meridionais encaminharam-se, especialmente, para países da América Latina, a saber, Argentina, Brasil, Uruguai, entre outros.¹⁷¹

O crescimento industrial foi praticamente relevante, sobretudo na Argentina, no Brasil e no Uruguai graças à expansão registrada no período da Segunda Guerra Mundial e sustentado depois através de uma maciça intervenção dos Estados Unidos nas economias destes países. À diferença do passado, todavia, é que os novos fluxos não se direcionaram apenas aos maiores países de imigração, mas também se dispersaram em toda a área latino-americana. Argentina, Brasil e Uruguai conservaram sempre o papel predominante próprio, pelo peso que estes assumiram pela sua produção industrial.¹⁷²

O fato mais relevante da década de 50, contudo, foi que alguns países da Europa Centro-Setentrional não recuperaram apenas as posições econômicas precedentes à Guerra, mas ainda efetuaram um crescimento que os colocou a níveis superiores aos resultados industriais alcançados pelos EUA, tornando-se indiscutíveis protagonistas na economia mundial. Diversos fenômenos contribuíram para o crescimento: a estabilidade monetária, que foi finalmente alcançada após os altos picos inflacionários do pós-guerra; os estímulos na industrialização, que foram oferecidos pelas políticas econômicas nacionais e pelos auxílios internacionais; e a positiva influência exercida pelo nascimento do mercado econômico europeu.¹⁷³

¹⁶⁹ CORTI, Paola. **Storia degli migrazioni internazionali**. Bari: Laterza, 2007. p. 84.

¹⁷⁰ *Ibidem*, p. 84.

¹⁷¹ *Ibidem*, p. 85.

¹⁷² *Ibidem*, p. 85.

¹⁷³ *Ibidem*, p. 90.

Os peninsulares cujo destino foram os países fora do continente europeu caracterizaram-se por uma migração de caráter definitivo. Já aqueles que se endereçaram para os Estados europeus tiveram uma permanência temporária. A proximidade de emigrados com as suas cidades e o fato de se transferirem desacompanhados de suas famílias contribuíram para que os deslocamentos tivessem uma curta duração – aqui se registra um elevado número de repatriados. A Tabela 1 apresenta os números de expatriados e de repatriados entre os anos de 1946 a 1970.¹⁷⁴

TABELA 1 - Expatriados e Repatriados na Itália (em milhões de pessoas) 1946-1970.

	Expatriados	Repatriados	Saldo
Movimento Total			
1946-1951	1420,8	471,9	948,9
1952-1957	1736,5	744,3	992,2
1958-1963	1938,2	1147,8	790,4
1964-1970	1464,8	1065,7	399,1
1946-1970	6712,1	3572,2	3139,9
Países Europeus			
1946-1951	787,7	350,6	437,1
1952-1957	957,4	554,3	403,1
1958-1963	1541,0	996,4	544,6
1964-1970	1132,6	998,5	134,1
1946-1970	4533,8	3012,7	1521,1
Países Transoceânicos			
1946-1951	633,1	121,3	437,1
1952-1957	779,1	190,0	589,1
1958-1963	397,2	151,4	245,8
1964-1970	332,2	67,2	265,0
1946-1970	2178,3	559,5	1618,9

Fonte: Cser. 1975. GOLINI e AMATO, Antonio e Flavia. *Uno Sguardo a um secolo e mezzo di emigrazione italiana*. In: BEVILACQUA, DE CLEMENTI e FRANZINA, Piero, Andreina e Emilio Org. *Storia dell'emigrazione italiana. Vol. I. Partenze*. Roma: Donzelli, 2002. p. 55.

Os dados permitem inferir que 53,21% dos italianos que emigraram, depois de um breve período voltaram para o país. O número de retornos por parte dos emigrados aumentou, especialmente, entre os anos de 1964 a 1970, quando o contexto socioeconômico da Itália já se encontrava mais estável.

¹⁷⁴ GOLINI, Antonio; AMATO, Flavia. *Uno sguardo a um secolo e mezzo di emigrazione italiana*. In: BEVILACQUA, Piero; DE CLEMENTI, Andreina; FRANZINA, Emilio (Orgs.). **Storia dell'emigrazione italiana**: Partenze. Roma: Donzelli, 2002. p. 55.

A população do *mezzogiorno* constituía 36% da nacional e forneceu pouco menos de 70% dos expatriados em outras nações européias e de 80% para os destinos transoceânicos.¹⁷⁵

A imigração em direção à América do Sul se redimensionou, notavelmente, na metade dos anos 50, quando, com o final do ciclo favorável na divisão econômica internacional, os Estados Sul-Americanos retornaram ao seu papel tradicional de países exportadores de matérias-primas e, quando ocorreu a aceleração das graves crises econômicas e sociais que resultaram no triunfo dos populismos na Argentina e no Brasil.¹⁷⁶

A diminuição dos fluxos migratórios europeus diretamente para os destinos transoceânicos deveu-se às profundas transformações econômicas que aconteceram nos países do Velho Mundo. Também é preciso somar a esse fato que, no mesmo período, alguns países se afirmaram como novos protagonistas no cenário econômico internacional (Inglaterra, França, Alemanha), transformando-se em polos atrativos dos fluxos de mão de obra que partia dos outros países vizinhos. Durante os anos 50, os núcleos mais consistentes dos movimentos migratórios se registraram, assim, no interior do continente europeu.¹⁷⁷

Vale frisar, também, que a imigração italiana durante o pós-guerra apresentou três aspectos diferentes em relação ao grande êxodo do final do século XIX e ao início da Primeira Guerra Mundial (1888-1914). Primeiro, nesse momento, a saber, o deslocamento de peninsulares originários das regiões meridionais foi superior ao das setentrionais. Segundo, os fluxos migratórios demonstraram maior dinâmica no âmbito interno (indivíduos do sul transferindo-se para o norte da Península) e continental (italícos dirigindo-se para outros países da Europa Ocidental). E, por último, houve a escolha dos expatriados por novos destinos, ou melhor, a opção por países que, anteriormente, haviam recebido pouquíssimos emigrados da Itália até os anos 40, como é o caso do Canadá, Venezuela e Austrália, que passaram a registrar um elevado ingresso de italianos em seus portos a partir de 1946.¹⁷⁸

Amoreno Martellini¹⁷⁹ esclarece que:

Em muitos casos, de fato, o andamento dos fluxos de expatrios transoceânicos foi condicionado por políticas migratórias, restritivas ou permissivas, adotadas pelos Países de acolhimento depois do conflito, ou pela estipulação de acordos internacionais com o Governo italiano. Estes fatores contribuíram para desviar a rota

¹⁷⁵ GOLINI, Antonio; AMATO, Flavia. Uno sguardo a um secolo e mezzo di emigrazione italiana. In: BEVILACQUA, Piero; DE CLEMENTI, Andreina; FRANZINA, Emilio (Orgs.). **Storia dell'emigrazione italiana**: Partenze. Roma: Donzelli, 2002. p. 55.

¹⁷⁶ CORTI, Paola. **Storia degli migrazioni internazionali**. Bari: Laterza, 2007. p. 86.

¹⁷⁷ *Ibidem*, p. 88-89.

¹⁷⁸ MARTELLINI, Amoreno. L'emigrazione transoceanica fra gli anni quaranta e sessanta. In: BEVILACQUA, Piero; DE CLEMENTI, Andreina; FRANZINA, Emilio (Orgs.). **Storia dell'emigrazione italiana**: Partenze. Roma: Donzelli, 2002. p. 371.

¹⁷⁹ *Ibidem*, p. 373. [Tradução do autor].

de uma parte das saídas para tradicionais portos de desembarque, que até aquele momento eram menos freqüentados.

Entre os dirigentes – que assumiriam o controle do Governo italiano republicano já durante os anos de 1943 a 1944 – discutia-se o tema da emigração como uma “válvula de escape” para o grande contingente de trabalhadores desempregados após o fim do conflito bélico. O recurso da emigração circulou em diversos setores da sociedade italiana, sendo reconhecido como uma medida necessária por políticos (dos partidos de Esquerda e de Direita), industriais, sindicatos, entre outros, a fim de amenizar a dura realidade que se conflagraria depois de 1945 na Península.¹⁸⁰

Em meio ao debate que se desenvolveu sobre a emigração no cenário político italiano, um ponto importante e muito discutido seria o papel do Estado. O fluxo de emigrados deveria ser direcionado pelo governo, com o objetivo de preservar ao máximo os seus cidadãos para novas e distintas sociedades. Em alguns casos, como o da França, existiu o nascimento de organizações, como a “*Fraternità Italo-Francese*”, que assistiria os indivíduos peninsulares que emigravam para a França. Além disso, muitos sindicatos, especialmente os comunistas, eram favoráveis à emigração para outros países do Continente europeu, porém, contra o deslocamento para os destinos transoceânicos. Alegavam a falta de meios de proteger os seus patrícios em países da América Latina, particularmente aqueles que apresentavam um modelo diferente do europeu: isso inviabilizaria a ação do governo e de outras instituições com a finalidade de defender os seus cidadãos.¹⁸¹

A partir de várias discussões, o governo italiano, em meio à Constituinte de 1946, estabeleceu o artigo 35, que refere:

A República tutela em todas as suas formas e aplicações. Cuida da formação e elevação profissional dos trabalhadores. Promove e favorece os acordos e concebe organizações internacionais para assegurar os direitos de trabalho. Reconhece a liberdade de emigração, salvo as obrigações sancionadas pela lei no interesse geral e tutela o trabalho italiano no exterior.¹⁸²

Em síntese, o novo governo italiano (republicano) apresentou uma posição de responsabilidade em relação aos expatriados.¹⁸³

Também se deve observar que a emigração do pós-guerra contribuiu de forma relevante para o melhoramento da sociedade peninsular. Os fluxos foram importantes não

¹⁸⁰ COLUCCI, Michele. **Forza lavoro in movimento**. L'Italia e l'emigrazione in Europa (1945-1957). 2007. 295 f. Tese (doutorado in Storia) – Dipartimento di Scienze Umane, UNITUS, Viterbo, 2007. p. 43-45.

¹⁸¹ *Ibidem*, p. 48-49.

¹⁸² Assemblée Constituyente, *Atti della Assemblée Costituente. Discussione sul progetto di Costituzione*, vol. II, Tipografia della Camera dei deputati, Roma, 1951, p. 3712, *apud* COLUCCI, 2007, *op. cit.*, p. 59. [tradução do autor]

¹⁸³ *Ibidem*, p. 58-59.

apenas por diminuir a população, mas também por favorecer a entrada de capitais que alimentaram e movimentaram a economia italiana. As remessas enviadas pelos expatriados viabilizaram uma situação melhor de vida para aqueles que ficaram no *paese*, enquanto que um ou mais membros da família se deslocavam para outras localidades em busca de trabalho.¹⁸⁴

A rede migratória constituiu um elemento muito importante, além de ser uma modalidade constante entre os emigrantes peninsulares. De fato, os vínculos familiares consolidaram sempre um elo entre os lugares de origem aos seus destinos.¹⁸⁵

As transformações ocasionadas pela emigração no cenário italiano foram significativas. Em 1951, a quantidade de residentes nas zonas montanhosas alcançava o número de 17,9%; em contrapartida, em 1971, esta diminuiu para 13,4%. E as cidades sinalizaram o crescimento do número de habitantes, que passou de 30% para 34% no mesmo período.¹⁸⁶

No entanto, o ingresso de capital no país enviado pelos emigrados não propiciou a melhora da estrutura para a maioria das cidades que registravam índices consideráveis de expatrios. As economias que eram remetidas pelos emigrados para seus familiares ocorriam em função da perspectiva iminente de um rápido retorno para a pátria ou porque, em muitos casos, o emigrante encontrava dificuldades para investir as suas poupanças no país de acolhimento.¹⁸⁷

O mercado de trabalho internacional, nesse momento, especialmente no contexto europeu, recrutou italianos sem qualificação e desempregados; contudo, progressivamente, os Estados importadores de mão de obra passaram a exigir a emigração de trabalhadores semiqualiificados. Com efeito, diversos países necessitavam de mão de obra estrangeira no panorama do pós-Guerra. Logo, muitos países atraíram a mão de obra italiana, como, por exemplo, França, Inglaterra, Bélgica, Argentina, Venezuela, Austrália, entre outros, pois havia a necessidade de trabalhadores para a indústria, para as mineradoras, para a agricultura e para os demais setores: desenvolveram-se então tratados com o governo italiano, que precisava resolver o problema do excedente populacional na Península.¹⁸⁸

¹⁸⁴ COLUCCI, Michele. **Forza lavoro in movimento**. L'Italia e l'emigrazione in Europa (1945-1957). 2007. 295 f. Tese (doutorado in Storia) – Dipartimento di Scienze Umane, UNITUS, Viterbo, 2007. p. 31-32.

¹⁸⁵ SANFILIPPO, Matteo. Tipologia dell'emigrazione di massa. In: BEVILACQUA, Piero; DE CLEMENTI, Andreina; FRANZINA, Emilio (Orgs.). **Storia dell'emigrazione italiana**: Partenze. Roma: Donzelli, 2002. p. 91.

¹⁸⁶ BEVILACQUA, Piero. **Breve storia dell'Italia meridionale**. Roma: Donzelli, 2005. p. 154.

¹⁸⁷ COLUCCI, 2007, *op. cit.*, p. 33-34.

¹⁸⁸ *Ibidem*, p. 37.

Entre os destinos fora do continente europeu, a Argentina constituiu-se no país que mais atraiu emigrantes peninsulares entre 1946 a 1960. A existência de acordos bilaterais entre Itália e Argentina favoreceu a entrada de italianos: isso manteve uma regularidade até o final da década de 1960, quando se começaram a registrar números insignificantes de emigrados aportando no país portenho. A abrupta queda ocorreu por duas razões: a primeira, as medidas legislativas adotadas pelo governo argentino¹⁸⁹, a fim de desencorajar a emigração, após a queda do governo de Perón; a segunda, a grave crise financeira que atingiu o país entre as décadas de 50 e 60.¹⁹⁰

Os Estados que acolhiam os trabalhadores italianos tinham também o interesse de aproveitar os serviços de imigrantes em suas economias, visto que uma parcela significativa de italianos possuía disposição para o trabalho e, algumas vezes, apresentava um tipo de qualificação técnica e experiência para os postos de emprego a que eram encaminhados.¹⁹¹ Exemplo disso, em março de 1946, estabeleceu-se um acordo bilateral entre Itália e Bélgica que viabilizou a partida de um número significativo de mineiros italianos para trabalharem nas minas e nas siderúrgicas belgas. A mão de obra peninsular colaborou para o crescimento industrial belga, visto que forneceu trabalhadores experientes no setor minerador e que se submetiam a baixos salários.¹⁹²

No período do pós-guerra, a administração governamental utilizou os *uffici di lavoro*¹⁹³, responsáveis pelo encaminhamento de trabalhadores para postos vagos, com a função fundamental de articular as novas políticas migratórias. Dependiam, porém, do Ministério do Trabalho e da Previdência Social. Periodicamente, os *uffici* recebiam circulares do Ministério, em que se especificavam as competências, as modalidades e as destinações relativas às possibilidades de emprego no exterior. Primeiramente, os *uffici* precisavam fornecer as ofertas de trabalho; em segundo lugar, informar sobre todos os trâmites burocráticos necessários para o indivíduo partir; em terceiro lugar, classificavam os

¹⁸⁹ Entre as medidas restritivas, a mais eficaz foi o decreto que proibiu a possibilidade de o emigrado se estabelecer a menos de um raio de 100 km de Buenos Aires, visto que o imigrante poderia instalar-se na capital portenha caso possuísse um familiar ou tivesse um contrato de trabalho regular. MARTELLINI, Amoreno. L'emigrazione transoceanica fra gli anni quaranta e sessanta. In: BEVILACQUA, Piero; DE CLEMENTI, Andreina; FRANZINA, Emilio (Orgs.). **Storia dell'emigrazione italiana: Partenze**. Roma: Donzelli, 2002. p. 380.

¹⁹⁰ MARTELLINI, Amoreno. *op.cit.*, p. 357.

¹⁹¹ COLUCCI, Michele. **Forza lavoro in movimento**. L'Italia e l'emigrazione in Europa (1945-1957). 2007. 295 f. Tese (doutorado in Storia) – Dipartimento di Scienze Umane, UNITUS, Viterbo, 2007. p. 46-57.

¹⁹² DE CLEMENTI, Andreina. **Il prezzo della ricostruzione: le emigrazione italiana nel secondo dopoguerra**. Bari: Laterza, 2010. p. 57-60.

¹⁹³ *Uffici di lavoro* eram escritórios do governo italiano que encaminhavam os trabalhadores para os postos de trabalho. COLUCCI, 2007, *op. cit.*, p. 47.

interessados entre os centros de emigração; por último, deveriam registrar os pedidos de emigração e submeter os candidatos a um primeiro exame médico e profissional.¹⁹⁴

Os *uffici di lavoro*, portanto, constituíam a primeira etapa do percurso migratório ao qual os peninsulares precisavam se sujeitar para emigrarem. O órgão tinha como função proporcionar as informações fundamentais e as primeiras ações administrativas para a realização do deslocamento.¹⁹⁵ Sobre esses locais, Michele Colucci¹⁹⁶ declara:

O *ufficio* di Cremona sinalava, por exemplo, em 30 de junho de 1950, que foram requeridos 1297 pedidos de emigração para a Argentina, à frente de 84 pedidos para a França, 67 para a Suíça, 53 para a Inglaterra e apenas 7 para a Bélgica. O pedido, porém, não correspondia necessariamente à oferta.

Os países europeus apresentavam-se como uma segunda opção nas solicitações dos cidadãos que queriam emigrar. Há, porém, outro dado importante: independentemente das preferências de para onde os italianos partiriam, em todos os locais os pedidos de emigração eram superiores à oferta de trabalho disponível. Nesse sentido, nos *uffici di lavoro* acumulavam-se milhares de pedidos em situação de espera. E, em alguns momentos, os pedidos ultrapassavam a casa dos 6 e 7 mil, como é o caso registrado em Catania (Sicília) e assinalado pelo Ministério em 1951.¹⁹⁷

Outro ponto observado pelos *uffici di lavoro* era o registro de fluxos imigratórios que seguiam por vias desvinculadas da planificação governamental e, assim, não se valiam dos serviços do referido órgão. Em alguns casos, a emigração por caminhos alternativos era utilizada, devido à lentidão dos recrutamentos e ao seu caráter ocasional; além disso, o tratamento econômico não era também satisfatório e existiam as múltiplas limitações relativas à idade do emigrante. Por exemplo, o *ufficio* de Ragusa (Sicília), em 1951, salientava um êxodo maior pelos trabalhadores através do sistema de emigração “por ato de chamada” e por trâmites de agências de navegações privadas.¹⁹⁸

Portanto, o papel dos *uffici di lavoro* funcionava como uma ramificação de um projeto político e social local, nas diversas zonas da Península, cujo objetivo era reduzir os níveis de desocupação. Assim, esses órgãos não se limitavam apenas a exercer a função de filtragem de trabalhadores e de locais de propaganda da emigração.¹⁹⁹

¹⁹⁴ COLUCCI, Michele. **Forza lavoro in movimento**. L'Italia e l'emigrazione in Europa (1945-1957). 2007. 295 f. Tese (doutorado in Storia) – Dipartimento di Scienze Umane, UNITUS, Viterbo, 2007. p. 111.

¹⁹⁵ *Ibidem*, p. 112.

¹⁹⁶ *Ibidem*, p. 112. [Tradução do autor].

¹⁹⁷ *Ibidem*, p. 113.

¹⁹⁸ *Ibidem*, p. 114.

¹⁹⁹ *Ibidem*, p. 119.

Outra unidade criada para atender a emigração pelo Governo Republicano foram os centros de emigração através do Decreto Legislativo n. 381, de abril de 1948. Os centros deveriam prover o reagrupamento, o alojamento, a avaliação e a assistência geral para os trabalhadores que emigravam ou que eram repatriados e para as suas famílias. Os locais transformaram-se, rapidamente, em ponto de referência para a nova política migratória que as administrações italianas escolheram perseguir.²⁰⁰ Sobre isso, Colucci²⁰¹ declara:

Os locais revestiram uma importância central também entre outras razões. Primeiramente, representavam para alguns emigrantes a primeira etapa de sua viagem e o último trânsito na Itália antes de sua transferência para o exterior. [...] No espaço dos centros se consumou a desilusão para o fim dos respectivos projetos migratórios. Além disso, os centros e todo o movimento de pessoas que circulavam em seu entorno contribuíram para tornar visível e perceptível nas cidades interessadas a intensidade nas migrações do período (geralmente os centros surgiam em lugares muito freqüentados, nas proximidades de estações e portos).

De fato, os centros de emigração visavam prestar assistência aos emigrados: aqueles proviam alojamentos temporários, seleção médica, entre outros auxílios. Nos primeiros anos de funcionamento, inúmeras foram as críticas realizadas aos serviços prestados, pois havia grande desorganização e uma escassa coordenação por parte dos funcionários.²⁰²

Os centros assistiam os trabalhadores que se encaminhavam para a emigração de três formas: seleção dos expatriados, assistência de primeira necessidade aos trabalhadores e às suas famílias e as resoluções de questões burocráticas. A criação dos centros de emigração e as suas atribuições adquiridas articulavam, evidentemente, a necessidade de centralizar os locais institucionais específicos onde ocorressem as numerosas atividades burocráticas e assistenciais vinculadas à partida de emigrados. Esses lugares cumpriram os objetivos dos governos italianos, que eram de viabilizar o maior fluxo migratório no menor tempo possível.²⁰³

Entretanto, o fluxo migratório terminou, em muitos casos, abandonado a sua caótica espontaneidade, por muitos anos sem assistência, fracamente acompanhado pelo cuidado e pela iniciativa dos governos italianos. O êxodo superou cada divisão e previsão, passando no seu curso não apenas os mais necessitados, como também os vários camponeses sem terra para trabalhar (especialmente aqueles do *mezzogiorno*).²⁰⁴

²⁰⁰ COLUCCI, Michele. **Forza lavoro in movimento**. L'Italia e l'emigrazione in Europa (1945-1957). 2007. 295 f. Tese (doutorado in Storia) – Dipartimento di Scienze Umane, UNITUS, Viterbo, 2007. p. 124.

²⁰¹ *Ibidem*, p. 124.

²⁰² *Ibidem*, p. 128.

²⁰³ *Ibidem*, p. 128.

²⁰⁴ BEVILACQUA, Piero. **Breve storia dell'Italia meridionale**. Roma: Donzelli, 2005. p. 153.

Deve-se destacar agora que o “milagre econômico” que a Península conheceu no final da década de 50 foi acompanhado, paralelamente, por um imponente fenômeno migratório de massa no sul da Itália. Em 1957, assinou-se um tratado em Roma favorecendo a livre circulação dos trabalhadores para os países pertencentes à Comunidade Econômica Européia (CEE); assim, tem-se um novo e crescente deslocamento de indivíduos para as zonas industriais da França, Bélgica, Suíça e Alemanha. Além disso, milhares de meridionais acompanhados de suas famílias transferiram-se para as “regiões de trabalho”, principalmente em direção ao triângulo industrial. Não apenas os camponeses desempregados buscaram as oportunidades oferecidas pela emigração, mas também uma pequena burguesia que desejava melhorar as suas condições de vida e a de seus filhos. Os dados do recenseamento de 1971 apresentam que cerca de 17% da população residente no centro e no norte da Itália era originária do *mezzogiorno*.²⁰⁵

Entre 1925 e 1975 registra-se um fenômeno “imprevisível” cujo deslocamento de meridionais modificou o cenário italiano juntamente com os demais processos de despovoamento das localidades montanhosas e rurais.²⁰⁶

As mudanças em meio ao êxodo migratório alteraram as estruturas urbanas e as suas fontes de enriquecimento. A agricultura, em 1951, representava 34% dos rendimentos totais; entretanto, em 1976, as cifras decresceram para 14%. Nesse mesmo período, a riqueza social produzida pela indústria aumentou de 24% para 29%; no setor terciário (escritórios, bancos e administrações públicas), cresceu de 42% para 57%.²⁰⁷

No final da década de 60, o Ministro do Exterior, Aldo Moro²⁰⁸, observava que:

A plena ocupação representa o olhar de cada sociedade nacional que queira garantir a todos os seus componentes um decoroso nível de vida. Tal objetivo não exclui por outro lado a procura, fora das fronteiras nacionais, de trabalho, que não seja já, como no passado, a conseqüência de situações de necessidades, mas seja, ao invés, o resultado de uma livre e motivada escolha econômica. E é em direção a tal diretriz que se estão orientando hoje aqueles que seguem para o exterior, enquanto o Governo, da sua parte, procura promover as condições para dar a esses a mais ampla garantia de assistência.

²⁰⁵ BEVILACQUA, Piero. **Breve storia dell'Italia meridionale**. Roma: Donzelli, 2005. p. 152-153.

²⁰⁶ SANFILIPPO, Matteo. Tipologia dell'emigrazione di massa. In: BEVILACQUA, Piero; DE CLEMENTI, Andreina; FRANZINA, Emilio (Orgs.). **Storia dell'emigrazione italiana**: Partenze. Roma: Donzelli, 2002. p. 91.

²⁰⁷ BEVILACQUA, 2005, *op. cit.*, p. 157-158.

²⁰⁸ Ministero Affari Esteri, Direzione Generale dell'emigrazione, Problemi del Lavoro italiano all'Estero. Relazione per il 1964, Roma 1965, p. IX *apud* MARTELLINI, Amoreno. L'emigrazione transoceanica fra gli anni quaranta e sessanta. In: BEVILACQUA, Piero; DE CLEMENTI, Andreina; FRANZINA, Emilio (Orgs.). **Storia dell'emigrazione italiana**: Partenze. Roma: Donzelli, 2002. p. 383. [Tradução do autor].

Mais do que nunca, a emigração italiana no pós-guerra apresentou novas nuances, bem como continuidades em relação aos deslocamentos do final do século XIX. O contexto adverso, após a Segunda Grande Guerra, sinalizou para muitos cidadãos peninsulares a emigração como a melhor alternativa perante a situação vigente na Itália. O governo buscou facilitar e amparar o fluxo crescente de italianos que partiam; contudo, as redes imigratórias foram os principais agentes que impulsionaram a mobilidade de diversos expatriados.

2.4.1 A EMIGRAÇÃO SICILIANA NO PÓS-GUERRA (1946-1976)

O período do pós-guerra apresentou números que oscilavam entre 20 e 40 mil expatriados insulares por ano (como se constata no Quadro 1). A respeito disso, Giovanni Raffaele²⁰⁹ afirma:

Depois da interrupção forçada do Fascismo e da Segunda Guerra Mundial, continuaram imutáveis os motivos de descontentamento das populações sicilianas. O êxodo recomeçou de maneira maciça. A política econômica do Governo Pós-Guerra caracterizou-se pela necessidade de balancear e de recuperar os capitais para a reconstrução.

²⁰⁹ RAFFAELE, Giovanni. Siciliani nel mondo. In: BENIGNO, F. e GIARRIZZO, G. (a cura). **Storia della Sicilia**: dal Seicento a oggi. Bari: Laterza, 2003. p. 127.

Quadro 1 - Expatriados da Sicília de 1876 a 1975

ano	Expatriados	ano	expatriados	ano	expatriados	ano	expatriados
1876	1.228	1901	36.718	1926	22.781	1951	27.097
1877	767	1902	54.466	1927	19.595	1952	24.965
1878	1.065	1903	58.820	1928	11.926	1953	26.127
1879	888	1904	50.603	1929	13.629	1954	26.298
1880	884	1905	106.208	1930	16.257	1955	33.479
1881	1.143	1906	127.603	1931	14.342	1956	38.274
1882	3.215	1907	97.620	1932	7.389	1957	35.074
1883	4.040	1908	50.453	1933	5.941	1958	24.865
1884	2.420	1909	94.833	1934	5.914	1959	21.342
1885	2.186	1910	96.713	1935	5.356	1960	35.511
1886	4.270	1911	50.788	1936	3.701	1961	36.432
1887	4.653	1912	92.788	1937	5.550	1962	37.625
1888	7.015	1913	146.061	1938	5.160	1963	28.692
1889	11.305	1914	46.610	1939	2.928	1964	28.745
1890	10.705	1915	16.169	1940	879	1965	31.258
1891	10.130	1916	20.073	1941	75	1966	33.953
1892	11.912	1917	6.004	1942	68	1967	23.879
1893	14.626	1918	2.087	1943	0	1968	29.326
1894	9.125	1919	36.476	1944	0	1969	21.178
1895	11.307	1920	108.718	1945	0	1970	19.136
1896	15.432	1921	23.082	1946	6.426	1971	26.360
1897	19.109	1922	22.367	1947	17.436	1972	19.520
1898	25.579	1923	36.070	1948	25.872	1973	18.173
1899	24.604	1924	28.956	1949	29.101	1974	15.059
1900	28.838	1925	23.760	1950	23.752	1975	11.275

Fonte: Istat. Espatriati e Rimpatriati. Anni 1876-1975, in << Bolletino di statistica >> gennaio 1975, n.1 Per il complemento della serie. RAFFAELE, Giovanni. Op. Cit. p.118-119.

Entre os anos de 1919 a 1971, os emigrados continuaram se dirigindo, principalmente, para a América. De 1955 a 1960, os sicilianos representavam 15,48% das emigrações transoceânicas do conjunto nacional; de 1901 a 1910, isso correspondia ao percentual de 12,48%. A partir de 1950, muitos insulares, contudo, dirigiram-se para o triângulo industrial (*Triveneto*). Os países europeus, como França, Alemanha, Bélgica, Suíça e Grã-Bretanha, também representaram frequentes opções. O êxodo prosseguiu, motivado pelas desilusões das reformas agrárias tentadas na década de 1950.²¹⁰

A Sicília, dentre as demais regiões do *mezzogiorno*, apresentou o maior número de expatriados nos primeiros dez anos subsequentes ao final da Segunda Guerra Mundial, como se infere do Quadro 2. Após 1955, o número de emigrados começou a aumentar significativamente na Campânia e na Calábria, regiões que também protagonizaram um grande êxodo de cidadãos para outros destinos.

²¹⁰ RAFFAELE, Giovanni. Siciliani nel mondo. In: BENIGNO, F. e GIARRIZZO, G. (a cura). **Storia della Sicilia: dal Seicento a oggi**. Bari: Laterza, 2003. p. 128.

Quadro 2 - Emigrados dos Estados do Sul da Itália, 1946-1957

	Abruzzo	Basilicata	Calabria	Campania	Molise	Puglia	Sardegna	Sicilia
1946	5366	794	2969	5814	1956	4991	1663	6626
1947	12391	2343	12034	15914	5052	11460	3181	17436
1948	14676	3864	19921	19420	6375	13091	3411	25872
1949	15512	5180	27841	22029	8164	10989	2052	29101
1950	12948	5053	24407	19400	8108	7556	948	23752
1950	20071	5447	28176	23648	9845	14143	2714	27097
1952	20685	4447	25192	25474	9448	15166	4099	24965
1953	14988	3829	22192	24320	7907	11226	1592	21127
1954	19422	5733	35117	31818	9970	15244	2055	26298
1955	23832	7038	32990	37023	11456	21253	3230	33479
1956	27443	8142	37899	40852	13438	28338	4596	38274
1957	28345	9462	38060	41531	13086	32054	5233	35074
Total	<i>215679</i>	<i>61332</i>	<i>306798</i>	<i>307243</i>	<i>104805</i>	<i>185511</i>	<i>34774</i>	<i>309101</i>

Fonte: Rielaborazione dati da G. Rosoli (a cura di), *Un secolo di emigrazione italiana*, Cser, Roma, 1978. COLUCCI, Michele. Op. Cit. p.252).

Francesco Renda²¹¹ enfatiza que os emigrantes partiram em grande quantidade para outros países, mesmo para os destinos transoceânicos, cujo desconhecimento dos costumes, das línguas, das histórias, das políticas não os melindrava, pois sabiam que encontrariam um compatriota de seu *paese* que já residia na nova localidade escolhida. Em qualquer parte do globo, próximo ou distante, surgiam e desenvolviam-se várias pequenas Sicílias, cuja conservação de características particulares (dialetos, festas e tradições) de cidades natais era expressa de forma tenaz para que fossem preservados os laços entre conterrâneos em ambientes estrangeiros.

A maior parte dos expatriados eram camponeses das zonas internas da ilha. A existência de poucos postos de trabalho com baixa remuneração, somado ao excessivo contingente populacional, influenciou o grande número de partidas.²¹² O contexto internacional era favorável para se conseguir uma ocupação em outros países. Antonino Vinciprova²¹³ – que emigrou de Leonforte, Província de Enna, em 1955 – recorda que:

A motivação da viagem é porque lá (Leonforte) não havia a oferta de trabalho. Então nós viemos para cá (Porto Alegre), a fim de melhorar a vida trabalhando. [...] O

²¹¹ RENDA, Francesco *apud* RAFFAELE, Giovanni. Siciliani nel mondo. In: BENIGNO, F. e GIARRIZZO, G. (a cura). **Storia della Sicilia**: dal Seicento a oggi. Bari: Laterza, 2003. p. 340.

²¹² FINLEY, Moses I.; SMITH, Denis Mack; DUGGAN, Christopher J. H. **Breve storia della Sicilia**. Bari: Laterza, 2009. p. 318.

²¹³ VINCIPROVA, Antonino. **Imigração para Porto Alegre** [abr. 2010]. Entrevistador: Leonardo de Oliveira Conedera. Porto Alegre.

problema era que na agricultura um ano a colheita dava bem, enquanto em outros 2 ou 3 anos não dava nada. Era assim muito problemático para se viver.

Ainda sobre o assunto, cabe ressaltar que as Províncias de Caltanissetta, Enna e Agrigento registraram a maior fuga de camponeses; conseqüentemente, ocorreu o declínio da produção agrícola na ilha. A ação da Máfia, como a Cosa Nostra (na Sicília), a Camorra (na Campania) e a Andrangheta (na Calábria), colaborou para o ambiente instável que desanimava os indivíduos em continuar em seus *paesi* de origem.²¹⁴

O elevado número de analfabetos estava entre os maiores problemas existentes na Sicília. Em 1951, a ilha contava com 4.486.474 de habitantes em que mais de 21% dos indivíduos eram iletrados. A primeira preocupação do governo regional foi, por isso, a de abrir novas escolas com subsídios públicos em áreas internas onde o êxodo ocorria em larga escala e onde os índices de analfabetismo eram maiores. O auxílio governamental em 1947, assim, visava instruir e qualificar aqueles cujo caminho da emigração parecia ser a melhor oportunidade para conseguir uma ocupação.²¹⁵

Também se deve referir que a emigração gerou conseqüências positivas para a Sicília, como o envio de quantias de dinheiro cuja contribuição melhorou a vida daqueles insulares que lá permaneceram. A renda *per capita* da região triplicou de 1951 a 1983; contudo, também ocorreram reflexos negativos. A saída de muitos homens causou o crescimento da população feminina e do número de idosos nas cidades (do interior, especialmente). Outro aspecto recorrente era o fato de que vários emigrados não conseguiram se inserir em cargos empregatícios de alta remuneração, pois não possuíam qualificação profissional. Assim, muitos acabavam prejudicados e terminavam ocupando funções de baixos salários. Quando aconteceu a crise petrolífera em 1973, diversos sicilianos foram os primeiros a serem dispensados. Daqueles retornados para a Ilha 60% dos indivíduos não conseguiram emprego no mercado de trabalho.²¹⁶

Sobre o final dos anos 70, Giovanni Raffaele²¹⁷ explica:

Famílias inteiras regulavam “o relógio de suas existências” pela emigração, transformada assim em uma variável fundamental da vida econômica, social e política da Ilha. A reviravolta provocada pelas transformações desta época resultaria em movimento que seria irreversível, quando também, depois da crise petrolífera de

²¹⁴ BRANCATO, Francesco. **L'emigrazione siciliana negli ultimi cento anni**. Consenza: Pellegrini, 1998. p. 113.

²¹⁵ *Ibidem*, p. 96.

²¹⁶ FINLEY, Moses I.; SMITH, Denis Mack; DUGGAN, Christopher J. H. **Breve storia della Sicilia**. Bari: Laterza, 2009. p. 340-341.

²¹⁷ RAFFAELE, Giovanni. Siciliani nel mondo. In: BENIGNO, F. e GIARRIZZO, G. (a cura). **Storia della Sicilia: dal Seicento a oggi**. Bari: Laterza, 2003. p. 131. [Tradução do autor].

1973, o fluxo de repatriados começou a superar o de expatriados e a Sicília tornar-se-ia, mais uma vez, um local de imigração das regiões magrebina e africana em geral.

A emigração no período do pós-guerra, portanto, representou para diversos sicilianos a possibilidade de buscar melhores condições de vida. Em diversas cidades da Ilha, as perspectivas de trabalho eram escassas. A partir de medidas governamentais ou através da ajuda de familiares e amigos, partiu um elevado número de insulares, a fim de não apenas melhorar as suas próprias condições de subsistência, bem como a de seus parentes que lá permaneceram.

3. A chegada ao Brasil

3.1 A IMIGRAÇÃO ITALIANA EM NÚMEROS

Segunda maior corrente imigratória para o Brasil, precedida apenas pelos portugueses (como se observa no quadro 3), a imigração italiana apresentou visibilidade significativa, especialmente nos Estados do Sudeste e Sul do Brasil. Nos estudos sobre este fenômeno, ocorrido no “período áureo” da imigração²¹⁸ e nas décadas subsequentes, percebe-se a escassez de pesquisas que manifestem enfoque sobre a presença de peninsulares, no período do pós-Segunda Guerra Mundial no país.

**QUADRO 3 – ENTRADA DE IMIGRANTES NO BRASIL.
PRINCIPAIS NACIONALIDADES, 1872 a 2004**

Período	Portuguesa	Italiana	Espanhola	Alemã	Japonesa	Outras	Total
1872- 79	55.027	45.467	3.392	14.325	-	58.126	176.337
1880- 89	104.690	277.124	30.066	18.901	-	17.841	448.622
1890- 99	219.353	690.365	164.293	17.084	-	107.232	1.198.327
1900- 09	195.586	221.394	113.232	13.848	861	77.486	622.407
1910- 19	318.481	138.168	181.651	25.902	27.432	123.819	815.453
1920- 29	301.915	106.835	81.931	75.801	58.284	221.881	846.647
1930- 39	102.743	22.170	12.746	27.497	99.222	68.390	332.768
1940- 49	45.604	15.819	4.702	6.807	2.828	38.325	114.085
1950- 59	241.579	91.931	4.702	16.643	33.593	104.629	583.068
1960- 69	74.129	12.414	94.693	5.659	25.092	51.896	197.587
1970-2004	48.142	18.015	28.397	24.600	23.592	395.516	520.877
SOMATÓRIO 1872-2004	1.707.249	1.639.702	726.115	247.067	270.904	1.265.141	5.856.178
PARTICIPAÇÃO % P/ grupo	29,24	27,84	12,43	4,23	4,64	21,62	100

Fonte: LEVY, M.S. O papel da migração internacional na evolução da população brasileira: 1872-2004. Revista de Saúde Pública, São Paulo v.8, complemento, 1994. SINCRE/MJ. Imigrantes com RNE ou Protocolo. Brasília, 26 de Abril de 2004. ZAMBERLAM, Jurandir. O processo migratório no Brasil: e os desafios da mobilidade humana na globalização. Porto Alegre: Pallotti, 2004. p. 59.

De 1872 a 2004, entraram no Brasil, aproximadamente, 1.639.702 italianos, isto é, 27,84% dos estrangeiros que imigraram para o país, eram oriundos da Itália. No entanto, a etnia italiana também apresentou o maior índice de retorno, 10,61%.²¹⁹

Em um século, de 1860 a 1960, mais de 20 milhões de pessoas abandonaram a península e mais de 7 milhões radicaram-se no exterior. Os fluxos emigratórios aumentaram

²¹⁸ Diégues Júnior chama de “período áureo” da imigração no país os anos compreendidos entre 1888 e 1914. Nesse espaço de tempo, o Brasil recebeu, aproximadamente, 2.594.720 imigrantes. DIÉGUES JUNIOR, Manuel. **Imigração, urbanização e industrialização**: estudo sobre alguns aspectos da contribuição cultural do imigrante no Brasil. Rio de Janeiro: Instituto Nacional de Estudo e Pesquisa Educacional, 1964. p. 64.

²¹⁹ ZAMBERLAM, Jurandir. **O processo migratório no Brasil**: e os desafios da mobilidade humana na globalização. Porto Alegre: Pallotti, 2004. p. 58-59.

no último quartel do século XIX. Dos portos de Gênova e Nápoles partiam navios cheios de indivíduos dispostos a buscar novas oportunidades em outros destinos.²²⁰

A imigração é um fenômeno complexo que envolve uma multiplicidade de fatores de expulsão e atração. No caso italiano, diversas nuances favoreceram a mobilidade de seus cidadãos.

Entre 1876 e 1914, Antonio Golini e Flavia Amato salientam que a emigração dos peninsulares decorreu, especialmente, por dois fatores de expulsão, um econômico-social e o outro político. O primeiro estava inter-relacionado com a economia pós-Unificação italiana, cujo alicerce era a agricultura e que sofreu duras perdas entre 1873 e 1879, quando houve a primeira grande depressão mundial, o que levou os preços dos produtos agrícolas a caírem drasticamente. Isso acarretou grave crise social e os agricultores encontraram na emigração a única alternativa para a miséria.²²¹

O segundo fator vincula-se com a política emigratória adotada pelo governo italiano, que se caracterizava pela ausência de fiscalização e de tutela por parte das autoridades, visto que não existia uma lei orgânica que regulamentasse a saída dos emigrantes. Nesse período, portanto, a emigração caracterizava-se, majoritariamente, como espontânea e/ou clandestina. Também para corroborar com tal contexto a lei Crispi, de 1888, sancionou o direito de liberdade para os italianos partirem de sua pátria. Assim, o binômio crise econômica e política liberal agiu como facilitador à emigração italiana.²²²

Nesse contexto, o Brasil promulgou o Decreto nº 528, em 28 de junho de 1890, cuja execução do seu programa resultou na aceleração do processo imigratório. Além disso, a Constituição de 1891 concedeu aos Estados autonomia para a implantação de projetos que visassem à vinda de imigrantes.²²³ Diégues Júnior²²⁴ destaca que, do final do século XIX até a Primeira Guerra Mundial, entraram aproximadamente 2.594.720 imigrantes no país e destes 1.063.173 seriam italianos, o que corresponde a 40,97% dos estrangeiros que chegaram ao Brasil.

²²⁰ CONSTANTINO, Núncia Santoro. Imigrantes italianos: partir, transitar, *chegar*. In: RECKIEGEL, Ana Luiza Setti; AXT, Gunter (Org.). **História geral do Rio Grande do Sul**. República Velha (1889-1930). Passo Fundo: Méritos, 2007. V. 3. p. 396.

²²¹ GOLINI, Antonio; AMATO, Flavia. Uno sguardo a um secolo e mezzo di emigrazione italiana. In: BEVILACQUA, Piero; DE CLEMENTI, Andreina; FRANZINA, Emilio (Orgs.). **Storia dell'emigrazione italiana**: Partenze. Roma: Donzelli, 2002. p. 48.

²²² *Ibidem*, p. 49.

²²³ CONSTANTINO, 2007, *op. cit.*, p. 400.

²²⁴ DIÉGUES JUNIOR, Manuel. **Imigração, urbanização e industrialização**: estudo sobre alguns aspectos da contribuição cultural do imigrante no Brasil. Rio de Janeiro: Instituto Nacional de Estudo e Pesquisa Educacional, 1964.

Após a Primeira Guerra, os números mostram a grande diminuição na quantidade de peninsulares ingressando no país. O fluxo de expatriados também diminuiu na Itália. Além disso, o governo brasileiro mudou as suas diretrizes a respeito da política imigratória inspirado nas políticas restritivas adotadas pelos Estados Unidos nos anos 20. Na Constituição de 1934, o artigo nº 121 impôs limitações ao número de estrangeiros que quisessem imigrar para o Brasil. A partir de 1934, a entrada das correntes imigratórias de cada país não poderiam ultrapassar, anualmente, a quota de 2% do total dos respectivos compatriotas fixados no país durante os últimos 50 anos.²²⁵

Terminada a Segunda Guerra – que interrompeu os deslocamentos durante a vigência dos conflitos – a imigração peninsular recomeçou. O Brasil acolheu 12,6 % dos peninsulares imigrados para a América Latina no período do pós-guerra.²²⁶ Trento²²⁷ destaca que “o fluxo de emigrantes da Itália teria podido ser mais consistente, especialmente durante os primeiros anos posteriores à guerra, se um acordo emigratório entre os dois países tivesse sido firmado a tempo”.

No âmbito diplomático entre Brasil e Itália, a questão da imigração era frequentemente discutida. Os dois governos visavam viabilizar tratados para promovê-la; entretanto, o entendimento demorou muito para se efetivar. O primeiro Acordo de Migração, de 5 de julho de 1950, foi débil e pouco proveitoso. Além disso, somente em 1960 outro Acordo de Migração foi realizado, mas entraria em vigor somente cinco anos depois de sua assinatura.²²⁸

As normas restritivas decretadas em 1934 foram abolidas em 1948. Logo, o governo brasileiro restaurou a liberação para o recebimento dos fluxos imigratórios de outros países.²²⁹

Nas relações envolvendo os governos brasileiro e italiano as adversidades para o melhor entendimento deviam-se ao período da guerra onde os países se encontravam em lados opostos. As primeiras iniciativas de conciliação aconteceram através de um acordo de cooperação econômica em 1950.²³⁰ Amado Luiz Cervo²³¹ comenta que “a ideia de associar intimamente a cooperação econômica à imigração tropeçou nos controles que os diversos órgãos da administração exerciam sobre a primeira e nas dificuldades da segunda”.

²²⁵ CENNI, Franco. **Italianos no Brasil**. São Paulo: Martins, EDUSP, 1975. p. 401.

²²⁶ TRENTO, Angelo. **Do outro lado do Atlântico: um século de imigração italiana no Brasil**. São Paulo: Nobel, 1989. p. 408.

²²⁷ *Ibidem*, p. 409.

²²⁸ CERVO, Amado Luiz. **As relações históricas entre e Brasil e Itália: o papel da diplomacia**. Brasília: UNB, 1992. p. 196.

²²⁹ TRENTO, 1989, *op. cit.*, p. 408.

²³⁰ CERVO, 1992, *op. cit.*, p. 206.

²³¹ *Ibidem*, p. 207.

A via diplomática dificultou a imigração, como no caso das pendências ocorridas durante a guerra. A legislação e os órgãos brasileiros também não manifestaram apoio positivo para a vinda de estrangeiros.²³² Manuel Diégues Júnior²³³ destaca que:

A política migratória do Brasil não foi das mais felizes, nem das mais razoáveis, reservando todos os princípios restricionistas que, a partir de 1930, começaram a marcar a entrada dos imigrantes no país. [...] Em nenhum ano, entre o término da Guerra e 1958, se alcançou um total de 100 mil imigrantes; o máximo atingido foi de pouco mais de 88 mil. É certo que tem predominado, em nossas estatísticas de imigração, a condição de “espontâneos” dos imigrantes. A entrada de imigrantes dirigidos anda, relativamente, pela casa dos 15%, considerando todo o período de 1946-1958.

Mesmo com a escassez de fomento para a imigração no território nacional, em 1949, a Companhia Brasileira de Colonização e Imigração italiana foi criada através de um convênio, a fim de dirigir o fluxo de imigrantes.²³⁴ A Companhia iniciou a criação de um centro modelo de colonização. Isso é, a ideia do empreendimento era de trazer imigrantes para áreas inexploradas para se dedicarem ao setor agrícola.²³⁵ A Companhia elaborou doze projetos importantes, mas a maioria deles foi mal sucedido.²³⁶

É importante salientar que o Acordo Emigratório de 1950 visava duas modalidades de emigração: individual (baseada em atos de chamada e ofertas de trabalho), através de grupos e cooperativas (sobretudo de colonização agrícola), e dirigida. O tratado firmado previa que o Brasil forneceria regularmente pedidos de mão de obra divididos por profissão.²³⁷

Esse Acordo foi muito discutido no parlamento italiano, porque os imigrantes (com qualificação profissional) seriam destinados para colônias agrícolas em áreas isoladas e inexploradas. Apesar das reclamações de alguns deputados, o parlamento ratificou o Acordo entre os dois governos em 1951.²³⁸

Deve-se ressaltar que alguns imigrantes que se fixaram em Porto Alegre no pós-guerra não vinham somente através do chamado de parentes e amigos. Algumas empresas, cujos

²³² CERVO, Amado Luiz. **As relações históricas entre e Brasil e Itália: o papel da diplomacia**. Brasília: UNB, 1992. p. 196.

²³³ DIÉGUES JUNIOR, Manuel. **Imigração, urbanização e industrialização: estudo sobre alguns aspectos da contribuição cultural do imigrante no Brasil**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional de Estudo e Pesquisa Educacional, 1964. p. 307.

²³⁴ CERVO, 1992, *op. cit.*, p. 196-197.

²³⁵ CENNI, Franco. **Italianos no Brasil**. São Paulo: Martins, EDUSP, 1975. p. 401.

²³⁶ CERVO, 1992, *op. cit.*, p. 197.

²³⁷ TRENTO, Angelo. **Do outro lado do Atlântico: um século de imigração italiana no Brasil**. São Paulo: Nobel, 1989. p. 412.

²³⁸ DE CLEMENTI, Andreina. **Il prezzo della ricostruzione: le emigrazione italiana nel secondo dopoguerra**. Bari: Laterza, 2010. p. 52.

proprietários eram italianos, como, por exemplo, as Massas Adria, responsabilizavam-se pela estadia e pela oferta de serviço.²³⁹

O órgão do governo brasileiro responsável pela imigração era o Conselho de Imigração e Colonização (CIC)²⁴⁰. Dentre as exigências do CIC, o imigrante deveria gozar de boa saúde física e mental. Então, a maioria dos estrangeiros precisou passar por seleções médicas. As pessoas passavam pelos exames em seu próprio país e precisavam da liberação médica para embarcar.²⁴¹

Além disso, a Sra. Maria Scavuzzo²⁴² – que emigrou de Adrano (Província de Catania), em 1950, para Porto Alegre – comenta:

Naquela época, para vir ao Brasil precisava: pagar a passagem, uma certidão de trabalho, uma pessoa que se responsabilizasse pela sua permanência no Brasil, e precisava de um atestado da igreja dizendo que o imigrante era católico e não comunista.

Como aponta a Sra. Scavuzzo, a capacitação profissional também era uma das exigências que a maioria dos indivíduos precisava comprovar para imigrar, especialmente aqueles que imigraram através do Comitê Intergovernamental para as Migrações Europeias (CIME²⁴³). O Sr. Sebastiano Campisi²⁴⁴ – que emigrou de Avola (província de Siracusa), em 1955, para a capital gaúcha – fala:

Quando eu quis sair de casa, eu decidi vir para cá (Brasil). [...] E para vir eu fiz um pedido que permitia vir sem custos, de graça. Eu vim como um imigrante profissional (profissional). Eu precisei ir primeiro a Milano (Milão) [...] para fazer exame profissional. Então, logo fui aceito, e voltei para casa. Depois, já em casa me mandaram esperar, e no dia 15 de janeiro, se não me engano, me chamaram, e me enviaram para Genova. Em Genova, recebi o passaporte e todos os demais documentos, e vim para o Brasil.

Nos anos 50, metade da população brasileira era analfabeta. Assim, o país apresentava números reduzidos de mão de obra qualificada; logo, as autoridades pretendiam atrair os

²³⁹ ZAMBERLAM, Jurandir et al. **50 anos de serviço com os migrantes**: paróquia da Pompéia - Missão Scalabriniana. Porto Alegre: IMPA, 2010. p. 62.

²⁴⁰ O Conselho de Imigração e Colonização (CIC), órgão federal, subordinado ao Ministério da Agricultura, e também ao departamento de Colonização e Terra. FACCHINETTI, Luciana. **Parla!** O imigrante italiano do segundo pós-guerra e seus relatos. São Paulo: Angellara, 2004. p. 78.

²⁴¹ *Ibidem*, p. 78.

²⁴² SCAVUZZO, Maria. **Projeto mulheres imigrantes do Mercosul** [abr. 2004]. Entrevistadores: André Andreguetti, Luciana de Oliveira e Núncia Santoro de Constantino. Porto Alegre.

²⁴³ O CIME foi fundado em 1951, em Bruxelas, e se encarregou do recrutamento e transporte de imigrantes de diversas nacionalidades europeias. O órgão encarregava-se da pré-seleção e dos cursos profissionalizantes na pátria de origem do imigrante. No Brasil, o CIME assumiu a maioria das funções anteriormente realizadas pelas autoridades brasileiras. Na Itália, era responsável pela seleção técnica dos candidatos. FACCHINETTI, 2004, *op. cit.*, p. 78.

²⁴⁴ CAMPISI, Santi Sebastiano. **Imigração para Porto Alegre** [jul. 2010]. Entrevistador: Leonardo de Oliveira Conedera. Porto Alegre.

imigrantes com qualificação para impulsionar especialmente o setor industrial que começava a crescer.²⁴⁵

Outra premissa exigida pelo governo italiano era o “atestado de boa conduta”, isto é, o emigrado não poderia ser comunista. Os órgãos de imigração italianos faziam uma seleção ideológica. Muitos peninsulares precisavam ter o visto do padre afirmando que o indivíduo era um “bom cristão”. A polícia italiana concedia o passaporte ao requerente somente após receber o aval do padre. As autoridades brasileiras também tinham o cuidado de coibir o ingresso de sujeitos de ideologia socialista ou comunista.²⁴⁶

O CIME cooperou para a imigração individual e dirigida. Os deslocamentos dirigidos destinavam-se principalmente para núcleos rurais. Todavia, o órgão enfrentou inúmeras dificuldades para estabelecer uma imigração agrícola assalariada, pois o Brasil não apresentava uma estrutura adequada. O CIME fomentou a transferência de operários e técnicos industriais, no âmbito do plano MOPC (Mão de Obra Pré-Colocada). Assim, o governo brasileiro repassava, periodicamente, listas de profissões e ofícios para os quais havia necessidade.²⁴⁷ Trento²⁴⁸ frisa que:

O CIME cuidava, na Itália, da seleção técnica, controlando se a qualificação dos aspirantes correspondia a uma das profissões requisitadas. Chegava-se, assim, à compilação de uma lista, em cujo âmbito as empresas de além-mar podiam escolher os nomes que pareciam mais adequados às suas necessidades, mediante pagamento de uma pequena soma reembolsável, se, após um período de experiência de sessenta dias, o operário não tivesse proporcionado resultados satisfatórios.

Entre 1952 a 1958, o CIME viabilizou a entrada de 72.277 imigrantes no Brasil: 48.269 italianos, 5.435 gregos, 4.791 espanhóis, 3.299 alemães, 2.936 austríacos, 1.548 holandeses e 5.999 de outras nacionalidades. Nesse período, o mesmo órgão também promoveu o deslocamento de 855.000 indivíduos.²⁴⁹ A maioria dos imigrantes que desembarcaram no país eram agricultores. Entretanto, 15,7% dos indivíduos eram técnicos qualificados. O grupo italiano colaborou com o maior contingente de operários qualificados.²⁵⁰

²⁴⁵ FACCHINETTI, Luciana. **Parla!** O imigrante italiano do segundo pós-guerra e seus relatos. São Paulo: Angellara, 2004. p. 99.

²⁴⁶ *Ibidem*, p. 80.

²⁴⁷ TRENTO, Angelo. **Do outro lado do Atlântico:** um século de imigração italiana no Brasil. São Paulo: Nobel, 1989. p. 416.

²⁴⁸ *Ibidem*, p. 416.

²⁴⁹ CENNI, Franco. **Italianos no Brasil.** São Paulo: Martins, EDUSP, 1975. p. 409.

²⁵⁰ DIÉGUES JUNIOR, Manuel. **Imigração, urbanização e industrialização:** estudo sobre alguns aspectos da contribuição cultural do imigrante no Brasil. Rio de Janeiro: Instituto Nacional de Estudo e Pesquisa Educacional, 1964. p. 303-308.

Nos Censos das décadas de 40 e 50, os italianos constituíam a etnia com o maior número de estrangeiros residentes na sociedade brasileira. A maioria dos peninsulares residia nos Estados de São Paulo e Rio Grande do Sul.²⁵¹

No Rio Grande do Sul havia 24.549 e 15.003 peninsulares, respectivamente, segundo os registros dos Censos de 1940 e de 1950. Os números colocavam os italianos como o maior contingente de imigrantes presentes no Estado. Nos Censos seguintes, os italianos mantiveram números significativos na comparação com os demais estrangeiros; no entanto, acabaram superados pelos contingentes de uruguaios e alemães²⁵².

Em 1951, os italianos residentes no país alcançavam a soma de 242.337. Desses, 197.659 (81,44%) conservaram a nacionalidade de origem, enquanto 44.678 optaram pela naturalização. A maioria dos emigrados (53,65%) era do sexo masculino.²⁵³

Além disso, a maior parte dos imigrantes vindos durante o pós-guerra era constituída por homens que tinham entre 18 e 30 anos de idade, como se pode observar no quadro 4.

Quadro 4 - Entrada de Italianos no Brasil em 1951

Italianos	Mulheres	Homens
Menores de 3 anos	85	106
De 3 a 6 anos	150	143
De 7 a 13 anos	200	195
De 14 a 17 anos	105	134
De 18 a 30 anos	644	1400
De 31 a 40 anos	326	542
De 41 a 50 anos	194	243
De 51 a 60 anos	116	87
Maiores de 60 anos	101	60

Fonte: BOLETIM DE IMIGRAÇÃO E COLONIZAÇÃO DO ANO DE 1951. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1952 p.21-23.

Em 1951, 4.831 italianos chegaram no Brasil. Dentre os emigrados, 4.090 (84,68%) eram alfabetizados²⁵⁴. No pós-guerra, os imigrantes vinham com uma escolaridade maior que a de seus patrícios desembarcados no final do século XIX. A maioria tinha concluído o ensino primário e sabia ler e escrever.²⁵⁵ Por isso, entre outros motivos, Trento²⁵⁶ enfatiza que:

²⁵¹ ZAMBERLAM, Jurandir. **O processo migratório no Brasil**: e os desafios da mobilidade humana na globalização. Porto Alegre: Pallotti, 2004. p. 59.

²⁵² IBGE. Censos demográficos de 1940, 1950, 1960, 1970 e 1980.

²⁵³ CENNI, Franco. **Italianos no Brasil**. São Paulo: Martins, EDUSP, 1975. p. 404.

²⁵⁴ BOLETIM DE IMIGRAÇÃO E COLONIZAÇÃO DO ANO DE 1951. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1952, *apud* FACCHINETTI, Luciana. **Parla!** O imigrante italiano do segundo pós-guerra e seus relatos. São Paulo: Angellara, 2004. p. 115.

²⁵⁵ *Ibidem*, p. 139.

²⁵⁶ TRENTO, Angelo. **Do outro lado do Atlântico**: um século de imigração italiana no Brasil. São Paulo: Nobel, 1989. p. 421.

O emigrante do pós-guerra não se parecia em nada com o de décadas atrás; ele era portador de exigências bem diferentes e tinha consciência de seus direitos e uma dignidade humana totalmente desconhecidas dos trabalhadores que abandonaram a pátria no início do século.

3.2 TRAJETÓRIAS

3.2.1 REDES SOCIAIS E IMIGRAÇÃO

No pós-guerra, novas levas de italianos ingressaram no Brasil. Assim, outros peninsulares começaram a fazer parte da sociedade rio-grandense. Através das Certidões de Casamentos pode-se averiguar uma amostragem sobre os imigrantes que chegaram a Porto Alegre.

A partir da pesquisa no Arquivo Público do Rio Grande do Sul, encontrou-se 466 certidões onde ao menos um dos cônjuges era oriundo da Itália entre os anos de 1955 e 1975. A maior parte dos documentos²⁵⁷ apresenta a proveniência (cidade ou província natal) dos italianos.

Em Porto Alegre, o maior contingente de peninsulares é originário do *mezzogiorno*. Dentre os imigrantes meridionais destacam-se quantitativamente, respectivamente, os provenientes de três Regiões: Calábria (127 certidões), Campânia (58 certidões) e Sicília (50 certidões). Nos registros matrimoniais também se descobriu, em menor número, oriundos da Abruzzo, Puglia, Basilicata e Sardegnia.

Os sicilianos que se estabeleceram no município vieram de cidades localizadas no centro da ilha (Leonforte, Raddusa, Adrano, Enna) e na parte oriental (Catania Avola, Messina). Os emigrados eram, majoritariamente, das províncias de Enna, Catania, mas também foram encontrados expatriados de Trapani, Palermo e Siracusa.²⁵⁸

Nas certidões matrimoniais ainda se observa a existência de indivíduos da Itália central, especialmente de Roma (das províncias de Lazio e Viterbo) e da Toscana (províncias de Florença e Lucca). Os indivíduos da Itália setentrional aparecem em menor quantidade se comparados aos sulistas. A maioria deles veio das regiões do Veneto, Lombardia e Emilia-Romagna.

A análise das certidões permite inferir que grande parte dos italianos era do sexo masculino e proveniente do sul da Itália; inúmeros imigrantes apresentavam familiares

²⁵⁷ Algumas certidões não apresentavam a cidade natal do imigrante, somente informava a nacionalidade italiana.

²⁵⁸ Ver mapa no Anexo A.

residentes na capital (especialmente no caso das mulheres); entre as testemunhas, normalmente encontrava-se conterrâneos.

Figura 1 – Cidade de Adrano



Fonte: www.comuneadrano.ct-egov.it

Figura 2 – cidade de Leonforte



Fonte: www.comuneleonforte.it

Outra fonte explorada durante a pesquisa foi às fichas do IASI²⁵⁹ (*Istituto di Assistenza Sociale degli Italiani*). A entidade, desde sua criação, em dezembro de 1986, assiste expatriados italianos em dificuldade (financeira, de saúde). Analisando-se os dados verificaram-se as mesmas inferências dos encontrados nos registros matrimoniais: na área urbana, Porto Alegre e na Região Metropolitana, o maior contingente de imigrantes provém da Itália meridional; enquanto que, no interior do Estado, a maior parcela dos assistidos pelo órgão é originária das regiões setentrionais.

A apreciação dos registros matrimoniais, as fichas do IASI e as narrativas dos entrevistados apontam que, após o final da guerra, diversos peninsulares entraram no Brasil e se dirigiram para a capital gaúcha, porque havia familiares e/ou amigos. Dessa forma, a imigração espontânea predominou para ingresso de italianos no país no período do pós-guerra.

Além disso, os resumos dos relatórios dos desembarques de imigrantes mostram, e reforçam, a grande incidência de indivíduos chegando ao Brasil através de parentes residentes no país. Por exemplo, o resumo do relatório do vapor Andrea C' é de 26 de setembro de 1959 e apresenta que, dos 72 italianos desembarcados, 68 foram entregues a familiares.²⁶⁰

É importante salientar que a maioria dos peninsulares que se fixaram em Porto Alegre desde o último quartel do oitocentos eram provenientes do *mezzogiorno*, isto é, oriundos da

²⁵⁹ Foram averiguados os dados dos assistidos pelo instituto que já faleceram.

²⁶⁰ RESUMO DO RELATÓRIO DO DESEMBARQUE DE IMIGRANTES DO VAPOR ANDREA C' É NO PORTO DE SANTOS. 26/09/1959. ARQUIVO HISTÓRICO DO ESTADO DE SÃO PAULO. Disponível em: <<http://www.arquivoestado.sp.gov.br/imigracao/listas.php>> Acessado em: 20 nov. 2010.

Calábria, Sicília, Campania, Abruzzo, Puglia, Basilicata e Sardegnna.²⁶¹ Núncia Constantino²⁶² frisa que:

Muita gente moranesa²⁶³ alcançava Porto Alegre desde o final do século XIX; gente inicialmente inserida nos contingentes de italianos que começam a ingressar no Rio Grande do Sul; gente que depois vem chegando a chamado dos parentes ou amigos, gente que passa a fazer parte da estrutura social da cidade.

Desde o século XIX, a capital gaúcha recebeu imigrantes que se deslocavam através do chamado de seus patrícios que se encontravam no núcleo urbano. Charles Tilly²⁶⁴ propõe tipologias migratórias para que se possa compreender melhor o fenômeno imigratório. O autor refere as seguintes tipologias:

a) Locais: quando o indivíduo se desloca a um mercado (seja este de trabalho, de terras, seja mesmo matrimonial) geograficamente contíguo, que normalmente já lhe é familiar. b) Circulares: quando o indivíduo se desloca a um mercado por um determinado intervalo de tempo definido, ao cabo do qual retorna a sua origem. c) De carreira: em que o indivíduo se desloca respondendo a oportunidades de ocupação de postos oferecidos por uma organização a que pertence ou associados a uma profissão que já exerce. d) Em cadeia: que envolve o deslocamento de indivíduos motivados por uma série de arranjos e informações fornecidas por parentes e conterrâneos já instalados no local de destino.²⁶⁵

Entre as categorias sugeridas por Tilly, os italianos residentes em Porto Alegre praticaram migrações em cadeia, visto que muitos deles deixaram seus *paesi* chamados pelos parentes ou amigos presentes na cidade.

Dentre os onze sicilianos entrevistados²⁶⁶ apenas três não imigraram para o país através do ato de chamada, e apenas um deles não tinha familiares ou amigos residindo no Rio Grande do Sul. A Sra. Vincenza Nani²⁶⁷ – que nasceu em 1939 em Raddusa (província de Catania) – imigrou em 1954, e comenta: “O meu pai tinha uma irmã que morava aqui em Porto Alegre. Ela casou muito jovem e veio com o seu marido para o Brasil. [...] nós viemos para o Brasil aceitando o convite da minha tia. Viemos como imigrantes”.

²⁶¹ CONSTANTINO, Núncia Santoro de. **O italiano da esquina**: meridionais na sociedade porto-alegrense e permanência da identidade entre moraneses. Porto Alegre: EST, 2007b. p. 12.

²⁶² *Ibidem*, p. 14.

²⁶³ Moraneses – refere-se aos italianos oriundos do município de Morano Calabro, que está localizado na região da Calábria na Itália.

²⁶⁴ TILLY, Charles *apud* TRUZZI, Oswaldo. Redes em processos migratórios. **Tempo Social** – Revista de Sociologia da USP, São Paulo, v. 20, n. 1, p. 200, jun. 2008.

²⁶⁵ *Ibidem*, p. 200.

²⁶⁶ Ver Anexo B.

²⁶⁷ NANI, Vincenza. **Imigração para Porto Alegre** [jan. 2011]. Entrevistadores: Leonardo de Oliveira Conedera e a Egiselda Charão. Porto Alegre.

Da mesma forma que o pai da Sra. Nani foi chamado pela irmã, a Sra. Maria Mancuso²⁶⁸ menciona:

Os italianos vinham por intermédio de outros italianos que vinham antes e que, posteriormente, chamavam os outros. Então, uma irmã da minha mãe, Francesca, que veio com o marido, e depois [ela] mandou chamar a minha mãe. Da família da minha mãe muitos vieram para cá [Porto Alegre].

A imigração espontânea era fomentada, muitas vezes, pelos próprios peninsulares residentes no Brasil. O motor das emigrações muitas vezes é motivado pela própria emigração. Franco Ramella²⁶⁹ frisa que “a ativação por parte dos indivíduos e das famílias como elos mais ou menos selecionados pelas redes sociais que são a parte reguladora do movimento, o organiza, o canaliza para certas direções e não a outras”.

Os meridionais residentes em Porto Alegre compartilham um conjunto de relações, isto é, cada imigrante representa um elemento importante na rede social²⁷⁰ estabelecida entre ele e seus compatriotas que vivem na cidade. As redes sociais são alicerçadas pelas relações de solidariedade e confiança. Normalmente, a família é a base da rede de solidariedade, visto que ela representa o grupo social do indivíduo.²⁷¹

O uso dos termos “cadeia” e “rede” busca sublinhar a condição de que diversos imigrantes deslocam-se depois de inteirarem-se, previamente, sobre os ensejos e adversidades com aqueles que imigraram anteriormente.²⁷²

A Sra. Epifania Di Fazio²⁷³ – que nasceu em Leonforte (província de Enna) e imigrou em 1955 – menciona que veio com sua família (seus pais e os 5 irmãos), porque foram chamados por sua tia materna. Através das cartas trocadas entre o seu pai e sua tia, a família, morando na Itália, foi informada de que teria melhores perspectivas de vida na capital gaúcha.

A partir da troca de correspondência entre as famílias meridionais, os parentes ou amigos que emigraram forneciam as informações sobre o local de destino (as possibilidades

²⁶⁸ MANCUSO, Maria. **Imigração para Porto Alegre** [dez. 2010]. Entrevistadores: Leonardo de Oliveira Conedera e a Egiselda Charão. Porto Alegre.

²⁶⁹ RAMELLA, Franco. Reti sociali, famiglie e strategie migratorie. In: BEVILACQUA, Piero; DE CLEMENTI, Andreina; FRANZINA, Emilio (Orgs.). **Storia dell'emigrazione italiana**: Partenze. Roma: Donzelli, 2002. p. 143.

²⁷⁰ Rede social é um campo de relações entre indivíduos que pode ser definido por uma variável predeterminada e se referir a qualquer aspecto de uma relação. Uma rede social não é um grupo bem definido e limitado, senão uma abstração que se usa para facilitar a descrição de um conjunto de relações em um espaço social dado. Cada pessoa é o centro de uma rede de solidariedade e, ao mesmo tempo, é parte de outras redes. LOMNITZ, Larissa Adler. **Redes sociais, cultura e poder**. Rio de Janeiro: E-papers, 2009. p. 18.

²⁷¹ *Ibidem*, p. 20.

²⁷² TRUZZI, Oswaldo. Redes em processos migratórios. **Tempo Social** – Revista de Sociologia da USP, São Paulo, v. 20, n. 1, p. 203, jun. 2008.

²⁷³ DI FAZIO, Epifania. **Imigração para Porto Alegre** [dez. 2010]. Entrevistadores: Leonardo de Oliveira Conedera e a Egiselda Charão. Canoas.

de trabalho, o tipo de ambiente que vão encontrar) para os familiares e amigos que permaneceram no *paese*.

Além disso, em alguns casos os próprios amigos emigrados custeavam as despesas daqueles que desejavam emigrar.²⁷⁴ A Sra. Maria Scavuzzo²⁷⁵ lembra que seu pai, Giuseppe Scavuzzo, veio para o Brasil por intermédio de um amigo de infância, o Sr. Giuseppe Pappalardo, que – quando retornou para visitar o seu *paese* de origem (Adrano) – o convidou para emigrar para Porto Alegre, onde ele poderia encontrar melhores oportunidades de trabalho. Entretanto, o pai da depoente não tinha o dinheiro da passagem; então, o seu conterrâneo pagou a passagem para ele se deslocar.

Outra particularidade presente nas redes sociais que alimentam a imigração é o grau de confiabilidade. Ou seja, o indivíduo desloca-se porque acredita no que foi dito a ele pelo parente ou amigo. Oswaldo Truzzi²⁷⁶ lembra que “[...] cada informação sobre um indivíduo em sua trajetória influencia o sistema como um todo. [...] Os contatos pessoais tornam-se mais importantes, porque são mais confiáveis do que as informações não pessoais”.

Apesar de alguns amigos emigrados sustentarem a transferência de outros patrícios para o Brasil, na maior parte das vezes as pessoas interligadas por laços parentais (irmãos, tios, primos) eram as responsáveis pela ação de incentivar a imigração dos parentes para Porto Alegre.

O aparato da rede também intervinha no processo de adaptação. Os indivíduos, que imigraram demoravam para se ambientar à nova sociedade. Assim, os recém-chegados manifestavam insatisfação e os familiares responsáveis pela sua vinda os consolavam e os incentivam, para não se abaterem com as dificuldades dos primeiros anos. A Sra. Maria Mancuso²⁷⁷ narra:

Quando chegamos estranhamos, e também meus pais chegaram aqui sem dinheiro. Então, eles chegaram aqui sem dinheiro, sem saber falar, vieram então se “aventurar”. Tanto que 3 anos depois que chegamos aqui o meu pai queria ir embora. [...] Mas como os meus tios imploravam, e explicavam para ele ficar. Até porque não era fácil de conseguir um emprego e de se manter aqui.

²⁷⁴ CERVO, Amado Luiz. **As relações históricas entre e Brasil e Itália**: o papel da diplomacia. Brasília: UNB, 1992. p. 203.

²⁷⁵ SCAVUZZO, Maria. **Projeto mulheres imigrantes do Mercosul** [abr. 2004]. Entrevistadores: André Andregueti, Luciana de Oliveira e Núncia Santoro de Constantino. Porto Alegre.

²⁷⁶ TRUZZI, Oswaldo. Redes em processos migratórios. **Tempo Social** – Revista de Sociologia da USP, São Paulo, v. 20, n. 1, p. 206, jun. 2008.

²⁷⁷ SCAVUZZO, 2004, *op. cit.*

Além de incentivar e confortar, os parentes que enfrentavam os infortúnios dos tempos iniciais, os responsáveis pela vinda de outros conterrâneos, eram um ponto de referência em que os recém-chegados se apoiavam. A Sra. Vincenza Nani²⁷⁸ salienta:

A casa que nós alugávamos ficava próxima à casa da minha tia na Glória. Morávamos próximo à minha tia porque “devíamos” muito a ela, depois eram os nossos únicos parentes aqui. Enfim, nós tínhamos um amor afetivo com eles mesmo antes de irmos para o Brasil, e eles eram uma referência para nós. Então, sem esperar, nós íamos visitá-los, eles vinham nos visitar. Nós éramos muito unidos!

Portanto, os incentivadores e, ao mesmo tempo, membros da rede migratória, são responsáveis por uma série de questões (recursos financeiros, informações sobre a sociedade de destino, adaptação) que envolvem o sistema de relações que sustenta a rede. Mas, é conveniente referir que existem distinções entre redes sociais e redes migratórias, visto que as primeiras precisam existir para viabilizarem o desenvolvimento das segundas. Truzzi²⁷⁹ afirma que:

Os mapas mentais dos que pensam em emigrar são diferentes dos mapas geográficos. Locais em outro continente, mas com parentes e empregos, podem ser emocional e materialmente próximos, enquanto espaços sociais vizinhos, mas sobre os quais não se tem referências, podem parecer muito distantes.

A imigração em cadeia através das redes sociais não é uma peculiaridade da coletividade italiana de Porto Alegre. Nos estados de São Paulo e Rio de Janeiro evidencia-se a imigração instigada por peninsulares que se transferiram anteriormente à Segunda Guerra, ou mesmo pelos indivíduos que vieram nas primeiras levadas do pós-guerra.²⁸⁰

Além disso, os imigrantes, que vieram para Porto Alegre no pós-guerra não vinham somente através do chamado de parentes e amigos. Algumas firmas italianas, como a Fundação Massas Adria, responsabilizavam-se pela vinda, estadia e pela oferta de serviço para os emigrados e suas famílias.²⁸¹

No entanto, o ingresso de sicilianos, bem como a de italianos de outras regiões, no pós-guerra, deve-se à existência de conterrâneos residindo na capital gaúcha. Durante o período do Entre Guerras (1919-1938), a imigração prosseguiu no país, mas com números bastante reduzidos em relação aos registrados antes da Primeira Guerra.

²⁷⁸ NANI, Vincenza. **Imigração para Porto Alegre** [jan. 2011]. Entrevistadores: Leonardo de Oliveira Conedera e a Egiselda Charão. Porto Alegre.

²⁷⁹ TRUZZI, Oswaldo. Redes em processos migratórios. **Tempo Social** – Revista de Sociologia da USP, São Paulo, v. 20, n. 1, p. 207, jun. 2008.

²⁸⁰ Ver as obras de FACHINETTI e GOMES. FACHINETTI, Luciana. **Parla!** O imigrante italiano do segundo pós-guerra e seus relatos. São Paulo: Angellara, 2004; GOMES, Angela de Castro (Org.). **História de família:** entre Itália e Brasil. Rio de Janeiro: Muiiraquitã, 1999.

²⁸¹ ZAMBERLAM, Jurandir et al. **50 anos de serviço com os migrantes:** paróquia da Pompéia - Missão Scalabriniana. Porto Alegre: IMPA, 2010. p. 18.

Na administração do intendente de Porto Alegre (1924-1928), Otávio Francisco da Rocha, foi criada a Banda Municipal de Porto Alegre, através da Lei nº 35, de 19 de maio de 1925. A Banda, fundada por Otávio Rocha, foi organizada por José Corsi, que partiu para a Argentina (Buenos Aires) e Itália (Reggio Calabria e Sicília) com a finalidade de contratar músicos.²⁸² Antonio Corte Real²⁸³ destaca:

De sua viagem a Buenos Aires trouxe José Corsi, depois de selecionados mediante competentes provas, dezoito instrumentistas, em sua maioria de nacionalidade italiana, que chegaram a Porto Alegre em novembro de 1925; com sua ida à Itália, conseguiu contratar maior número de músicos, integrado por instrumentistas da Banda Municipal de Reggio Calabria, que fora extinta, e outros procedentes de Messina e de Catania – Sicília – que passaram a residir e exercer a música em Porto Alegre.

Dentre os entrevistados, a Sra. Carmela Faro imigrou com seus familiares por intermédio de instrumentista que compôs a Banda Municipal de Porto Alegre.

Dessa forma, a imigração italiana para determinadas áreas do Brasil, como para outras áreas do globo, aconteceu, no período do pós-guerra, em função da reativação das redes migratórias pré-existentes. Vittorio Cappelli²⁸⁴, em seus estudos sobre a imigração de peninsulares para as áreas periféricas da América Latina, elucida que:

Essa emigração espontânea é constituída frequentemente por correntes migratórias que partem de uma pequena área na Itália meridional, no limite entre as províncias de Cosenza, Potenza e Salerno, portanto entre três regiões italianas: Calábria, Basilicata e Campânia. Trata-se de uma parte do Apenino meridional, onde o fenômeno da emigração para as Américas manifesta-se de forma precoce, já a partir da década de 1860, estimulando uma ativa experiência de mobilidade, relacionada a hábitos dos vendedores ambulantes e, sobretudo, ao articulado mundo dos artesãos: douradores, artífices em estanho e em cobre, cinzeladores, prateiros, ourives, caldeireiros, fabricantes de instrumentos de corda, tintureiros, alfaiates, sapateiros.

Como refere o professor Cappelli, os italianos apresentam, desde o século XIX, uma cultura imigratória. Isto é, os deslocamentos de peninsulares em meados do século XIX para determinadas localidades seria um dos fatores que contribuiriam direta ou indiretamente para as imigrações posteriores. Em Porto Alegre, por exemplo, desde a década 1890 observa-se a presença de calabreses de Morano Calabro e sicilianos de Leonforte dentre os meridionais residentes na cidade.²⁸⁵

²⁸² CORTE REAL, Antônio T. **Subsídios para a história da música no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: UFRGS, 1980. p. 49.

²⁸³ *Ibidem*, p. 51.

²⁸⁴ CAPPELLI, Vittorio. A propósito de imigração e urbanização: correntes imigratórias da Itália meridional às “outras Américas”. **Revista de Estudos Ibero-Americanos**, Porto Alegre, v. 33, n. 1, p. 10, jul. 2007.

²⁸⁵ CONSTANTINO, Núncia Santoro. **O italiano da esquina: meridionais na sociedade porto-alegrense e permanência da identidade entre moraneses**. Porto Alegre: EST, 2007. p. 90.

3.2.2 PORTO ALEGRE: O NOVO DESTINO

Os depoentes antes de chegarem à capital passaram por outras cidades brasileiras, Rio de Janeiro e São Paulo. Todos os imigrantes entrevistados vieram de navio para o Brasil. A Sra. Francesca Ducceschi²⁸⁶ narra:

Eu vim de navio, e quando cheguei vou lhe dizer que saí de Gênova, e passei pela França, *Nel Golfo Del Leone*, quebrou uma turbina do navio, e tivemos de voltar e ficar uma semana parados em Gênova. Foram 18 dias de viagem, mais aquela semana parada lá em Gênova. Daí, quando desembarcamos no Rio, junto desembarcou uma senhora que conhecia o meu marido, porque era de Pistoia também. E então, gritou para ele: *Ermano questo è il tuo figlio!* (Ermano este é o teu filho!) Ele deixou o guri, quando ele tinha 40 dias.

Figura 3 - A Sra. Francesca com seu filho Giovanni em exercício de Salvamento a bordo do Navio



Fonte: DUCCESCHI, Francesca Coniglio. **O catavento da vida**. Porto Alegre: Prosapiens, 2010. p.98.

Outros entrevistados desembarcaram em Santos. A Sra. Antonina Vinciprova²⁸⁷ lembra:

Chegamos a Santos, onde pousamos no centro de imigração. Ficamos lá 2 ou 3 dias, porque precisamos esperar *il treno* (o trem) que vinha para Porto Alegre. E pegando o trem para Porto Alegre, que viajamos 3 noites e 4 dias. E eu me lembro que eu e minha irmã guardamos um pouco de pão da viagem de navio, porque não tínhamos muito dinheiro para comprar outras coisas. A única coisa que compramos foi 4 espigas de milho em Santos, mas era uma coisa diferente, porque não tinha espigas de milho lá na nossa terra. E chegamos aqui na estação Pestana onde a minha irmã estava nos esperando aqui na Ceará (avenida).

²⁸⁶ DUCCESCHI, Francesca. **Imigração para Porto Alegre** [nov. 2010]. Entrevistadores: Leonardo de Oliveira Conedera e a Egiselda Charão. Porto Alegre.

²⁸⁷ VINCIPROVA, Antonina. **Imigração para Porto Alegre** [nov. 2010]. Entrevistadores: Leonardo de Oliveira Conedera e a Egiselda Charão. Porto Alegre.

O caminho até Porto Alegre era realizado de trem, como a Sra. Vinciprova salientou. Entretanto, o deslocamento para a capital gaúcha também poderia ser realizado através do transporte marítimo e aéreo.

Normalmente, os parentes e amigos aguardavam os imigrantes nos locais de desembarque na cidade, a fim de recepcioná-los bem ao novo destino. Logo, muitos dos narradores referiram o momento da chegada como um momento de forte emoção e confraternização.

O desembarque dos italianos em território brasileiro, assim como dos demais indivíduos de outras nacionalidades, acontecia nos portos de Santos e do Rio de Janeiro. De 1953 até 1958, o porto de Santos foi o local onde desembarcaram mais de 50% dos estrangeiros que chegavam ao país, enquanto o Rio de Janeiro recebeu pouco mais de 30%; o restante espalhava-se entre os portos de Porto Alegre e Paranaguá, entre outros locais.²⁸⁸

É importante referir que os imigrantes chegaram perante um cenário favorável, visto que existia uma alta demanda de mão de obra, especialmente a qualificada. Na primeira metade do século XX, a capital gaúcha demonstrou um elevado crescimento urbano associado à ampliação do seu parque industrial, vinculada à rede de transportes de médios e longos trajetos (navegação fluvial, ferrovia e aviação civil). O distrito industrial – formado, inicialmente, pelos bairros Navegantes e São João²⁸⁹, e que com o tempo englobou toda a Zona Norte da cidade – concentrou a expansão populacional de Porto Alegre nesta fase.²⁹⁰

Contudo, a urbanização no Estado nos primeiros 50 anos do século XX não apresentou significativas mudanças quantitativas em relação ao final do Oitocentos. O Rio Grande do Sul possuía pouco mais de 30% da população residindo nos centros urbanos.²⁹¹

A partir da década de 40, a capital começou a transição para a moderna metrópole. O crescimento demográfico de 1940 a 1950 foi de 45 %, ou seja, neste decênio a população aumentou de 272.000 para 394.000 habitantes.²⁹²

²⁸⁸ DIÉGUES JUNIOR, Manuel. **Imigração, urbanização e industrialização**: estudo sobre alguns aspectos da contribuição cultural do imigrante no Brasil. Rio de Janeiro: Instituto Nacional de Estudo e Pesquisa Educacional, 1964. p. 310-311.

²⁸⁹ Os bairros Navegantes e São João foram criados pela Lei nº 2022, de 07/12/1959. No entanto, o primeiro arruamento das imediações do Navegantes data de 1870. Posteriormente, a inauguração da primeira Estação Navegantes, em 1886, interligando Porto Alegre-Novo Hamburgo, favoreceu a dinamização e ocupação da região. Em 1895, a Empresa Territorial Porto-Alegrense realizou um grande loteamento nas áreas do bairro, fomentando a sua habitação. FRANCO, Sérgio da Costa. **Porto Alegre**: guia histórico. Porto Alegre: UFRGS, 1988. p. 284-285.

²⁹⁰ FORTES, Alexandre. **Nós do quarto distrito**: a classe trabalhadora porto-alegrense e a era Vargas. Caxias do Sul: Garamond, 2004. p. 31.

²⁹¹ SOARES, Paulo Roberto Rodrigues. Do rural ao urbano: demografia, migrações e urbanização. In: GERTZ, René E. (Org.). **História Geral do Rio Grande do Sul**. República: da Revolução de 1930 à ditadura militar (1930-1985). Passo Fundo: Méritos, 2007. V. 4. p. 298.

O início da Segunda Guerra provocou a aceleração do desenvolvimento em Porto Alegre, cujo resultado apareceu na década de 1950. A impossibilidade da importação de bens de consumo, que acabaram eliminados em razão do conflito, favoreceu o surgimento de novas indústrias na cidade.²⁹³ O município foi o maior núcleo de desenvolvimento industrial no Estado do Rio Grande do Sul. A capital acolheu o maior contingente de operários do Estado.²⁹⁴

Em 1940, Porto Alegre concentrava mais de 270 mil habitantes. A capital era a quinta cidade mais populosa do Brasil.²⁹⁵ Paulo Roberto Rodrigues Soares²⁹⁶ aponta que:

A imigração internacional no século XX (de alemães, italianos, portugueses, espanhóis, sírio-libaneses, judeus, ingleses, poloneses) trouxe ao estado número significativo de comerciantes industriais, profissionais liberais e operários qualificados, dos quais muitos se constituíram em importantes agentes empreendedores e inovadores em terrenos econômicos, sociais e culturais.

Os municípios de Porto Alegre, Rio Grande, Pelotas, São Leopoldo e Caxias do Sul tinham as principais casas comerciais, industriais, manufaturas, o comércio de exportação e importação, e uma grande parcela da construção civil (prédios, edifícios e habitações de luxo) vinculados ao trabalho e à atuação de imigrantes.²⁹⁷

Com o crescimento urbano, a economia porto-alegrense deixou de circular apenas no centro da cidade. Novos bairros surgiram com aspectos de metrópole. Márcia Andréa Schmidt da Silva²⁹⁸ frisa que “os bairros operários, por exemplo, passam a reunir o comércio, indústria e moradias. Nestes, desenvolvem-se todas as atividades sociais das quais necessitavam os contingentes de trabalhadores. Trata-se de um crescimento funcional para a cidade”.

A oferta de emprego, advinda do crescimento industrial na Zona Norte, possibilitou a atração do fluxo migratório internacional e do interior do Estado. Alexandre Fortes²⁹⁹ destaca:

²⁹² SILVA, Márcia Andréa Schmidt da. **Uma comunidade eslava ortodoxa: russos e ucranianos em Porto Alegre: 1948. 1996.** 134 f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1996. p. 53-54.

²⁹³ *Ibidem*, p. 54.

²⁹⁴ SINGER, Paul. **Desenvolvimento econômico e evolução urbana: análise da evolução econômica de São Paulo, Blumenau, Porto Alegre, Belo Horizonte e Recife.** São Paulo: Nacional, 1968. p. 172.

²⁹⁵ SOARES, Paulo Roberto Rodrigues. Do rural ao urbano: demografia, migrações e urbanização. In: GERTZ, René E. (Org.). **História Geral do Rio Grande do Sul.** República: da Revolução de 1930 à ditadura militar (1930-1985). Passo Fundo: Méritos, 2007. V. 4. p. 298.

²⁹⁶ *Ibidem*, p. 300.

²⁹⁷ *Ibidem*, p. 300.

²⁹⁸ SILVA, Márcia Andréa Schmidt da. **Uma comunidade eslava ortodoxa: russos e ucranianos em Porto Alegre: 1948. 1996.** 134 f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1996. p. 57.

²⁹⁹ FORTES, Alexandre. **Nós do quarto distrito: a classe trabalhadora porto-alegrense e a era Vargas.** Caxias do Sul: Garamond, 2004. p. 39.

[...] as levas de alemães e italianos e para a intensificação da vinda de cidadãos dos mais variados países do Leste europeu. [...] Os trabalhadores trazidos à capital em função dos trabalhos de expansão na Viação Férrea. Estabelecendo moradia próxima as fábricas, abrindo as ruas e loteando as antigas chácaras, a fixação desses migrantes levou à integração, na paisagem urbana de Porto Alegre, de um bairro operário multiétnico: o Navegantes-São João, que logo viria a ser administrativamente definido como núcleo do Quarto Distrito da cidade.

Dentre os entrevistados que chegaram a Porto Alegre neste período, a metade instalou-se na Zona Norte do município e muitos deles permaneceram morando no mesmo bairro. A Sra. Antonina Vinciprova³⁰⁰ conta:

Nós fomos morar na Avenida Ceará³⁰¹. [...] Moramos 4 anos na Ceará. Depois viemos morar aqui (rua Dona Margarida)! Onde compramos a casa. Não esta casa, mas este terreno. Compramos aqui uma casa de madeira, que tinha várias peças, parecia um treno (um trem). [...] Quando chegamos fomos todos morar na mesma casa com essa minha irmã (Francesca) e o meu cunhado (Nunzio). Era uma casa grande, mas cada um ficava em uma das peças da casa.

A Sra. Epifania Di Fazio³⁰² informa: “nós moramos na Ceará. A irmã da minha mãe já tinha alugado uma casa para nós. Ela nos esperou com a casa pronta”. A partir da narração das senhoras Vinciprova e Di Fazio sabe-se onde habitavam logo quando chegaram, bem como o motivo pelo qual foram viver naquela área. Os parentes e amigos influenciaram também nessa etapa da transferência. Além disso, a Sra. Maria Mancuso³⁰³ complementa:

Chegando a Porto Alegre fomos morar na Avenida Ceará no número 431, onde havia já umas casinhas, onde todos os italianos que chegavam iam residir naquele local. Porque muitos daqueles que já moravam aqui indicavam para aqueles que chegavam que morassem ali. Mas ali morávamos de aluguel. Então, a nossa primeira moradia foi na Avenida Ceará.

As três depoentes eram vizinhas e moraram no mesmo local. E a Sra. Mancuso enfatiza a razão pela qual sua família e a de seus conterrâneos se instalavam. Isto é, os imigrantes fixaram-se nas áreas que seus patrícios indicavam. Além disso, não era incomum que na chegada e nos primeiros anos os recém-chegados ficassem junto dos parentes ou amigos responsáveis pelo seu deslocamento.

³⁰⁰ VINCIPROVA, Antonina. **Imigração para Porto Alegre** [nov. 2010]. Entrevistadores: Leonardo de Oliveira Conedera e a Egiselda Charão. Porto Alegre.

³⁰¹ A Avenida Ceará localiza-se nos bairros Navegantes e São João, começando na Av. Farrapos e terminando na Av. Berlim. O terreno da Avenida, no final do século XIX, integrava o loteamento da Cia. Territorial Porto-Alegrense, que a entregou ao público em 1895. A partir de 1925, na administração de Otávio Rocha, a Avenida Ceará foi macadamizada. A Avenida até hoje funciona como uma das principais artérias da Zona Norte. FRANCO, Sérgio da Costa. **Porto Alegre: guia histórico**. Porto Alegre: UFRGS, 1988. p. 107.

³⁰² DI FAZIO, Epifania. **Imigração para Porto Alegre** [dez. 2010]. Entrevistadores: Leonardo de Oliveira Conedera e a Egiselda Charão. Canoas.

³⁰³ MANCUSO, Maria. **Imigração para Porto Alegre** [dez. 2010]. Entrevistadores: Leonardo de Oliveira Conedera e a Egiselda Charão. Porto Alegre.

Figura 4 – Foto aérea da área do 4º Distrito na década de 1960.



Fonte: Associação dos Moradores do 4º. Distrito.³⁰⁴

Os peninsulares estabeleceram-se também no Centro, Cidade Baixa, Bom Fim, Parthenon e em zonas mais ao sul da cidade (Bairros Glória e Guarujá). Entre o final do século XIX e o início do XX, Constantino³⁰⁵ frisa que “havia grande número de imigrantes que ocupava parte do bairro Cidade Baixa, que acabou sendo, por definição, o Bairro Italiano”.

A Sra. Carmela Faro, quando chegou a Porto Alegre foi morar com seus pais no Bom Fim, porque naquele local residiam seus irmãos e o tio, Salvatore Currenti, responsável pela vinda de todos os seus familiares para a capital gaúcha.³⁰⁶

Então, no período do pós-guerra, os italianos transitavam, especialmente, nas áreas centrais do município e nas imediações da Zona Norte, pois nestes lugares localizavam-se as suas residências e locais de trabalho.

³⁰⁴ MATTAR, Leila Nesralla. **A modernidade em Porto Alegre: arquitetura e espaços urbanos plurifuncionais em área do 4º. Distrito.** 2010. 354 f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010. p. 265.

³⁰⁵ CONSTANTINO, Núncia Santoro de. **O italiano na cidade.** Passo Fundo: UPF, 2000. p. 68.

³⁰⁶ FARO, Carmela Zucallà. **Imigração para Porto Alegre** [dez. 2009]. Entrevistador: Leonardo de Oliveira Conedera e a Egiselda Charão. Porto Alegre.

O desenvolvimento evidenciado em Porto Alegre, entre as décadas de 1940 a 1970, levou à ampliação do sistema viário. Aconteceram aterramentos no Guaíba, a área urbana expandiu-se em superfície. O gradativo aumento dimensional causou a corrida imobiliária. Os loteamentos dos operários próximos dos seus trabalhos contribuíram para o crescimento do setor da construção civil.³⁰⁷

A cidade começou a se verticalizar com as construções de grandes espigões. As obras viárias foram concretizadas a fim de facilitar a circulação de um maior número de veículos motorizados que aumentavam no perímetro urbano.³⁰⁸

Nos anos 40 executaram-se os maiores projetos viários de Porto Alegre. José Loureiro da Silva implementou medidas urbanizadoras no município. Na década de 1950 surgiu a vila do IAPI, no final da linha do bonde Floresta. A vila contribuiu para a ocupação da Avenida Assis Brasil, o Passo da Areia e o Passo da Mangueira.³⁰⁹

Ainda na década de 40, a Avenida Farrapos foi construída para viabilizar a ligação do Centro com a Zona Norte do município.³¹⁰ No decorrer dos anos 50, na capital ocorreu a ampliação de várias avenidas importantes, como a Borges de Medeiros, a João Pessoa e a Salgado Filho.

O aumento demográfico registrado, a partir da década de 1950, no Rio Grande do Sul começou a se concentrar nas áreas urbanas. A Tabela 2 demonstra as novas transformações no crescimento urbano e rural.

Tabela 2 - Evolução da população urbana e rural no Rio Grande do Sul – 1940-80.

Ano	Urbana	(%)	Rural	(%)	Total
1940	1.034.395	31,15	2.286.294	68,85	3.320.689
1950	1.421.980	34,14	2.742.841	65,86	4.164.821
1960	2.418.969	44,89	2.969.690	55,11	5.388.659
1970	3.553.006	55,31	3.111.885	46,69	6.664.891
1980	5.250.940	67,55	2.522.897	32,45	7.773.837

Fonte: IBGE. Censos Demográficos (obs.: 1940 e 1950 com população urbana e suburbana).

Como se observa na Tabela 2, pouco a pouco a população urbana começou a crescer, enquanto a rural decresceu. Porém, apenas no censo de 1970 o número de habitantes residindo nas cidades superou a quantidade que vivia nas áreas rurais.

³⁰⁷ SILVA, Márcia Andréa Schmidt da. **Uma comunidade eslava ortodoxa: russos e ucranianos em Porto Alegre: 1948. 1996.** 134 f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1996. p. 56.

³⁰⁸ *Ibidem*, p. 57.

³⁰⁹ MACEDO, Francisco Riopardense de. **Porto Alegre: origem e crescimento.** Porto Alegre: Sulina, 1968. p. 112-113.

³¹⁰ IBGE. **Enciclopédia dos municípios brasileiros.** Rio de Janeiro: IBGE, 1959. V. 34. p. 83-86.

O crescimento demográfico, a expansão da cidade, o aumento e a intensificação do projeto modernizador colaboraram para Porto Alegre transformar-se em metrópole. Entretanto, a metropolização impôs novos problemas: o crescimento da marginalidade e prostíbulos, a dificuldade da realização de saneamento básico em todas as partes da capital.³¹¹

Nos decênios de 1940 e 1950, os prefeitos que governaram Porto Alegre associaram crescimento e desenvolvimento em seus projetos para o município. Mas a administração pública acompanhou somente os passos que o país seguia. Isto é, o Brasil atravessava um momento de desenvolvimento oportunizado pelo pós-Guerra aos países que não enfrentaram os problemas de batalhas em seus territórios.³¹²

Em 1959, o primeiro Plano Diretor da capital foi realizado. A Lei nº 2.022 estabeleceu os limites e os nomes dos 58 bairros existentes. A administração pública precisou agir para organizar melhor as transformações que a cidade estava atravessando.³¹³

No decênio de 1960, Porto Alegre prosseguia o processo de aterramento de áreas às margens do Guaíba. Nesse período, os bondes denunciavam um estado de sucateamento. Assim, a partir de 1970, os ônibus e automóveis começaram a ocupar de forma mais visível o cenário urbano.³¹⁴

Além disso, entre os anos 1950 e 1970, o IBGE registrou um crescimento demográfico de 61,60% na capital. Enquanto Canoas, São Leopoldo e Caxias do Sul cresceram, respectivamente, 390%, 108% e 88,5%. Os municípios mais industrializados começaram a concentrar o maior número de habitantes.³¹⁵ Alexandre Fortes³¹⁶ aponta que:

O vertiginoso crescimento populacional da capital gaúcha associava-se, diretamente, à industrialização, e concentrava-se na região do Navegantes-São João e essa acelerada expansão industrial pode ser acompanhada de perto pelas estatísticas. [...] Enquanto no recenseamento de 1916, das 23 empresas pesquisadas do Quarto Distrito apenas 8 possuíam mais de 50 trabalhadores empregados, em 1953, das 136 empresas pelo Sesi no Navegantes-São João, eram 33 as que atingiam ou excediam este número.

³¹¹ SILVA, Márcia Andréa Schmidt da. **Uma comunidade eslava ortodoxa: russos e ucranianos em Porto Alegre: 1948. 1996.** 134 f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1996. p. 60-61.

³¹² *Ibidem*, p. 61-62.

³¹³ MONTEIRO, Charles. Porto Alegre no Século XX: crescimento urbano e mudanças sociais. In: DORNELLES, Beatriz (Org.). **Porto Alegre em destaque – história e cultura.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. p. 62.

³¹⁴ *Ibidem*, p. 62.

³¹⁵ SOARES, Paulo Roberto Rodrigues. Do rural ao urbano: demografia, migrações e urbanização. In: GERTZ, René E. (Org.). **História Geral do Rio Grande do Sul.** República: da Revolução de 1930 à ditadura militar (1930-1985). Passo Fundo: Méritos, 2007. V. 4. p. 301-302.

³¹⁶ FORTES, Alexandre. **Nós do quarto distrito: a classe trabalhadora porto-alegrense e a era Vargas.** Caxias do Sul: Garamond, 2004. p. 43.

Portanto, a partir da década de 1940, Porto Alegre prosseguiu crescendo em população e infraestrutura para se adequar ao aumento populacional ocasionado pelas migrações internas e mesmo as internacionais. Os migrantes vislumbravam perspectivas de trabalho, visto que os setores industriais, comerciais, de serviços, entre outros, apresentavam uma elevada demanda em detrimento ao período de desenvolvimento que a capital atravessava.

3.3 CONVÍVIO NA COMUNIDADE ITALIANA

3.3.1 O TRABALHO

A maioria dos entrevistados referiu que vieram ao Brasil em busca de melhores perspectivas de vida e de trabalho, visto que, após a guerra, a situação de vida na Itália ficou muito difícil. O Sr. Nicolò Cassarà³¹⁷ – que imigrou em 1953, em Alcamo (província de Trapani) – conta:

Eu trabalhava no sindicato do Partido Democrático Cristão. No CISL (*Confederazione Italiana Sindacato Lavoratori*), lá eu era secretário que recebia toda a correspondência diariamente. [...] Bem naquele tempo, na Itália, não havia trabalho, eram tempos difíceis. E recebi uma circular um belo dia que dizia a partir de tratativas existentes entre o governo italiano com o governo brasileiro quem quisesse vir para o Brasil agora poderia se transferir para ficar. [...] Quando eu li (a circular), bem, eu estava ganhando pouco, e já estava com quase 23 anos. Perguntei-me: o que faço aqui? Esperar o quê? As promessas dos políticos? Que diziam: espera, aguarda, vamos ver! Eu estava cansado de esperar! Então eu me preparei, comprei a passagem. E vim para cá. Fui para São Paulo onde fiquei por um tempo.

O Sr. Cassarà não acreditava que as condições em seu país melhorassem em um curto espaço de tempo; logo, imaginava que a sua emigração para o Brasil (“fazer a América”) oportunizaria melhores expectativas, principalmente de trabalho.

O Sr. Antonino Vinciprova³¹⁸, da mesma maneira que seu patrício, comenta: “a motivação da viagem é porque lá (Leonforte) não havia oferta de trabalho. Então, nós viemos para cá, a fim de melhorar a vida! Trabalhando. [...] Viemos em busca de melhores oportunidades, porque lá (Leonforte) não havia trabalho”.

O Sr. Vinciprova enfatiza que partiu de seu *paese* devido à ausência de postos de trabalho. O entrevistado, juntamente, com outros familiares, veio de Leonforte por intermédio

³¹⁷ CASSARÀ, Nicolò. **Imigração para Porto Alegre** [nov. 2009]. Entrevistador: Leonardo de Oliveira Conedera. Porto Alegre.

³¹⁸ VINCIPROVA, Antonina. **Imigração para Porto Alegre** [nov. 2010]. Entrevistadores: Leonardo de Oliveira Conedera e a Egiselda Charão. Porto Alegre.

de sua irmã, Francesca Vinciprova, que chegou na cidade alguns anos antes. A Sra. Francesca acreditava que, em Porto Alegre, seus parentes teriam mais possibilidades de trabalho e melhores condições de vida, por isso ela os chamou através dos atos de chamada.

Nos anos após a Segunda Guerra teve início no país o período desenvolvimentista (1946-1964). O processo de industrialização desencadeou-se através de diversas políticas em favor dos grandes capitais que se instalaram nas principais cidades brasileiras, favorecendo a formação de importantes núcleos industriais. No Rio Grande do Sul, as indústrias de alimentos, vestuário, calçadista, químico-farmacêutica e metalúrgica foram fomentadas pelos investimentos financeiros presentes neste contexto.³¹⁹

O desenvolvimento industrial porto-alegrense ultrapassou as barreiras municipais, convertendo Canoas, Guaíba, Esteio e Sapucaia do Sul em subúrbios industriais, já que estes municípios transpareciam uma continuidade urbana da capital.³²⁰ Nas décadas de 1950 e 1960, as populações residentes nas áreas limítrofes à Porto Alegre (Viamão, Alvorada e Cachoeirinha) cresceram com a difusão de loteamentos destinados aos indivíduos de baixa renda, transformando-se em subúrbios dormitórios da capital.³²¹ A partir de 1958, a indústria presente na região da Grande Porto Alegre detinha a supremacia da produção do setor secundário do Estado.³²²

A indústria porto-alegrense desenvolveu-se na Zona Norte do município. Desde o segundo decênio do século XX o bairro Navegantes concentrava um grande número de fábricas. Em 1914 foi instalada a fábrica de vestuário A. J. Renner, que se detinha no setor de fiação e tecelagem. O crescimento da Renner, como o de outros empreendimentos industriais, viabilizou a evolução do bairro. Nos arredores da fábrica da Renner, em 1916 existiam 378 prédios, já em 1940 o número era de 1.704. Nesse mesmo ínterim, a população local aumentou de 5.090 para 15.766, isto é, um crescimento de 240%, superando, assim, os índices dos demais municípios do Estado, como São Leopoldo, Jaguarão.³²³ Em 1940, a capital reunia 25% da indústria do Rio Grande do Sul. A produção fabril porto-alegrense era diversificada, destinando-se tanto para o mercado regional, como para o nacional.³²⁴

³¹⁹ SOARES, Paulo Roberto Rodrigues. Do rural ao urbano: demografia, migrações e urbanização. In: GERTZ, René E. (Org.). **História Geral do Rio Grande do Sul**. República: da Revolução de 1930 à ditadura militar (1930-1985). Passo Fundo: Méritos, 2007. V. 4. p. 303.

³²⁰ SINGER, Paul. **Desenvolvimento econômico e evolução urbana**: análise da evolução econômica de São Paulo, Blumenau, Porto Alegre, Belo Horizonte e Recife. São Paulo: Nacional, 1968. p. 184.

³²¹ SOARES, 2007, *op. cit.*, p. 303.

³²² SINGER, 1968, *op. cit.*, p. 185.

³²³ FORTES, Alexandre. **Nós do quarto distrito**: a classe trabalhadora porto-alegrense e a era Vargas. Caxias do Sul: Garamond, 2004. p. 40-41.

³²⁴ SINGER, 1968, *op. cit.*, p. 175-176.

Cabe referir que a existência de uma infraestrutura viária era necessária para possibilitar a ampliação do setor industrial e comercial. Então, a partir dos anos 30 iniciou a era rodoviária. No Rio Grande do Sul a construção da estrada de cimento ligando a capital até São Leopoldo, em 1934, foi o marco inicial. Na década de 1950 completou-se a ligação asfáltica da Região Sul ao centro do país através da BR-2 (atual BR-116). Nos decênios de 1960 e 1970, o governo federal implementou a modernização da BR-101, no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina, e da BR-290 (“Free-way”) no Estado.³²⁵

Logo, nos Estados da Região Sul, Eugenio Lagemann³²⁶ frisa que:

Os grandes investimentos realizados por ocasião do ciclo da substituição de importações e do desenvolvimento econômico induzido pelo Estado nacional, nas décadas de 1940 a 1960, porém, deixaram de fora a Região Sul, que teve de buscar forças internas a seu mercado, nas indústrias tradicionais, que se voltaram às exportações, como a indústria do beneficiamento e do vestuário e calçados.

A partir dos anos 50, no Quarto Distrito ocorreu uma expressiva disseminação de indústrias de grande e médio porte. As fábricas não ocupavam somente as imediações dos bairros Navegantes-São João, pois elas começaram a se deslocar também para outros bairros mais ao norte. Em 1953, 33 fábricas com mais 50 de funcionários localizavam-se nos bairros Navegantes-São João, como se observa no Quadro 5.³²⁷

³²⁵ LAGEMANN, Eugenio. **A formação sócio-econômica da região sul do Brasil**. Porto Alegre: [s.n.], 1998. p. 14.

³²⁶ *Ibidem*, p. 26.

³²⁷ FORTES, Alexandre. **Nós do quarto distrito: a classe trabalhadora porto-alegrense e a era Vargas**. Caxias do Sul: Garamond, 2004. p. 43-44.

Quadro 5 – Empresas com mais de 50 funcionários no Navegantes - São João (1953)

Empresa	Ramo ou Principal produto	Número de funcionários
A. J. Renner S. A.	Vestuário	2.500
Varig	Transportes aéreos	1.250
Ernest Neugebauer & Cia.	Chocolates e balas	850
Fábrica Rio Guayba	Fiação e tecelagem	564
Fábrica Gerdau S. A.	Cadeiras	420
Companhia Fiação e Tecidos Portoalegrense	Fiação e tecelagem de lã	400
Arrozeira Brasileira S. A.	Fiação e tecelagem de juta	350
Eltex S. A.	Elásticos	318
Indústria de Rádios Teleunião	Rádios	190
Andreas Liess & Cia. Ltda.	Engenharia Mecânica	150
Metalúrgica Ferro Arte Ltda.	Serraria	150
Cia. Geral de Indústrias	Fundição	130
Irmãos Veronese	Acordeons	120
Fábrica de Vidros Moderna Ltda.	Vidros	120
Ernesto Fabel e Filhos & Cia. Ltda.	Carpintaria e marcenaria	120
Oto Brutschke	Cerâmica e louças	115
Arrozeira Brasileira S. A.	Engenho de arroz	100
Valter Koliver & Cia. Ltda.	Artefatos de metal	90
IRGA-Engenho	Arroz	85
S. A. Artefatos de Cimento Renner	Artefatos de cimento	85
Adolfo Linsenmayer & Cia. Ltda.	Cartonagem	84
Produtos Alimentícios Adria	Massas	80
Prioria & Cia. Ltda.	Caramelos e Chocolates	70
Lindar S.A. Industrial e Comercial	Ventiladores, chuveiros e aquecedores	70
Fábrica de Artefatos de Madeira Artema Ltda.	Artefatos de madeira	70
Antonio Vogg & Cia	Máquinas e aparelhos	65
Metalúrgica Três Coroas	Metalúrgica	60
Fábrica Limol	Sabonetes	57
Transporte Expresso Santos Dumont	Transporte coletivo	51
Industria de Madeira Louro Ltda.	Cadeiras	50
Coop. Central de Madeireiros do RS	Beneficiamento de madeiras	50
Brixner S. A.	Indústria e comércio e móveis	50
Brasil Arroz Ltda.	Engenho de Arroz	100-200

Fonte: Levantamento Socioeconômico. Sesi, Porto Alegre, 1953, Biblioteca da Federação da Indústria e do Comércio do Rio Grande do Sul (Fiergs)³²⁸.

As Companhias do Quadro 5 acolheram grande parte da mão de obra migrante do interior do Estado e imigrante das mais diversas etnias que chegavam a Porto Alegre. Alguns dos entrevistados trabalharam em empresas localizadas no Quarto Distrito. As Sras. Antonina Vinciprova, Epifania Di Fazio e os Srs. Nicolò Cassarà e Sebastiano Campisi foram funcionários em algumas das indústrias elencadas no Quadro 5 por um espaço de tempo.

A Sra. Vinciprova³²⁹, que trabalhou 9 anos na fábrica Arrozeira Brasileira S. A.³³⁰ no setor de fiação e tecelagem, comenta:

³²⁸ FORTES, Alexandre. **Nós do quarto distrito**: a classe trabalhadora porto-alegrense e a era Vargas. Caxias do Sul: Garamond, 2004. p. 53.

³²⁹ VINCIPROVA, Antonina. **Imigração para Porto Alegre** [nov. 2010]. Entrevistadores: Leonardo de Oliveira Conedera e a Egiselda Charão. Porto Alegre.

Eu trabalhava na fiação. A gente fazia aquelas estopas com a ajuda das máquinas. Bem, a máquina fazia todo o processo. Nós cuidávamos para que o processo de produção transcorresse bem. Tirávamos os carretéis vazios, e colocávamos outros cheios nas máquinas, carregávamos os fios para pesar, esse era o trabalho que nós fazíamos na fiação.

A Sra. Di Fazio, da mesma forma que sua compatriota, trabalhou na Arroeira Brasileira S. A. As depoentes mencionam que nessa fábrica havia muitos italianos (homens e mulheres) empregados. As narradoras, assim como outras colegas de trabalho, conseguiam uma colocação na empresa através de parentes e amigos.

Uma característica constante na trajetória profissional dos entrevistados foi a mobilidade nas suas atividades laborais. Isto é, os imigrantes trocavam de empresa ou mesmo de ofício, porque sempre buscavam melhores oportunidades de trabalho (com maior remuneração, outro tipo de ocupação) que lhe eram oferecidas. A Sra. Vincenza Nani³³¹ narra:

O primeiro lugar em que fui trabalhar foi em uma fábrica que produzia trancelim, que é um tipo de renda, que naquela época, se usava nas saias, e depois eu e a minha irmã fomos trabalhar em uma fábrica de balas. [...] Depois eu fui trabalhar em um laboratório, que ficava na Glória, laboratório Kraemer. E ali eu trabalhei mais 6 anos. E depois eu saí. Eu saía dos meus empregos para passar para outro que pagava melhor. E saí do laboratório onde me pagaram uma indenização, como se eles estivessem me demitindo, até porque naquele tempo era mais difícil. Eu fui trabalhar, então, na Cestari, fábrica de massas. Depois de lá, eu saí apenas para casar. Porque o meu marido não queria que eu trabalhasse. Então, depois eu só trabalhei para a família.

Assim, como a Sra. Nani, a Sra. Di Fazio também deixou de trabalhar fora de casa quando se casou. As mulheres, após se casarem, costumavam ficar no ambiente doméstico, cuidando dos filhos e trabalhando no negócio da família.

No caso dos homens, o Sr. Nicolò Cassarà³³² conta:

Quando cheguei [em Porto Alegre], comecei a trabalhar em uma fábrica, porque naquele tempo é o que tinha para se sobreviver. Mas o serviço era fácil naquela época. [...] A primeira fábrica em que eu trabalhei nem existe mais. Era uma empresa de São Paulo. Agora não me lembro do nome. Mas era do Matarazzo. Era uma fábrica que produzia elásticos. E ficava na rua São Paulo.

O Sr. Cassarà trabalhou por seis meses na Eltex, mas depois encontrou emprego melhor na Produtos Alimentícios Adria. O depoente, quando mudou de companhia, trocou de

³³⁰ A empresa Arroeira Brasileira S. A. – inicialmente dedicava-se à produção do arroz – era uma indústria têxtil que produzia embalagens, sacarias e panos. FORTES, Alexandre. **Nós do quarto distrito: a classe trabalhadora porto-alegrense e a era Vargas.** Caxias do Sul: Garamond, 2004. p. 53.

³³¹ NANI, Vincenza. **Imigração para Porto Alegre** [jan. 2011]. Entrevistadores: Leonardo de Oliveira Conedera e a Egiselda Charão. Porto Alegre.

³³² CASSARÀ, Nicolò. **Imigração para Porto Alegre** [nov. 2009]. Entrevistador: Leonardo de Oliveira Conedera. Porto Alegre.

ocupação também. O Sr. Cassarà deixou a função de operário para se tornar representante comercial.

O Sr. Sebastiano Campisi³³³ também trabalhou para a empresa Produtos Alimentícios Adria como representante de vendas; entretanto, empregou-se em outras fábricas, C. Fulginitti e Renner, onde acabou exercendo o ofício de marceneiro, que aprendera com seu pai.

Os narradores, quando falaram sobre as suas trajetórias profissionais, mencionaram sempre que receberam a indicação de um amigo ou parente para ingressar em determinada indústria.

Os imigrantes peninsulares, apesar de terem se empregado nas indústrias da capital, concentraram-se em constituir o seu próprio negócio. A maioria tinha um espírito empreendedor de economizar para adquirir o seu estabelecimento. O Sr. Antonino Vinciprova³³⁴ diz:

Eu fui trabalhar na construção civil. [...] no terceiro dia depois que cheguei [a Porto Alegre] já iniciei a trabalhar. [...] A vida foi melhorando com o passar do tempo. Eu tive a oportunidade de comprar um negócio e nunca mais saí. E assim segui sempre trabalhando com negócio próprio.

O Sr. Vinciprova primeiro montou um açougue, depois investiu em uma mercearia onde seguiu trabalhando até se aposentar. A Sra. Maria Scavuzzo³³⁵, como o Sr. Vinciprova, também investiu em um negócio próprio com seu irmão Pedro Scavuzzo. Os irmãos Scavuzzo, antes de abrirem a própria loja, trabalharam como funcionários.

Durante os anos 50 existia uma ampla oferta de trabalho fabril com uma baixa remuneração; entretanto, oferecia uma renda segura para os indivíduos que residiam nos arredores do Quarto Distrito.³³⁶ As trajetórias dos entrevistados refletem os setores que mais empregavam: o têxtil (Renner e Arroeira Brasileira) e o alimentício (Produtos Alimentícios Adria).

No período do pós-guerra, os italianos em Porto Alegre prosseguiram trabalhando, majoritariamente, no comércio. No Quadro 6 observa-se as profissões exercidas pelos peninsulares na capital.

³³³ CAMPISI, Santi Sebastiano. **Imigração para Porto Alegre** [jul. 2010]. Entrevistador: Leonardo de Oliveira Conedera. Porto Alegre.

³³⁴ VINCIPROVA, Antonina. **Imigração para Porto Alegre** [nov. 2010]. Entrevistadores: Leonardo de Oliveira Conedera e a Egiselda Charão. Porto Alegre.

³³⁵ SCAVUZZO, Maria. **Projeto mulheres imigrantes do Mercosul** [abr. 2004]. Entrevistadores: André Andregetti, Luciana de Oliveira e Núncia Santoro de Constantino. Porto Alegre.

³³⁶ FORTES, Alexandre. **Nós do quarto distrito: a classe trabalhadora porto-alegrense e a era Vargas**. Caxias do Sul: Garamond, 2004. p. 60-61.

Quadro 6 - Profissão dos Italianos Residentes em Porto Alegre

Profissão	Número	Profissão	Número
Açougueiro	7	Garçom	1
Aeroviário	1	Geólogo	1
Agricultor	3	Graniteiro	1
Agrônomo	1	Industriário	33
Alfaiate	6	Litógrafo	1
Arquiteto	1	Marceneiro	6
Artista	1	Médico	7
Auxiliar de Escritório	1	Modista	1
Bancário	4	Montador	1
Barbeiro	4	Motorista	4
Cinegrafista	1	Músico	1
Comerciante	126	Padeiro	1
Contador	4	Pedreiro	4
Construtor	2	Professor	8
Dentista	1	Protético	1
Desenhista	6	Químico	1
Economista	3	Representante Comercial	3
Eletricista	6	Sapateiro	8
Eletro-técnico	3	Serralheiro	1
Engenheiro	14	Securitário	1
Estivador	1	Soldador	1
Estudante	5	Técnico Mecânico	11
Forneiro	1	Tipógrafo	1
Fotógrafo	1	Torneiro Mecânico	4
Funcionário Público	5	Viajante	3
Físico	1		

Fonte: Certidões de Casamento da Comarca de Porto Alegre de 1955-1975 dos Cartórios da 1ª, 2ª e 3ª Zonas. [Quadro realizado pelo autor]

Dentre 466 certidões de casamentos de italianos encontradas no Arquivo Público no Rio Grande do Sul encontrou-se entre os cônjuges 309 peninsulares do sexo masculino³³⁷. A partir dos dados presentes no item profissão pode-se montar os quadros 6 e 7.

O Quadro 6 mostra que os emigrados desempenharam 51 atividades profissionais diferentes. Entre os italianos observa-se o grande número de comerciantes, que alcançava a soma de 126 indivíduos, e representava 40,77% dos ofícios desenvolvidos pelos imigrantes masculinos do grupo.

Cabe ressaltar que a atividade comercial sempre caracterizou os emigrados de Morano Calabro, assim como o investimento neste mesmo segmento por meridionais de outras Regiões, desde o final do século XIX no núcleo urbano. Algumas famílias moranesas especializaram-se em determinados ramos, como do tecido, dos açougues, calçados, secos e molhados, venda de loteria, entre outros.³³⁸ Em síntese, o imigrante meridional camponês

³³⁷ Apesar de se encontrar nas certidões, na descrição das profissões, o emprego de operário era um ofício provisório tanto para os homens, quanto para as mulheres.

³³⁸ CONSTANTINO, Núncia Santoro de. **O italiano da esquina:** meridionais na sociedade porto-alegrense e permanência da identidade entre moraneses. Porto Alegre: EST, 2007. p. 112-120.

tornou-se, na sociedade receptora, o comerciante empreendedor e proprietário do próprio estabelecimento.

A segunda profissão mais representativa era a de industriário, alcançando o número de 33 indivíduos, o que representa 10,67% das ocupações. Em terceiro lugar, aparecem os engenheiros, somando 14 indivíduos e representando 4,53% no quadro profissional.

O Quadro 7 apresenta 17 atividades diferentes de ocupação profissional executadas pelas italianas. As mulheres declaravam-se, majoritariamente, no item profissão como domésticas, isto é, a maioria das italianas dedicava-se aos afazeres do lar. Dentre as 156 mulheres encontradas nas certidões de casamentos, 82 afirmavam-se domésticas, representando 52, 56% das atividades pelas imigrantes. Em segundo lugar, destacava-se a atividade de comerciante, que alcançava 15 indivíduos e representava 9,61%. Em terceiro lugar, o ofício de estudante, com 14 mulheres, que representava 8, 97%.

Quadro 7 - Profissão das Italianas Residentes em Porto Alegre

Profissão	Número
Arquiteta	1
Auxiliar de Laboratório	2
Bancária	7
Cabeleireira	3
Comerciária	15
Contadora	1
Costureira	4
Dentista	1
Doméstica	82
Estudante	14
Funcionária Pública	1
Industriaria	11
Modista	4
Pesquisadora social	1
Professora	8
Secretária	3
Securitária	1

Fonte: Certidões de Casamento da Comarca de Porto Alegre de 1955-1975 dos Cartórios da 1ª, 2ª e 3ª Zonas. [Quadro realizado pelo autor]

Portanto, a coletividade italiana, após a Segunda Guerra, continuou tendo, em Porto Alegre, um caráter empreendedor comercial. Ou seja, a maioria dos imigrantes queria possuir seu próprio negócio. Logo, os peninsulares estabeleceram seus açougues, oficinas (marcenaria, mecânicas), mercearias, fruteiras, lojas, entre outros empreendimentos direcionados ao varejo.

3.3.2 SOCIABILIDADES

A coletividade italiana que desembarcou em Porto Alegre nos anos 50 constituiu seus espaços de sociabilidade. Os imigrantes possuíam locais próprios de interação na cidade, onde transitavam e encontravam os seus conterrâneos.

Os entrevistados apontam a Praça da Alfândega como um lugar comum e muito frequentado por eles e pelos seus patrícios. Na década de 50, o Sr. Antonino Vinciprova³³⁹ lembra:

Bem! A gente sempre se reunia na Praça da Alfândega³⁴⁰, naquela época, porque muitos de nós trabalhávamos próximos da praça. Nos encontrávamos sempre ali para também tomar um cafezinho, conversar, era uma das poucas diversões que se tinha naquela época, ou ainda se ia ao cinema que era mais barato, que você ia ficava umas duas horas e depois cada um ia para a sua casa.

O Sr. Vinciprova refere a praça como um local de encontro. O espaço ao redor da Praça dispunha de entretenimentos que atraíam o público residente na metrópole. Os cafés, os restaurantes e os cinemas eram pontos de referência para encontro e lazer.

A Praça da Alfândega, desde a sua modernização, nas primeiras décadas do século passado, constitui-se em espaço importante da vida social, econômica, política e cultural da capital. A praça destacou-se sempre como um local de convívio. O entorno da Praça sempre concentrou aspectos vinculados ao econômico, social e cultural.³⁴¹

O Sr. Sebastiano Campisi³⁴² costumava ir para o centro, porque naquele lugar encontrava seus patrícios nos cafés existentes na Praça Alfândega. O depoente comenta que costumava frequentar o restaurante Trattoria Del Giovanni, onde encontrava seus amigos e degustava o seu espaguete.

A Sra. Antonina Vinciprova³⁴³ conta:

Nós nos encontrávamos [com os amigos] na Praça da Alfândega. A gente ia passear na Rua da Praia. Nós íamos muito à Rua da Praia e na Praça da Alfândega, onde nos

³³⁹ VINCIPROVA, Antonina. **Imigração para Porto Alegre** [nov. 2010]. Entrevistadores: Leonardo de Oliveira Conedera e a Egiselda Charão. Porto Alegre.

³⁴⁰ A Praça da Alfândega foi nomeada, inicialmente, Largo da Quitanda (1800); posteriormente, foi denominada ainda de Praça do Comércio, Praça Florêncio (1883). O nome da Praça surgiu em função da construção do prédio da Alfândega junto à Praça. PEDROSO, Luciano Fernandes. **O espaço cotidiano dos agregados sociais da Praça da Alfândega em Porto Alegre-RS**. 2007. 137 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.p. 56-60.

³⁴¹ *Ibidem*, p. 62-63.

³⁴² CAMPISI, Santi Sebastiano. **Imigração para Porto Alegre** [jul. 2010]. Entrevistador: Leonardo de Oliveira Conedera. Porto Alegre.

³⁴³ VINCIPROVA, Antonina. **Imigração para Porto Alegre** [nov. 2010]. Entrevistadores: Leonardo de Oliveira Conedera e a Egiselda Charão. Porto Alegre.

sentávamos nos bancos, passeávamos. [...] Nós íamos olhar as vitrines, passear. Às vezes havia um filme italiano que passava no cinema, e íamos assistir. Até porque tinha o cinema Vitória, e muitos outros cinemas no centro naquela época.

Vale referir também a prática do *footing*³⁴⁴, que ocorria entre a Rua da Praia e a Praça da Alfândega. Além disso, a Praça era um local de passagem, reunindo todas as idades, visto que apresentava uma gama de entretenimentos.

No final da década de 60, transformações urbanas iniciaram-se no Centro de Porto Alegre atingindo também as dependências da Praça da Alfândega. As utilidades do seu espaço alteraram-se. A Praça perdeu seu caráter residencial para adquirir outro, estritamente comercial. Os bancos e escritórios começaram a ocupar o local. Enquanto os cafés, confeitarias e cinemas fechavam.³⁴⁵

Nos decênios de 50 e 60, mesmo com o crescimento dos bairros, o centro continuava sendo uma área muito frequentada na cidade para o lazer e o entretenimento. No início dos anos 50, a Sra. Maria Scavuzzo³⁴⁶ comenta que, aos domingos, o seu pai reunia a família para assistir as apresentações musicais no antigo Araujo Viana³⁴⁷, localizado na Praça da Matriz (ao lado do Teatro São Pedro).

Outro espaço bastante frequentado pelos italianos era os bailes, que ocorriam nos clubes e sociedades, especialmente, na Sociedade Italiana. O Sr. Nicolò Cassarà³⁴⁸ narra:

Bem! Eu frequentava [a Sociedade Italiana], mas eu era solteiro, então eu ia mais aos fins de semana. Na época havia todos os sábados as reuniões dançantes, porque havia o som mecânico, sem conjunto musical. Todos os sábados havia estas reuniões. Assim, reuníamos a “turminha” e íamos para lá.

O Sr. Cassarà participava com seus amigos dos bailes que aconteciam na Sociedade Italiana. O depoente comenta que conheceu sua esposa, Sra. Dalva Di Martino, num baile da SIRGS. A Sociedade também organizava inúmeros eventos (festas, jantares, entre outras comemorações) que reuniam a coletividade italiana residente no município.

³⁴⁴ *Footing* era a prática de passear a pé. Entre os anos 30 e 60, a palavra “footing” caracterizava-se pelo encontro da sociedade local na Praça da Alfândega. PEDROSO, Luciano Fernandes. **O espaço cotidiano dos agregados sociais da Praça da Alfândega em Porto Alegre-RS**. 2007. 137 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007. p. 66.

³⁴⁵ *Ibidem*, p. 65-68.

³⁴⁶ SCAVUZZO, Maria. **Projeto mulheres imigrantes do Mercosul** [abr. 2004]. Entrevistadores: André Andreguetti, Luciana de Oliveira e Núncia Santoro de Constantino. Porto Alegre.

³⁴⁷ Na administração do Intendente Otávio Rocha construiu-se uma concha acústica e um auditório a céu aberto, na Praça Marechal Deodoro da Fonseca, onde se apresentava, regularmente, a Banda Municipal. O nome do auditório foi uma homenagem a José de Araujo Viana, músico e professor do Instituto de Belas Artes. FRANCO, Sérgio da Costa. **Porto Alegre: guia histórico**. Porto Alegre: UFRGS, 1988. p. 419.

³⁴⁸ CASSARÀ, Nicolò. **Imigração para Porto Alegre** [nov. 2009]. Entrevistador: Leonardo de Oliveira Conedera. Porto Alegre.

Atualmente, a Sociedade Italiana do Rio Grande do Sul ainda continua servindo como ponto de encontro dos peninsulares e de seus descendentes. Além disso, a entidade prossegue promovendo atividades voltadas para a continuidade da língua e cultura italiana no Estado.

A Sra. Di Martino³⁴⁹, que chegou com 14 anos a Porto Alegre, vivenciou sua adolescência na cidade e informa que nos anos 50 ocorreu o *boom* do cinema e da música italiana (destaque para as músicas dos festivais de San Remo). Logo, a adaptação e convivência para ela e seus patrícios foram amenizadas pela atmosfera cultural da capital que era entretida por atrações da cultura italiana.

Os cinemas de Porto Alegre também são lugares recordados pelos depoentes. Em 1948 já existiam 30 salas de cinemas, a maioria localizando-se no centro.³⁵⁰ Charles Monteiro³⁵¹ destaca que “[...] ao redor da Praça da Alfândega existiam vários cinemas com seus letreiros de néon, seus filmes coloridos com as grandes estrelas de Hollywood, difundindo novos hábitos de vida e de consumo”.

É necessário destacar que, nos decênios de 50 e 60, aumentou o número de cinemas espalhados pela cidade. Em 1963, Porto Alegre alcançou o total de 43 salas de exibição. No entanto, a partir de 1958, o cinema começou a sofrer concorrência da televisão, quando foi inaugurada a TV Piratini.³⁵²

A religiosidade católica entre os peninsulares também colaborou para formar e organizar pontos de encontro. A Paróquia Nossa Senhora do Rosário de Pompéia³⁵³ constituía-se em outro local de encontro para os imigrantes italianos. A paróquia foi fundada e prossegue mantida pela ordem de São Carlos (os Scalabrinianos). Os clérigos visavam oportunizar um espaço de culto religioso e também de auxílio aos vários imigrantes que chegavam a Porto Alegre no período do pós-guerra.³⁵⁴

³⁴⁹ DI MARTINO, Dalva Cassarà. **Projeto mulheres imigrantes do Mercosul** [jun. 2010]. Entrevistadores: Leonardo de Oliveira Conedera e a Egiselda Charão. Porto Alegre.

³⁵⁰ FRANCO, Sérgio da Costa. **Porto Alegre: guia histórico**. Porto Alegre: UFRGS, 1988. p. 114.

³⁵¹ MONTEIRO, Charles. Porto Alegre no Século XX: crescimento urbano e mudanças sociais. In: DORNELLES, Beatriz (Org.). **Porto Alegre em destaque – história e cultura**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. p. 60.

³⁵² FRANCO, 1988, *op. cit.*, p. 114.

³⁵³ A Paróquia Nossa Senhora do Rosário de Pompéia localiza-se na Rua Barros Casal. O nome da Capela, que foi fundada em 1959 (em 1967, a Igreja concluída), relaciona-se com o presente recebido pelos padres scalabrinianos de imigrante napolitano que doou a estampa da Nossa Senhora da Pompéia. ZAMBERLAM, Jurandir et al. **50 anos de serviço com os migrantes: paróquia da Pompéia - Missão Scalabriniana**. Porto Alegre: IMPA, 2010. p. 28-29.

³⁵⁴ ZAMBERLAM, Jurandir et al. **50 anos de serviço com os migrantes: paróquia da Pompéia - Missão Scalabriniana**. Porto Alegre: IMPA, 2010. p. 23.

Em 1958, o CIBAI³⁵⁵ (Centro Ítalo-Brasileiro de Assistência aos Imigrantes) começou a funcionar na Rua Barros Cassal. O Centro desenvolvia ações voltadas para o atendimento das necessidades (roupas, atendimento médico, remédios e alimentos) dos emigrados italianos.

Nas dependências da Paróquia Nossa Senhora da Pompéia aconteciam almoços e reuniões de confraternização pretendendo aproximar as famílias dos recém-imigrados, a fim de dirimir as adversidades na sociedade de acolhimento. Além disso, os padres carlistas também procuravam, através de suas missas e dos encontros de confraternização, manter os laços dos fiéis italianos com a cultura de origem. Em 1959, o CIBAI contava com mais de 1.500 famílias envolvidas com as obras comunitárias dos religiosos scalabrinianos.³⁵⁶

A construção da Igreja da Paróquia Nossa Senhora do Rosário de Pompéia ocorreu a partir de doações e das confraternizações (almoços, bailes, entre outros festejos) dos peninsulares que contribuíram para as iniciativas dos padres scalabrinianos.³⁵⁷

O CIBAI, a partir dos anos 60, passou a publicar um boletim, *VOCE AMICA* (Voz Amiga), cuja iniciativa pretendia manter a coletividade imigrante informada, motivada e interligada. Posteriormente, os boletins da entidade mudaram de nome. Há mais de 25 anos, o Boletim do CIBAI é intitulado “A Família da Pompéia”.³⁵⁸

Nos projetos dos padres carlistas, a participação das mulheres italianas (as *patronesses*, como eram chamadas pelos religiosos do CIBAI) acontecia constantemente. As peninsulares organizavam chás, entre outras iniciativas beneficentes, a fim de angariar recursos para as obras dos clérigos da Pompéia. Os encontros realizados em prol do CIBAI propiciavam a confraternização dos imigrantes em Porto Alegre.³⁵⁹

As datas festivas (aniversários, Páscoa, Natal, entre outras) constituíam-se, do mesmo modo, em ocasiões propícias para os italianos encontrarem não apenas os parentes, mas também os seus amigos. A Sra. Antonina³⁶⁰ diz:

As festas da família eram uma maravilha! Nós nos reuníamos, o meu cunhado, Nunzio, tocava gaita, nós dançávamos, nos divertíamos, quando havia o batizado e

³⁵⁵ O CIBAI foi criado pelos padres carlistas (Scalabrinianos) atendendo ao pedido do Papa Pio XII, que publicou, em 1952, a Constituição Apostólica, a *Exsul Famiglia*, tratando a respeito do fenômeno migratório, e frisando a importância do serviço da pastoral aos imigrantes. *Ibidem*, p. 23.

³⁵⁶ *Ibidem*, p. 25-29.

³⁵⁷ MACHADO, Michelli. **Boletim “A Família da Pompéia”**: construindo identidades culturais em parceria com os imigrantes. 2005. 131 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação) – Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005. p. 92.

³⁵⁸ ZAMBERLAM et al., 2010, *op. cit.*, p. 31.

³⁵⁹ *Ibidem*, p. 32-33.

³⁶⁰ VINCIPROVA, Antonina. **Imigração para Porto Alegre** [nov. 2010]. Entrevistadores: Leonardo de Oliveira Conedera e a Egiselda Charão. Porto Alegre.

primeira comunhão, e os aniversários das crianças esses eram os nossos divertimentos.

Como a Sra. Vinciprova refere, os peninsulares costumavam confraternizar também através dos festejos familiares onde reuniam as pessoas mais próximas dos seus círculos de amizades.

4. MEMÓRIAS, NARRATIVAS, IDENTIDADES

4.1 MEMÓRIAS

A realização da presente pesquisa foi viabilizada pela narração de imigrantes italianos oriundos da Sicília, que cederam seu tempo e disposição para dialogarem sobre suas trajetórias desde a Itália até os anos vivenciados na cidade de Porto Alegre. Constantino³⁶¹ frisa:

Preciso ver muitos rostos e ouvir muitas vozes, quando estudo imigração. Muitos rostos além daqueles que deram certo e cujos retratos estão emoldurados nas fábricas, nos bancos, nas grandes casas comerciais. Também preciso olhar para além dos rostos daqueles infelizes que não deram certo e cujas fotografias estão estampadas nas páginas policiais. Opressores e oprimidos não esgotam o assunto. Preciso ver e ouvir muito para reconstruir, com todas as deficiências que uma reconstrução supõe, o complexo e multifacetado fenômeno da imigração. São as vozes que me devolvem os rostos de pessoas comuns.

A referida autora menciona que os relatos dos emigrados auxiliam o historiador, estudioso da imigração, a compreender e reconstruir os complexos fenômenos da mobilidade humana.

Neste estudo foi possível analisar as memórias a partir das narrativas que os depoentes fizeram de suas trajetórias, individuais e coletivas (sobre o grupo que integra). A partir dos diálogos com os entrevistados surgiram referências a respeito dos lugares de memória da coletividade italiana, bem como as lembranças compartilhadas pelos imigrantes.

A imigração é um fenômeno de massa, como também é um deslocamento de diversos sujeitos que realizaram uma longa viagem.³⁶² O processo migratório comporta o percurso de um viajante. Segundo Eric Leed³⁶³, a viagem realizada pelo viajante pode ser mensurada em três momentos: a partida, a transição e a chegada.

Neste capítulo pretende-se apresentar as memórias contadas pelos colaboradores provenientes da Sicília sobre as suas trajetórias, destacando-as em três momentos distintos (a partida, a transição e a chegada). Visa-se analisar também como o grupo de insulares identifica-se perante a sociedade receptora, que engloba conterrâneos oriundos da Itália e os cidadãos brasileiros. Além disso, tenta-se perceber, através das memórias relatadas pelos

³⁶¹ CONSTANTINO, Núncia Santoro de. Nas entrelinhas da narrativa: vozes de mulheres imigrantes. **Revista Estudos Ibero Americanos**, Porto Alegre, v. 32, p. 69, n. 1, 2006.

³⁶² *Ibidem*, p.65

³⁶³ LEED, Eric J. **La mente del viaggiatore: dall'Odissea al turismo globale**. Bologna: Società editrice Il Mulino, 1992. p. 30-32.

sicilianos, porque o grupo insular, aparentemente, não preservou, em Porto Alegre, uma identidade cultural (com a região de origem), como o conjunto de italianos advindo da Calábria (os oriundos de Morano Calabro).

A definição do que são memórias é primordial, pois neste trabalho utilizaram-se muitas memórias que foram recolhidas a partir dos testemunhos orais dos imigrantes.

A memória não é somente um fenômeno individual e particular de cada pessoa. Maurice Halbwachs assinalou, através de seus estudos acerca da memória, que a mesma precisa ser visualizada como um fenômeno coletivo e social.³⁶⁴

A elaboração das memórias acontece a partir de alguns elementos constitutivos. Dois elementos são referidos por Michael Pollak³⁶⁵:

Em primeiro lugar, são os acontecimentos vividos pessoalmente. Em segundo lugar, são os acontecimentos que eu chamaria de “vividos por tabela”, ou seja, acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa se sente pertencer.

Então, a memória não é apenas um processo seletivo, como também um processo de ajuste, visando combinar memória coletiva e memórias individuais. Halbwachs³⁶⁶ destaca:

Para que nossa memória se beneficie da dos outros, não basta que eles nos tragam seus testemunhos: é preciso também que ela não tenha deixado de concordar com suas memórias e que haja suficientes pontos de contato entre ela e as outras para que a lembrança que os outros nos trazem possa ser reconstruída sobre uma base comum.

O pesquisador Iván Izquierdo³⁶⁷ explica porque os indivíduos costumam lembrar em detalhe acontecimentos antigos. Inúmeras vezes porque os eventos recordados foram acompanhados de forte carga emocional. As memórias emocionais são fixadas em momento de hiperatividade dos sistemas hormonais e neuro-hormonais. Além disso, para os idosos, há um período mais propício para recordar. Ou seja, o tempo em que havia uma vida pela frente, em que os amigos estavam vivos e mais presentes.

A partir dos estudos de Izquierdo, entende-se o porquê de existir a tendência de cancelar fatos desagradáveis, envolvendo dor, ressentimento, humilhação. Os homens utilizam mecanismos como a repressão, descrito por Freud. O esquecimento do infortúnio pode auxiliar a seguir a vida, neutraliza a depressão: nenhum sobrevivente de campo de

³⁶⁴ POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro: CPDOC-FGV, v. 5, n. 10, p. 201, 1992. Disponível em: <<http://www.cpdoc.fgv.br>>. Acesso em: 20 jul. 2009.

³⁶⁵ *Ibidem*, p. 201.

³⁶⁶ HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 1990. p. 12.

³⁶⁷ IZQUIERDO, Ivan Antônio. **Memória**. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 9-18.

concentração poderia voltar à vida se não tivesse a capacidade de esquecer. Assim, perde-se por esquecimento a maior parte das memórias, a maioria das que restam neutraliza-se por meio da repressão ou da extinção. Portanto, a cognição do indivíduo está composta fundamentalmente por fragmentos da memória; por isso o entrevistado pode contar sobre sua infância para o entrevistador em algumas horas.³⁶⁸

Cabe ressaltar que, quando o depoente é indagado a respeito de certos temas, os indivíduos referem-se a alguns locais específicos. Dessa forma a expressão “lugares de memória” cunhada por Pierre Nora³⁶⁹, que, segundo o historiador francês, são determinados lugares

[...] onde a memória se cristaliza e se refugia está ligada a este momento particular da nossa história. Momento de articulação onde a consciência de ruptura com o passado se confunde com o sentimento de uma memória esfacelada, mas onde o esfacelamento desperta ainda memória suficiente para que se possa colocar o problema de sua encarnação. O sentimento de continuidade torna-se residual aos locais. Há locais de memória porque não há mais meios de memória.

Nora³⁷⁰ ainda enfatiza que os lugares de memória coexistem somente a partir de três aspectos: o material, o simbólico e funcional. Então, os lugares são:

[...] lugares mistos, híbridos e mutantes, intimamente enlaçados de vida e de morte, de tempo e de eternidade; numa espiral do coletivo e do individual, do prosaico e do sagrado, do imóvel e do móvel. [...] A razão fundamental de ser de um lugar de memória é parar o tempo, é bloquear o trabalho do esquecimento, fixar um estado de coisas, immortalizar a morte, materializar o imaterial para – o ouro é a única memória do dinheiro – prender o máximo de sentido de um mínimo de sinais.

Portanto, as narrativas dos imigrantes revelam determinados locais de memória. Esses locais são as fotografias, quadros (sobre a família, a cidade natal, entre outros referenciais), ou mesmo alguns espaços (como o ambiente de trabalho, a praça), que assumem relevância e viabilizam o entrevistado a acessar, e recordar, certas lembranças.

4.2.1 MEMÓRIAS COMPARTILHADAS E LUGARES DE MEMÓRIA

Os imigrantes insulares que chegaram a Porto Alegre no pós-guerra são portadores de memórias vivenciadas pela experiência da imigração para o Brasil. Os narradores nas suas entrevistas comentaram as recordações sobre a partida, o transcurso da viagem e a chegada.

³⁶⁸ IZQUIERDO, Ivan Antônio. **Memória**. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 9-18.

³⁶⁹ NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP**. São Paulo: EDUC, v. 10, n. 1, p. 7, 1993.

³⁷⁰ *Ibidem*, p. 22.

A partida do *paese* de origem para os imigrantes provocava uma série de emoções: expectativa, ansiedade e tristeza por precisarem se separar de seus familiares e amigos, bem como da cidade onde nasceram.

Assim, partir é um ato de separação, dor, suavizada conforme o intuito, a distância, o tempo ou mesmo o prazer. Relata-se a dor ao se “desfazer” os vínculos de pertencimento social, ou dos significados do pertencimento socioterritorial ao lugar de origem.³⁷¹

A saída da terra natal também era antecedida com contrariedade. O Sr. Nicolò³⁷², por exemplo, precisou convencer os seus pais para poder vir para o Brasil. O entrevistado conseguiu, após um longo diálogo, persuadir seus pais que a emigração lhe ofereceria maiores perspectivas, principalmente de trabalho.

A partida representava, por vezes, o alívio de poder escapar de algo ameaçador, como uma nova guerra. A Sra. Vincenza³⁷³ lembra:

Começou a surgir um boato que haveria uma nova guerra. Então, a minha mãe disse: “mas eles nunca que vão matar meu filho! Nós vamos para o Brasil.” Assim, nós viemos para o Brasil aceitando o convite da minha tia. Viemos como imigrantes, “fugindo da guerra”, mas não ocorreu outra guerra.

Cabe referir que a decisão de emigrar realizada pelo indivíduo ocorre por uma multiplicidade de motivos e circunstâncias. Além disso, Rosemary Fritsch Brum³⁷⁴ aponta que:

A partida inicia um trajeto mental, simbólico que não acompanha, necessariamente, a trajetória social, econômica. A autonomia da partida se esvanece sempre e quando encontra um idêntico, quando pode fundir-se na comunidade. É possível transitar entre papéis numa sociedade mais complexa e, é este fascínio, que o faz definir-se pela partida. Pensa poder interagir com o semelhante que o recebe, e o diferente, que o estimula a progredir.

Entre as lembranças rememoradas pelos narradores, encontram-se alguns comentários acerca do transcurso da viagem. O deslocamento dos imigrantes para o novo país acontecia através de navios. A Sra. Maria Mancuso³⁷⁵ narra:

³⁷¹ BRUM, Rosemary Fritsch. **Uma cidade que se conta**: imigrantes italianos e narrativas no espaço social da cidade de Porto Alegre (1920 - 1937). 2003. 408 f. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003. p. 67.

³⁷² CASSARÀ, Nicolò. **Imigração para Porto Alegre** [nov. 2009]. Entrevistador: Leonardo de Oliveira Conedera. Porto Alegre.

³⁷³ NANI, Vincenza. **Imigração para Porto Alegre** [jan. 2011]. Entrevistadores: Leonardo de Oliveira Conedera e a Egiselda Charão. Porto Alegre.

³⁷⁴ BRUM, Rosemary Fritsch. *op. cit*, p. 76.

³⁷⁵ MANCUSO, Maria. **Imigração para Porto Alegre** [dez. 2010]. Entrevistadores: Leonardo de Oliveira Conedera e a Egiselda Charão. Porto Alegre.

Lembro-me que toda a minha família passou mal, e apenas eu que circulava pelo navio. E eu é que trazia comida para a minha família, mas me lembro que via muitas pessoas que passavam mal, já que muitos sofriam enjoo. E o que ficou muito forte na minha lembrança do navio foi que era eu quem auxiliava a minha família e circulava pelo navio, porque muitas pessoas sofreram com o enjoo.

Quando veio com sua família para o Brasil, a Sra. Maria tinha 5 anos de idade. A entrevistada assistiu seus pais e tios no decorrer da viagem, porque foi a única entre seus parentes não acometida pelo enjoo. As náuseas eram comuns entre os emigrados, visto que para a maioria era a primeira experiência em alto mar. Com exceção das ânsias de vômitos, a travessia pelo oceano constituía-se em uma experiência agradável e sem grandes contratemplos.

Apesar de a viagem significar uma ruptura em suas vidas, os narradores falaram muito pouco acerca do trânsito (deslocamento espacial).

Enfim, precisa-se destacar que a viagem expande sentidos e significados porque possibilita a ampliação intrínseca da consciência que é fonte de continuidade no interior da identidade; porém, apenas a aspiração seguinte, de estabilidade de pertencimento, é que viabiliza a narrativa. Logo, torna-se inviável construir um relato a respeito da mudança (transição³⁷⁶), apenas o antes (partida) e o depois (chegada).³⁷⁷

Depois de quase um mês em alto mar, os depoentes atingiam o seu destino. A chegada também adquire uma dimensão importante nas falas dos colaboradores. A Sra. Francesca³⁷⁸ menciona:

Depois de dezoito dias de mar, chegamos ao Rio de Janeiro – cidade belíssima, é preciso que se diga, para quem chega por mar. A estátua do Cristo Redentor me emocionou muito; aqueles braços abertos pareciam dizer: “vem, que aqui tem lugar para ti também!”.

A chegada era um momento de muita emoção, especialmente para a maioria que reencontrava familiares e amigos de seu *paese*. Os primeiros dias na nova cidade provocaram estranhamentos que perduraram durante o período de adaptação no espaço urbano. A Sra. Antonina³⁷⁹ frisa que:

³⁷⁶ Segundo Richard Leed, “a narrativa da transição depende da percepção que o próprio viajante tem do mundo, de si e do outro. Além disso, em alguns casos, os estrangeiros, mesmo instalados no Brasil, permanecem em trânsito, pois seguem se relacionando exclusivamente com a cultura de origem e com seus conterrâneos; logo, para estes a chegada no plano cultural e mental nunca aconteceu”. LEED, Eric J. **La mente del viaggiatore: dall’Odissea al turismo globale**. Bologna: Società editrice Il Mulino, 1992. p. 108.

³⁷⁷ BRUM, Rosemary Fritsch. **Uma cidade que se conta: imigrantes italianos e narrativas no espaço social da cidade de Porto Alegre (1920 - 1937)**. 2003. 408 f. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003. p. 102.

³⁷⁸ DUCCESCHI, Francesca Coniglio. **O catavento da vida**. Porto Alegre: Prosapiens, 2010. p. 98.

³⁷⁹ VINCIPROVA, Antonina. **Imigração para Porto Alegre** [nov. 2010]. Entrevistadores: Leonardo de Oliveira Conedera e a Egiselda Charão. Porto Alegre.

Quando noi arrivamo e entramo in quella (nós chegamos e entramos naquela) casa de madeira, que quando a gente caminha e ao mesmo tempo “dançava” [risos] a gente sentiu uma impressão estranha sabe! [...] Mas, uma dificuldade era, quando tínhamos de ir comprar alguma coisa que não sabíamos como se chamava [em português]. Me lembro que uma vez saímos para comprar um cadarço para amarrar uma fronha. E quem diria que nós conseguiríamos! Nós não sabíamos como dizer! Então, nós gesticulávamos, mostrávamos, para que pudessem entender, e até também para sabermos que aquilo que queríamos se chamava cadarço [risos]. Mas tinha muitas coisas que nos fizeram passar um trabalho para aprender, como elas se chamavam. A maior dificuldade era a de falar.

O estranhamento quanto às primeiras moradias de madeira e a dificuldade de entender e falar o português foram recordados como os primeiros desafios enfrentados pelos expatriados. Assim, no período inicial o contato com a família e conterrâneos era um apoio necessário relatado pelos depoentes. A Sra. Francesca Ducceschi³⁸⁰ conta:

Eu fiquei apavorada, pois nunca havia morado em um chalé feito de madeira. Eu conheci o chalé na praia para se tomar banho não para moradia. [...] A casa tinha poucas peças, o quarto, com espaço para a cama, a cozinha, uma salinha e o banheiro ficava na rua, fora da casa, que era por todos utilizado. Havia como moradores: uma senhora polaca que se chamava madame Lisa, uma senhora fugida da Rússia no tempo da revolução russa, uma família alemã, que morava em cima da casa da dona do lugar. E nós italianos. Logo, era um lugar, como dizem por aqui, um cortiço. Todos que ali moravam eram estrangeiros de vários lugares, logo ali se falava todo tipo de língua.

As memórias da chegada foram explicitadas pelos entrevistados sempre relacionando as diferenças entre Brasil e Itália. No entanto, pouco a pouco, os sicilianos, como outros peninsulares, adaptaram-se à nova sociedade através da solidariedade de conterrâneos, de outros estrangeiros e dos indivíduos brasileiros simpáticos aos imigrantes.

Além das lembranças vinculadas à partida, à viagem e à chegada, os depoentes também contam sobre lembranças referentes à Itália. Por exemplo, as memórias da guerra encontram-se presentes nos testemunhos coletados. A Segunda Guerra foi um acontecimento relevante, que marcou de forma direta ou indireta as vidas dos entrevistados e de suas famílias.

O conflito e suas consequências causaram transformações que modificaram o contexto no qual viviam os narradores, e que terminaram influenciando na sua emigração. A Sra. Vincenza Nani³⁸¹ comenta:

³⁸⁰ DUCCESCHI, Francesca. **Imigração para Porto Alegre** [nov. 2010]. Entrevistadores: Leonardo de Oliveira Conedera e a Egiselda Charão. Porto Alegre.

³⁸¹ NANI, Vincenza. **Imigração para Porto Alegre** [jan. 2011]. Entrevistadores: Leonardo de Oliveira Conedera e a Egiselda Charão. Porto Alegre.

O meu pai era agricultor e tínhamos alguns lotes de terras, e vivíamos muito bem até começar a guerra, quando ele perdeu tudo. Porque, no período de guerra, eu me lembro de certas coisas que os meus pais contavam, uma época em que eu tinha 6 anos de idade. Então, o governo chegava nas casas para recolher enxovais, jóias para sustentar a guerra, então, um ano o meu pai ficou sem as sementes para plantar, assim ele precisou comprá-las, no ano posterior ocorreu a mesma coisa. E assim foi seguindo os anos. O meu pai precisou vender as terras para comprar as sementes, e depois, na época da colheita, vinham os caminhões do exército que carregavam a colheita sem dar nenhuma satisfação, e ficava por isso mesmo. E assim foi acontecendo. O meu pai seguiu regredindo, perdendo suas terras até perder tudo. Ele precisou se tornar empregado em um campo onde lá eles chamam de *giardino* (jardim), que possuía todo tipo de planta, parreiras, oliveiras entre outras.

A Sra. Vincenza menciona que o cenário do conflito provocou a perda das poucas posses detidas pela sua família em Raddusa. Como a conacional, a Sra. Epifania Di Fazio³⁸² também refere uma experiência semelhante em Leonforte. A depoente diz:

Antes da guerra a gente estava muito bem. Depois da guerra a gente perdeu tudo. Por causa da guerra... Eu me lembro da guerra... Eu tinha cinco anos. [...] Foi na guerra que a gente perdeu tudo. [...] A gente perdeu a colheita do ano todo, e a gente vivia da colheita.

O contexto de guerra prejudicou e contribuiu para que muitas famílias enfrentassem adversidades antes e depois do período de beligerância. Nos primeiros meses de imigração para a Sra. Francesca Ducceschi³⁸³ as lembranças dos anos de conflito continuavam presentes. A entrevistada recorda:

Ele [o marido] não tinha problema de se adaptar, mas o principal motivo era que aqui [Porto Alegre] não havia as bombas. A primeira noite que eu dormi em Porto Alegre à noite, eu ouvi um barulho de um avião e chamei meu marido – *Ermano sta passando un aéreo* (está passando um avião), e ele me disse: “*dormi, dormi qui sei Brasile non c’è pericolo!*” (dorme, dorme aqui é Brasil não há perigo!) Bem a gente com o mínimo de um barulhinho de avião a gente fugia como estava!

Ainda na sociedade de acolhimento, entre as recordações mais recorrentes nos diálogos realizados com os emigrados, a questão do trabalho é sempre mencionada. Para os narradores, lembrar-se da atividade profissional explica os motivos pelos quais muitos deixaram a sua cidade de origem. Como afirma Abdelmalek Sayad³⁸⁴, diversas vezes o imigrante é percebido como força de trabalho, mesmo que em algumas ocasiões esteja em trânsito. O indivíduo que migra existe apenas para o trabalho. Ou seja, o trabalho condiciona a existência do sujeito.

³⁸² DI FAZIO, Epifania. **Imigração para Porto Alegre** [dez. 2010]. Entrevistadores: Leonardo de Oliveira Conedera e a Egiselda Charão. Canoas.

³⁸³ DUCCESCHI, Francesca. **Imigração para Porto Alegre** [nov. 2010]. Entrevistadores: Leonardo de Oliveira Conedera e a Egiselda Charão. Porto Alegre.

³⁸⁴ SAYAD, Abdelmalek. **Imigração: paradoxos da alteridade**. São Paulo: EDUSP, 1998. p. 33-34.

Quando contam sobre suas profissões, os entrevistados informam suas trajetórias no espaço urbano, sobre os ambientes frequentados e as pessoas que conheceram. A Sra. Epifania Di Fazio³⁸⁵ menciona:

Nós chegamos no sábado, de trem. Na segunda-feira já comecei a trabalhar na Arroeira Brasileira, já tinha emprego arrumado. Todos nós [da família] já tínhamos emprego arrumado com os patrícios italianos. Pois para poder vir tinha que ter emprego arrumado. Até uma maninha de oito anos ia cuidar de uma criança, uma patrícia nossa colocou [nos papéis] que ela ia cuidar de uma criança.

A Sra. Epifania reforça que o emprego era uma das premissas para a imigração da sua família. O espaço de trabalho também foi um ambiente de integração. A Sra. Antonina Vinciprova³⁸⁶ conta:

Nós chegamos aqui na manhã do dia 14 de setembro, e no dia 5 de outubro já estávamos trabalhando aqui na Arroeira Brasileira onde o chefe era italiano. E com quem a minha irmã [Francesca] falou que nós havíamos chegado, e já podíamos trabalhar. [...] Muitas italianas, mas também brasileiras. Mas trabalhavam lá a minha irmã, uma cunhada, outra amiga, a tia da Maria Mazzola [amiga da entrevistada], que era irmã da mãe, onde todo mundo que eu conhecia trabalhava, e com o tempo a gente se entrosou. Até porque no primeiro momento, eu não sabia falar o português, e não conhecia muitas coisas [no bairro, na cidade], mas eu me virava.

A fábrica para a Sra. Antonina constitui-se no primeiro meio de contato com a sociedade de adoção. No interior da Arroeira Brasileira, a depoente, além de trabalhar, conheceu outras pessoas, bem como reforçou elos e amizades com indivíduos de seu país de origem.

Durante o diálogo com os depoentes não falaram sobre a Máfia em sua terra natal. Quando indagados sobre o assunto, alguns imigrantes disseram desconhecer ações das *cosche*³⁸⁷ em seus *paesi*, ou mesmo preferiram dizer que este era um tema muito triste e forte e que preferiam não comentar nada a respeito. Vale destacar que a maioria dos entrevistados emigrou da parte oriental da ilha, onde as ações mafiosas não eram tão fortes quanto na parte ocidental da Sicília (área das províncias de Palermo, Trapani e Agrigento). No entanto, percebeu-se a prática da *omertà*³⁸⁸ entre os narradores.

³⁸⁵ DI FAZIO, Epifania. **Imigração para Porto Alegre** [dez. 2010]. Entrevistadores: Leonardo de Oliveira Conedera e a Egiselda Charão. Canoas.

³⁸⁶ VINCIPROVA, Antonina. **Imigração para Porto Alegre** [nov. 2010]. Entrevistadores: Leonardo de Oliveira Conedera e a Egiselda Charão. Porto Alegre.

³⁸⁷ *Cosche* – grupo de mafiosos. BENEDETTI, Ivone C. (Coord.). **Dicionário Martins Fontes Italiano-Português**. São Paulo: Martins Fontes, 2004. p. 253.

³⁸⁸ *Omertà* – termo que se refere à lei do silêncio. A prática da *omertà* é uma conduta de recusa de divulgar as ações dos mafiosos por parte dos indivíduos que as testemunham. LUPO, Salvatore. La Mafia. In: BENIGNO, F. e GIARRIZZO, G. (a cura). **Storia della Sicilia**: dal Seicento a oggi. Bari: Laterza, 2003. p. 136.

A não verbalização a respeito da Máfia deve-se a hábitos culturais ligados à cultura insular, que explicam a prática da *omertà*. Anton Blok³⁸⁹ – quando realizou seu estudo, *la mafia di un villaggio siciliano: imprenditore, contadini, violenti 1860-1960*, – destacou a desconfiança presente entre os sicilianos para tratar de assuntos complicados, como a questão mafiosa. Blok ainda realça o seguinte provérbio que um de seus entrevistados lhe contou: “*Amicizia con tutti; ma confidenze a nessuno*”³⁹⁰. Segundo o autor, o provérbio elucida sobre a prevenção de os habitantes da ilha abordarem certos temas.

Então, os sicilianos, como outros italianos (calabreses, napolitanos), partiram, emigraram, refizeram a sua rede de convivência no novo ambiente urbano e a rede de comunicação com o sul da Itália sempre que viável. Para alguns dos narradores, a não convivência com seus compatriotas e com a cultura de origem colaborou para o seu distanciamento e a adaptação a novos hábitos. Entrementes, para a maioria dos entrevistados perdurou-se um diálogo permanente com os costumes da cultura de origem, mesmo que não externado para a sociedade receptora.

4.2.2 NARRATIVAS E IDENTIDADES

Através das lembranças rememoradas pelos imigrantes revelam-se a sua identidade. As narrativas referem-se à seleção realizada pelo entrevistado, que é um narrador, conversando com o pesquisador/entrevistador. O depoente conta sobre a sua trajetória de vida cuja construção narrativa é exclusiva do entrevistado, utilizando expressões culturais do presente. O ponto focalizado neste diálogo, entre narrativa e identidade, é a maneira como transparecem um pouco as suas histórias de vida e a trajetórias de vida dos sicilianos.

Para a realização desta empreitada, identifica-se o eixo temático, os assuntos predominantes e o espaço narrativo principal (se institucional/nacional, local/regional ou familiar); verificam-se os estereótipos narrativos (trágicos, irônicos, cômicos e racionais); investiga-se a maneira como os temas se articulam na narrativa (ordem, repetição).³⁹¹

Os relatos feitos pelos narradores mostram-se compostos por diversos signos, emblemas, gestos, angústias, aspirações, entre outros sentimentos refletidos pelos códigos

³⁸⁹ BLOK, Anton. **La mafia di um villaggio siciliano: imprenditore, contadini, violenti 1860-1960**. Torino: Comunità, 1974. p. XXIX- XXX.

³⁹⁰ “Amizade com todos, mas confidências a ninguém” [tradução do autor]. *Ibidem*, p. XXX.

³⁹¹ PORTELLI, Alessandro. A filosofia e os fatos: narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. **Tempo**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 59-72, 1996a.

linguísticos da língua materna (o dialeto, ou mesmo o italiano). Rosemary Fritsch Brum³⁹² destaca:

A narrativa do imigrante, por ele mesmo, não pode ser entendida sem a noção de pertencimento seja, necessariamente, fator de homogeneização. Ao contrário, os eventos circunstanciais, ou a “alteração cronotópica”, podem contribuir em favor da construção de uma heterogeneidade substantiva à noção de narrativa étnica, dentre eles, a presença do multilinguismo.

As falas dos emigrados apresentam o início do conflito, da diversidade social como próprio à socialização. Deixando clara a impossibilidade de apreensão da imagem da mesma experiência para todos, na representação urbana. Raramente os grupos e os sujeitos do mesmo grupo compartilham do mesmo fundo de significação do ambiente citadino.³⁹³

Dessa forma, nesse estudo utilizou-se a História Oral temática com roteiros já pré-estruturados, mas ao mesmo tempo abertos, a fim de propiciar liberdade para os entrevistados construírem a sua narração, bem como coletar o maior número de informações. O surgimento de características, principalmente do eixo temático, esteve relacionado com os eventos familiares, com a idade dos depoentes, com os fatores de ordem econômica e com questões ligadas aos espaços onde os narradores vivenciaram experiências marcantes, emergindo, assim, determinados estereótipos narrativos.

Dentre os depoentes há aqueles que chegam adolescentes (com idade entre 15 e 17 anos), juntamente com outros familiares, após o estabelecimento do pai, cuja emigração transcorreu anteriormente. Nesse exemplo encontram-se as Sras. Maria Scavuzzo, Vincenza Nani e Carmela Faro, cujas narrativas possuem um eixo narrativo pautado entre a trajetória individual e familiar. As três senhoras enfatizam as conquistas que adquiriram no país de adoção, isto é, recordam a família que formaram, as novas amigas que fizeram. Contudo, a Sra. Scavuzzo enfoca muito no seu relato o país natal, destacando sempre sua cidade, Adrano. Enquanto a Sra. Faro, ao contrário, destaca muito mais a vida no Brasil e falando o mínimo sobre o seu *paese*. Já a Sra. Nani divide sua narrativa entre Itália e Brasil, apesar de ter vivido mais de 50 anos na sociedade de acolhimento. A entrevistada centra-se em sua família, com destaque especial para o Sr. Calogero Interlicchia, seu tio, que marcou de maneira particular sua história de vida.

³⁹² BRUM, Rosemary Fritsch. **Uma cidade que se conta**: imigrantes italianos e narrativas no espaço social da cidade de Porto Alegre (1920 - 1937). 2003. 408 f. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003. p. 63-64.

³⁹³ *Ibidem*, p. 64.

A Sra. Francesca Ducceschi explica que ela e seu esposo não precisavam ter emigrado. Seu marido, o Sr. Ermano, decidiu emigrar a fim de buscar novos ares, visto que a Itália atravessava um momento complicado e de instabilidade econômica e política nos primeiros anos após o final da guerra. Assim, em 1948, a Sra. Francesca chegou ao Brasil trazendo consigo seu filho, Giovanni. A narradora, como as depoentes precedentes, destaca a sua família. No entanto, a Sra. Ducceschi alterna aspectos relacionados à sociedade de origem e à receptora. A sua narração enfatiza bastante as diferenças e experiências entre Brasil e Itália, especialmente durante o período de adaptação à cidade de Porto Alegre. O deslocamento torna-se o eixo em sua narrativa, visto que realça as migrações que realizou ao longo da sua trajetória de vida. Quando criança, a família transferiu-se para diferentes localidades em função do serviço de seu pai, que era oficial militar. Logo, em seu relato as mudanças ganham relevo.

Marceneiro e representante comercial, o Sr. Sebastiano Campisi emigrou sozinho, mas ele também não tinha necessidade de se transferir. Sua trajetória é a de um indivíduo que busca a sua autonomia e independência. Em sua fala detém-se por um longo tempo descrevendo o seu percurso profissional em Porto Alegre. Na sociedade de adoção, nos primeiros anos, o narrador prosseguiu exercendo o ofício de *falegname*³⁹⁴, que aprendeu com seu pai. Refere-se aos locais que trabalhou, às amizades que desenvolveu, aos empreendimentos (oficinas de marcenaria, negócio de secos e molhados) constituídos. Discorre muito pouco acerca do seu *paese* de origem, Avola, e a família que deixou na Itália. Então, o seu eixo temático foi o trabalho.

Os relatos da Sra. Francesca e do Sr. Sebastiano demonstram que não precisavam ter vindo para o Brasil, pois ambos e suas famílias possuíam relativa estabilidade na Itália. Enquanto que as famílias das Sras. Carmela, Epifania e Vincenza buscaram na imigração perspectivas de vida e trabalho melhores do que aquelas que dispunham no país de origem. Suas famílias e círculos de amizades ganham destaques em suas falas porque são seus parentes e amigos que viabilizaram os seus deslocamentos. Além disso, discorrem a respeito de pessoas que foram e permanecem sendo importantes em suas vidas. Dessa forma, possuem por espaço narrativo o ambiente familiar.

O Sr. Nicolò Cassarà apresenta um relato linear sobre sua partida da Sicília até a sua aposentadoria no Brasil. Detém-se mais tempo sobre as atividades profissionais que desempenhou, já que a sua imigração ocorreu devido às poucas oportunidades de trabalho

³⁹⁴ *Falegname* – marceneiro em italiano.

existentes em sua cidade, Alcamo. Sua narrativa ainda reflete o percurso de alguém que vivenciou na coletividade italiana de Porto Alegre, pois em vários momentos de seu relato comenta o convívio com peninsulares, especialmente com moraneses, em função de sua esposa, a Sra. Dalva, ser natural de Morano Calabro. As suas vivências e os lugares frequentados na sociedade receptora tornam-se o seu eixo e espaço narrativos.

Essas seis narrativas analisadas até o momento demonstram, apesar de suas singularidades, a ausência de posicionamento político, isto é, os depoentes optam por não se posicionarem politicamente. A política não foi um tema proposto no roteiro apresentado aos depoentes; no entanto, eles também não fizeram questão de externarem seus pontos de vista sobre este assunto. Suas vozes mostram indivíduos que procuraram na imigração novas perspectivas (de vida e de trabalho). Além disso, o âmbito familiar ganha sempre ênfase, porque são os familiares que viabilizaram os deslocamentos, com exceção nos casos dos Srs. Nicolò e Sebastiano.

Dentre os entrevistados, Antonina, Antonino Vinciprova e Maria Mancuso, que fazem parte da mesma família – os dois primeiros irmãos e a última sobrinha –, apresentam também narrações do grupo familiar. Porém, optam por espaços diferentes onde se desenvolvem suas narrativas. Os relatos do Sr. Antonino e da Sra. Maria Mancuso destacam Porto Alegre em suas falas, enquanto a Sra. Antonina detém-se nos encontros familiares e cotidiano dos parentes em Leonforte. O Sr. Antonino escolheu Porto Alegre porque nesta cidade abriu seu negócio próprio, casou-se, nasceram seus filhos. Enquanto que a Sra. Maria optou pela capital, visto que chegou com 6 anos de idade no Brasil; logo, viveu muito pouco tempo na Itália. Já a Sra. Antonina escolhe Leonforte, pois em sua cidade falava mais o seu dialeto, a família encontrava-se completa, com avós, pais, irmãos, tios e primos. Os três entrevistados observam a ascensão social, mencionam que a família não enriqueceu, mas todos puderam formar um patrimônio que lhes oferecesse uma estabilidade econômica. A Sra. Mancuso em sua narrativa salienta o esforço do pai, Ignazio, que trabalhou, incessantemente, para dar um bom estudo para os filhos.

Por fim, o Sr. Paolo Lapis – que chegou em 1954 a Porto Alegre – não possui um eixo temático em sua fala, já que se prendeu excessivamente às questões expostas pelo roteiro do entrevistador. De tal modo, o Sr. Paolo elucida vários temas, como a sua imigração, a cidade natal, a família e o trabalho, mas se restringiu somente em responder, objetivamente, as indagações propostas.

Os diálogos com os narradores giraram de uma maneira geral sobre a família, sobre o *paese* de origem, sobre o trabalho, sobre a moradia, entre outros assuntos.

É importante ressaltar que todos os colaboradores à sua maneira referem que enfrentaram adversidades em suas trajetórias. Por exemplo: a Sra. Maria Mancuso expõe as brincadeiras maldosas de seus colegas de aula, porque ela errava a pronúncia de algumas palavras, ou mesmo quando falava expressões com o sotaque dialetal, que ecoava diferente, e logo virava vítima de deboche. Entretanto, o sofrimento não foi um eixo temático norteador em suas narrativas.

As dificuldades são lembradas e comentadas pelos depoentes. Mas a narrativa épica também não foi um recurso explorado em larga escala, aparecendo apenas em algumas circunstâncias.

Observados os padrões narrativos dos entrevistados, identificaram-se também aqueles que podem aparecer em mais de uma narrativa. Assim, os padrões de autorrepresentação aparecem expressos através de estereótipos conhecidos como “o bem sucedido”, “o imigrante trabalhador”, “a mulher trabalhadora”, “o camponês que se tornou comerciante”, “vim movido por aquele espírito de aventura porque América é América”, “nós viemos como imigrantes”, entre outros. A importância em se identificar esses estereótipos é observar que indivíduos de diferentes idades, experiências, motivações para a imigração, encontram um padrão semelhante para narrar a sua história.

As formas de autorrepresentação, volúveis, apresentadas pelos entrevistados não são inéditas e foram diagnosticadas em distintos momentos históricos sob variados níveis, continuamente relacionadas com a cultura local e com a época. Isso favorece o entendimento de que os problemas contemporâneos, como a violência, a ausência de infraestrutura social, o desemprego, a falta de consonância e de congregação entre os sujeitos revelam-se nos relatos dos depoentes, realçando-se por posição aquilo que fora perdido desde o princípio de sua trajetória até o tempo presente.

A existência de estereótipos narrativos são comuns nas entrevistas de História Oral, como refere a pesquisadora Luisa Passerini³⁹⁵, que, quando analisou 67 entrevistas, percebeu uma dúzia de diferentes estereótipos.

A opção por um determinado padrão narrativo não reflete uma identidade psicológica. Os narradores recorrem, intencionalmente, aos estereótipos narrativos de seu conhecimento,

³⁹⁵ PROCHNOW, Lucas Neves. **Memórias, narrativas e histórias**: a imigração espanhola recente em Porto Alegre. 2009. 158 f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2009. p. 130.

que transparecem os seus propósitos simbólicos, porque acreditam que seus relatos não se encaixam com exatidão à realidade.³⁹⁶

Então, algumas questões das trajetórias de vida dos depoentes adquirem uma importância vital no cotejamento com os acontecimentos da História. Portanto, o narrador, ao contar a sua história, relaciona aspectos de sua experiência pessoal e familiar, unindo-os em um conjunto lógico que entra em conflito no decorrer da narração, adquire a necessidade de se interligar a partir de eixos narrativos que são produto do espaço social onde o depoente está imerso.

Após a apresentação dos “estilos”, cabe ilustrar que os relatos expressam a reflexão do entrevistado a respeito de si mesmo e o fio condutor, o seu eixo narrativo, edifica significados para a vida daquele que a narra. Então, Prochnow³⁹⁷ afirma que “é no *intermezzo* da História narrada com a trajetória vivida que surge o local de onde emergem as identidades que foram sendo constituídas”.

4.3. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES ACERCA DA IDENTIDADE E ETNICIDADE

Para se analisar a questão da identidade e da etnicidade entre os imigrantes italianos residentes em Porto Alegre é preciso recorrer ao auxílio dos estudos sociológicos e antropológicos.

Entende-se a identidade e sua construção como parte da história, aceitando sua complexidade, que inúmeras vezes esquiva-se de uma análise racional conferida pela *modernidade* e precisa, basicamente, incorporar elementos de *outra ordem*, como laços de ligações afetivas, os sistemas de representação cultural, seus simbolismos, comportamentos, língua, passado que se reconhece semelhante, entre outros aspectos.³⁹⁸

Então, a identidade como algo estático, prefixado e estabelecido acriticamente está muito distante dos pressupostos propostos. Ana Sosa González³⁹⁹ frisa que “na antropologia fala-se da ‘nação portátil’, poderíamos dizer que a identidade também o é, já que *identidade e nação* nos estudos migratórios são dois conceitos que se encontram muito vinculados”.

³⁹⁶ PROCHNOW, Lucas Neves. **Memórias, narrativas e histórias**: a imigração espanhola recente em Porto Alegre. 2009. 158 f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2009. p. 131.

³⁹⁷ *Ibidem*, p. 130.

³⁹⁸ GONZÁLEZ, Ana María Sosa. **Identidad/es en diáspora, identidad/es en construcción**: inmigración uruguaya en Porto Alegre. 2006. 457 f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2006. p. 157.

³⁹⁹ *Ibidem*, p. 157.

Acredita-se que é na *modernidade* onde se gestou a ideia de identidade a partir da construção dos *Estados Nacionais* e a necessidade de torná-los uma *Nação*, isto é, identificá-los, delimitá-los, diferenciá-los, separá-los para poder distingui-los do *outro* ou dos *outros*; vê-se que a identidade se construiu em relação a um lugar, delimitado geograficamente e politicamente, a uma “cultura” que unificou determinados símbolos, língua, história, e ensinou um sentido, ou porque não um sentimento de pertencimento construindo essa ideia de ser ou de pertencer a tal Estado-Nação.⁴⁰⁰

Dessa maneira existe um elo tão forte entre os indivíduos que se torna, realmente, difícil pensar-se a si mesmo sem os referentes identitários; logo, *desconstruir* dentro dos sujeitos tudo aquilo que ele aprendeu, cuja repetição viabilizou a sua interiorização, formando um *ethos* que liga, une, e se “faz acreditar” que se integra (um grupo, país, cultura...), ainda sabendo que a identidade é abstrata, sem existência real, esta, muitas vezes, serve como ponto de partida para os seres humanos, segundo Levi-Strauss⁴⁰¹.

Logo, desde uma perspectiva política (proposta por Max Weber), instituições, como o Estado, tiveram o intuito de homogeneizar a sociedade, tentando universalizá-la, totalizou-a construindo uma ideia de identidade (acentuando a força simbólica de “origem comum”) que aglutina “eu” e “nós”, e, então, forma-se e entende-se uma ideia de “nação”; assim mesmo desde uma perspectiva sociológica, onde as individualidades possuem uma relação com o coletivo, o pertencer a um determinado grupo e não a outro, a uma nação, ou seja, ser brasileiro, italiano, uruguaio... Adquire forma e “sentido” uma noção de identidade que já não corresponde⁴⁰². A identidade ocupará um espaço entre o interior e o exterior, ligando-os a uma estrutura social e a um modo de pensar segundo o qual se interpreta, e se é interpretado, “tanto os sujeitos como os mundos culturais que eles habitam⁴⁰³”.

O pesquisador Stuart Hall⁴⁰⁴ propõe um conceito de identidade sumamente complexo, ainda pouco debatido pelas ciências sociais, onde o autor observa:

[...] um tipo diferente de mudança estrutural [que] está transformando as sociedades modernas no fim do século XX. Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnias, raça, nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Estas transformações estão

⁴⁰⁰ GONZÁLEZ, Ana María Sosa. **Identidad/es en diáspora, identidad/es en construcción**: inmigración uruguaya en Porto Alegre. 2006. 457 f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2006. p. 158.

⁴⁰¹ *Ibidem*, p. 158.

⁴⁰² *Ibidem*, p. 159.

⁴⁰³ GAUER, Ruth M. Chittó. Interrogando o limite entre historicidade e identidade. In: _____ (Org.). **A qualidade do tempo**: para além das aparências históricas. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2004. p. 256.

⁴⁰⁴ HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1992. p. 9.

também mudando nossas identidades pessoais, abalando a ideia que “sentido de si” estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentração do sujeito.

Assim, no contexto da modernidade tardia, alguns teóricos sustentam que está ocorrendo um processo de enfraquecimento da identidade cultural. Percebe-se o desenvolvimento de dois processos de tendências opostas. A saber: as identificações com o global iniciam a deslocar e, em algumas situações, a extinguir as identidades nacionais; enquanto que a segunda tendência coloca-se em oposição ao primeiro processo, singularizando o fortalecimento de identidades locais, regionais comunitárias⁴⁰⁵.

As diásporas, no período da globalização, segundo Hall, demonstram que “os confortos da tradição⁴⁰⁶ são fundamentalmente desafiados pelo imperativo de se forjar uma nova auto-interpretação, baseada nas responsabilidades de tradução cultural”. A tradução⁴⁰⁷ é um processo cultural pelo qual vários imigrantes estão apresentando no período contemporâneo⁴⁰⁸. No caso dos italianos residentes em Porto Alegre, que ingressaram nos anos do pós-guerra, percebe-se uma construção identitária na perspectiva da tradução.

Além da identidade, a etnicidade encontra-se entre os principais temas das Ciências Sociais. Os estudos de Frederik Barth, a partir dos anos 70 do século passado, inseriram novas possibilidades sobre os estudos a respeito dos grupos étnicos. Barth, partindo de pressupostos de Max Weber⁴⁰⁹, expõe a perspectiva de fronteiras étnicas, isto é, a existência de diferenças culturais⁴¹⁰ entre indivíduos e grupos sociais inseridos no mesmo espaço.⁴¹¹

Barth assinalava em suas pesquisas que a cultura precisa ser entendida como um processo de produção de significados e sentidos entre um conjunto de indivíduos frente a outros. Então, os grupos étnicos caracterizam-se por configurarem uma entidade social que

⁴⁰⁵ HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1992. p. 73.

⁴⁰⁶ Segundo Robins, a “tradição” seria o processo identitário que busca reconstituir a pureza do passado e preencher as unidades e certezas que são percebidas como perdidas. *Ibidem*, p. 87.

⁴⁰⁷ O conceito de tradução (formulado por Homi Bhabha) “descreve aquelas formações de identidade que atravessam e intersectam as fronteiras naturais, compostas por pessoas que foram *dispersadas* para sempre de sua terra natal. Essas pessoas retêm fortes vínculos com seus lugares de origem e suas tradições, mas sem a ilusão de retorno ao passado. Elas são obrigadas a negociar com as culturas em que vivem, sem simplesmente serem assimiladas por elas e sem perder completamente suas identidades”. *Ibidem*, p. 88.

⁴⁰⁸ *Ibidem*, p. 84.

⁴⁰⁹ Segundo Weber, é inviável “definir a identidade étnica com base em traços objetivos, pois uma comunidade étnica só existe quando é sentida subjetivamente como característica comum pelos seus membros”. PETERS, Roberta. **Imigrantes palestinos e árabes: um estudo antropológico sobre a recriação de tradições através das festas e rituais de casamento**. 2006. 136 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006. p. 24.

⁴¹⁰ Segundo Barth, cultura “é apenas um meio de descrever o comportamento humano, seguir-se-ia que há grupos que correspondem a cada cultura”. BARTH, Fredrik. Grupos étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da etnicidade: seguido de grupos étnicos e suas fronteiras**, de Fredrik Barth. São Paulo: UNESP, 1997. p. 187.

⁴¹¹ PETERS, 2006, *op. cit.*, p. 25.

surge através da diferenciação estrutural de um grupo em interação.⁴¹² Portanto, os grupos étnicos constituem um tipo de organização social. Segundo Barth⁴¹³, um traço fundamental assumido por estes grupos é

[...] a característica da auto-atribuição ou da atribuição por outros a uma categoria étnica. Uma atribuição categórica é uma atribuição étnica quando classifica uma pessoa em termos de sua identidade básica mais geral, presumivelmente determinada por sua origem e seu meio ambiente. Na medida em que os autores usam identidades étnicas para categorizar a si mesmos e outros, com objetivos de interação, eles formam grupos étnicos neste sentido organizacional.

Roberta Peters⁴¹⁴ ainda destaca que para Barth, a identidade fundamentada em uma “mesma origem” é relacional; na proporção em que acontece a interação e é processual, e é constituída em contextos peculiares.

Na perspectiva de Kathleen Conzen⁴¹⁵, alinhada com as propostas de Glazer e Moyhnihan⁴¹⁶:

A etnicidade é melhor considerada como construção cultural que se realiza em um período de tempo histórico. Os grupos étnicos em situações reais se recriam constantemente e a etnicidade é continuamente reinventada para fazer frente a realidades que mudam.

Tendo em vista que o Brasil é um país de imigração. Os grupos de imigrantes inseridos na nova sociedade realizam sua reconstrução histórica passando por um processo de trocas, que delinea a fisionomia destes mesmos grupos.

Manoela Carneiro da Cunha⁴¹⁷, expondo o seu estudo sobre a comunidade de Lagos, frisa ainda que fazer parte de um grupo étnico em diáspora implica exhibir, permanentemente, sinais diacríticos que comprovem o pertencimento do indivíduo ao seu grupo.

⁴¹² PETERS, Roberta. **Imigrantes palestinos e árabes**: um estudo antropológico sobre a recriação de tradições através das festas e rituais de casamento. 2006. 136 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006. p. 25. .

⁴¹³ BARTH, Fredrik. Grupos étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da etnicidade**: seguido de grupos étnicos e suas fronteiras, de Fredrik Barth. São Paulo: UNESP, 1997. p. 193-194.

⁴¹⁴ PETERS, 2006, *op. cit.*, p. 25.

⁴¹⁵ CONZEN, Kathleen Neils et al. The invention of ethnicity: una lettura americana. **Altreitalie**, Torino, v. 3, n. 2, p. 27-42, apr. 1990. Disponível em: <http://www.altreitalie.it/Pubblicazioni/Rivista/Numeri_Arretrati/N_3/Altreitalie_2_Aprile_1990.kl>. Acesso em: 19 ago. 2010. p. 31-32.

⁴¹⁶ Os autores Glazer e Moyhnihan partem de uma perspectiva instrumentalista da etnicidade, isto é, os grupos étnicos seriam organizações que “se tornam focos efetivos de mobilização de um grupo para a realização de objetivos”, sejam estes políticos, econômicos, entre outros. POUTIGNAT; STREIFF-FENART, 1997, *op. cit.*, p. 95.

⁴¹⁷ CUNHA, Manoela Carneiro da. **Antropologia do Brasil**: mito, história, etnicidade. São Paulo: Brasiliense/EDUSP, 1986. p. 93.

Cunha⁴¹⁸ também lembra que a cultura dos grupos em processos de imigração não se acaba ou se funde simplesmente, porém esta apreende uma nova função essencial. Isto é, a cultura tradicional adquire contrastes, acabando por se acentuar, ficando mais visível, “a se simplificar e enrijecer reduzindo-se a um número menor de traços que se tornam diacríticos”. Por exemplo, a questão do idioma, pois a língua de um conjunto de indivíduos é um sistema simbólico, que constitui a sua perspectiva de mundo, como também sinaliza um aspecto de diferença.

Cabe destacar que existem distinções entre imigrantes e grupos étnicos, mesmo sendo termos que, normalmente, sobrepõem-se, pois os grupos étnicos sempre se encontrarão dependentes de uma comunidade previamente estabelecida, com uma identidade específica coligada à mesma origem, comumente diferenciada pela cultura e/ou pelo código linguístico.⁴¹⁹

Para se verificar, e analisar, os aspectos identitários entre os calabreses e sicilianos cuja manifestação cultural acontece, inúmeras vezes, através de elementos subjetivos, como sustentam Barth e Cunha, buscou-se subsídio em Angelo e Serena Di Carlo⁴²⁰, cujo argumento é de que “a identidade de um sujeito pode ser lida através de um conjunto de signos. Signos que se constituem em como o significante ou os indicadores dos limites da mesma identidade, do seu perímetro e da sua espessura”.

Os autores⁴²¹ ainda afirmam que os elementos que moldam a identidade do indivíduo, aspectos relacionados com suas vivências, acabam externados para o ambiente exterior. Os mesmos pesquisadores observam ainda que a etnicidade caracteriza-se como um movimento em direção ao prosseguimento do eu. Assim, os sujeitos refletem “a sua experiência de vida em representações simbólicas, em linguagens, em signos perceptíveis”.

No caso porto-alegrense, o que proporcionou a vinda dos imigrantes inseridos em um contexto imigratório do pós-guerra foram as suas redes de contato. Ou seja, os vínculos de parentes e amigos já estabelecidos na capital gaúcha. Os imigrantes analisados neste trabalho, isto é, aqueles provenientes da Sicília, demonstram diferenças quanto aos vínculos identitários expressos pelos emigrados calabreses oriundos de Morano Calabro na sociedade de acolhimento.

⁴¹⁸ *Ibidem*, p. 99-100.

⁴¹⁹ SEYFERTH, Giralda. **Imigração e cultura no Brasil**. Brasília: Universidade de Brasília, 1990. p. 35.

⁴²⁰ DI CARLO, Angelo; DI CARLO, Serena (Orgs.). **I luoghi dell'identità**. Milano: Agnelli, 1986. p. 183-184.

⁴²¹ *Ibidem*, p. 184.

4.3.1 MORANESITÀ

Calabresella

*I chijisji i murenu su tanti beddri
 Chiu assei ri lu sulu e ri stiddri
 quissu vuricu jeju ma senza fini
 e 'ncuminciemu ri li capuccini⁴²²*

A partir dos anos do pós-guerra, o grupo moranês procurou elementos característicos na tradição de seu *paese* para constituir uma identidade étnica na segunda pátria.⁴²³

Através de signos é possível verificar aspectos que expõem a identidade étnica entre os imigrantes de Morano Calabro. O indício mais relevante e evidente é o uso do dialeto entre os membros do grupo. O dialeto não possui uma estrutura gramatical rígida, assim caracteriza-se pela sua dinamicidade, ou seja, este código linguístico se modifica frente às necessidades que se alteram com a passar do tempo. Todavia, entre os emigrados residentes em Porto Alegre o dialeto permaneceu quase inalterado em relação ao período pós-guerra, quando grande número de moraneses transferiu-se para a capital.⁴²⁴

Outro símbolo importante identificado é o culto à cidade de Morano Calabro. Na parede da casa do moranês ou no seu estabelecimento comercial, observa-se um quadro ou mesmo outros utensílios (souvenir, objetos decorativos) mostrando a imagem do *paese*.⁴²⁵ A Sra. Dalva Di Martino⁴²⁶, em meio a sua entrevista, refere-se ao retrato de uma casa pintada (onde a depoente residiu em Morano Calabro), presente em sua sala de visita, e diz:

A minha amiga, Maria Gesù, pintou para mim! [...] O papai, depois que todo mundo já estava aqui, [...] a vendeu, mas ficou a lembrança. [...] A primeira vez que eu fui [a Morano Calabro], eu pedi para subir na casa, e me encontrar onde tem aquela sacada, lá onde tem aquela janela, era lá que eu estudava, quer dizer, eu olhava o pessoal passando, e ao mesmo tempo estudava.

⁴²² “As igrejas de Morano são tão belas / muito mais bela que o sol ou as estrelas / isto eu digo sempre / e conhecemos bem a igreja dos Capuchinhos”. CONSTANTINO, Núncia Santoro de. **O italiano da esquina: meridionais na sociedade porto-alegrense e permanência da identidade entre moraneses**. Porto Alegre: EST, 2007b.

⁴²³ *Idem*. Italianidade(s): imigrantes no Brasil Meridional. In: CARBONE, Florence & MAESTRI, Mario (Orgs.). **Raízes italianas do RS 1875-1997**. Passo Fundo: Universidade de Passo Fundo, 2000a. p. 77.

⁴²⁴ *Idem*. **O italiano da esquina: meridionais na sociedade porto-alegrense e permanência da identidade entre moraneses**. Porto Alegre: EST, 2007b. p. 144.

⁴²⁵ *Ibidem*, p. 144-145.

⁴²⁶ DI MARTINO, Dalva Cassarà. **Projeto mulheres imigrantes do Mercosul** [jun. 2010]. Entrevistadores: Leonardo de Oliveira Conedera e a Egiselda Charão. Porto Alegre.

Quando os imigrantes retornam para a pátria de origem, várias vezes Morano Calabro é a única localidade a ser visitada. Os moraneses informam “que em Morano está toda a sua Itália”.⁴²⁷ A Sra. Concetta Morelli⁴²⁸ – que emigrou para Porto Alegre em 1951 – narra:

Depois de 50 anos eu voltei para a Itália, porque a minha filha estava lá! Fui visitar a minha terra, onde eu nasci, a minha casa! [...] Mas é isso! A gente sente saudade, nunca se esquece, fiquei lá 23 anos, a gente nunca se esquece disso! Mas aqui me encontrei bem! Eu gosto daqui. [...] Me dei muito bem com as minhas amigadas que fiz aqui! A gente calabresa.

A Sra. Morelli demonstra em sua fala a nostalgia que sente da sua cidade natal. A depoente, dialogando a respeito de sua migração para a capital gaúcha, frisa que, apesar das dificuldades enfrentadas nos primeiros anos na sociedade de adoção, adaptou-se muito bem. A família de seu cônjuge e outros conterrâneos de Morano colaboraram para a sua adaptação, e também para a permanência de laços com seu *paese*.

A viagem de retorno à cidade de origem torna-se uma peregrinação de renovação e até de expiação. A volta para os filhos dos emigrados transforma-se em um rito de passagem, de mudança cultural.⁴²⁹ Oriana Bruno⁴³⁰ frisa que:

Para os emigrados, seguidamente, a viagem de retorno é uma obrigação moral, além de ser um evento propício para o contato: o retorno representa assim uma experiência integrante na vida do emigrado e dos seus filhos depois que se confrontam com conflitos inesperados e sentimentos complexos relativos ao sentido pertencimento aos territórios.

Assim, a imigração entre dois países transforma o lugar geográfico em um espaço do imaginário, fazendo da cidade de origem um centro móvel que se localiza distante de onde o emigrado se encontra. Os deslocamentos migratórios, como as visitas de retorno, assumem então um movimento de auxílio para a criação do senso de identidade.⁴³¹

⁴²⁷ CONSTANTINO, Núncia Santoro de. **O italiano da esquina**: meridionais na sociedade porto-alegrense e permanência da identidade entre moraneses. Porto Alegre: EST, 2007b. p. 145.

⁴²⁸ MORELLI, Concetta Immacolata Mainieri. **Projeto mulheres imigrantes do Mercosul** [jun. 2003]. Entrevistador: André Cardoso Lopes. Porto Alegre.

⁴²⁹ BALDASSAR, Loretta. Tornare al paese: territorio e identità nel processo migratório. **Altreitalie**, Torino, v. 23, n. 2, p. 27, gen./dic. 2001. Disponível em: <http://www.altreitalie.it/Pubblicazioni/Rivista/Numeri_Arretrati/N_23/Altreitalie_23_LuglioDicembre_2001.kl>. Acesso em: 15 set. 2010.

⁴³⁰ BRUNO, Oriana. Le navi delle mogli: donne Calabrese in Argentina. **Altreitalie**, Torino, v. 38-39, n. 1, p. 68, gen./dic. 2009. Disponível em: <http://www.altreitalie.it/Pubblicazioni/Rivista/Numeri_Arretrati/N_1/Altreitalie_38-39_GennaioDicembre_2009.kl>. Acesso em: 20 set. 2010.

⁴³¹ *Ibidem*, p. 68.

Cabe lembrar que, nas ocasiões festivas, a *calabresella* (canção dialetal) é cantada pelos imigrantes moraneses. A música abrange uma expressão de pertencimento, como também representa um indício de identificação dos calabreses com a sua cidade natal.

A devoção religiosa também demonstra outro ponto de diferenciação dos moraneses. Os imigrantes expressam significativa homenagem à Nossa Senhora do Carmo (*Madonna Del Carmine*), padroeira maior de Morano Calabro. Na metade do mês de julho, os membros do grupo residentes em Porto Alegre prestigiam a santa, realizando novena na Igreja do Carmo. Além disso, a “colônia” moranesa organiza a *serata calabrese*, uma grande confraternização noturna, com muita comida, canto e dança. O evento reúne amplo número de pessoas (cerca de mil participantes), entre imigrantes, descendentes e amigos destes.⁴³²

As crenças religiosas e os vínculos familiares favorecem a manutenção de prenomes como Maddalena, Rosaria, Carmela, Salvatore, Rocco, Nicola, Giuseppe e Francesco. Algumas imagens sacras encontram-se sempre nas moradias dos moraneses. Além da Nossa Senhora do Carmo, São Roque (*San Rocco*) é uma imagem comum de ser visualizada, e de simples identificação, já que o santo é representado na companhia de um cachorro.⁴³³

A culinária assume também um aspecto de distinção cultural. Os moraneses e seus descendentes permanecem cozinhando pratos típicos como *Rascatelli*, *Carpetto* e a *Braciola*. O preparo de comidas também é realizado à moda antiga, com a utilização do *ferruzzo* e *tavulino* (utensílios usados no preparo do *Rascatelli*).⁴³⁴

O casamento endogâmico é outro ponto peculiar do grupo moranês. Além disso, essa prática auxiliou na existência de diferenças culturais, porque ajudou na manutenção de valores e tradições particulares entre os membros do grupo.⁴³⁵ As certidões de matrimônios analisadas entre os anos de 1955 e 1975 atestam grande incidência de casamentos dos emigrados de Morano Calabro com conterrâneos ou descendentes provenientes de seu *paese* residentes em Porto Alegre. O alto índice de nupcialidade endogâmica entre os indivíduos moraneses foi uma prática frequente desde o fim do século XIX na capital gaúcha.

As autoras Ivy Daure e Odile Reveyrand-Coulon⁴³⁶ mencionam que:

Pessoas que não viveram um deslocamento migratório experimentam a família, a escola e as diversas instituições socioculturais de seu próprio país como lugares de

⁴³² CONSTANTINO, Núncia Santoro de. **O italiano da esquina**: meridionais na sociedade porto-alegrense e permanência da identidade entre moraneses. Porto Alegre: EST, 2007b. p. 143.

⁴³³ *Ibidem*, p. 143-144.

⁴³⁴ *Ibidem*, p. 144.

⁴³⁵ *Ibidem*, p. 143.

⁴³⁶ DAURE, Ivy & REVEYRAND-COULON, Odile. Transmissão cultural, entre pais e filhos: uma das chaves do processo de imigração. **Revista Psicologia Clínica**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 2, p. 416, 2009.

transmissão e preservação das tradições. Contudo, para os imigrantes e seus descendentes, a família passa a ser, no melhor dos casos, a unidade representativa das particularidades sociais e das tradições do país de origem, além de único espaço de transmissão cultural.

As duas pesquisadoras citadas destacam a família como a unidade principal que viabiliza a manutenção da identidade entre os emigrados. A Sra. Dalva Di Martino⁴³⁷ – que chegou à capital, em 1950, com a sua mãe e irmã – conta:

Chegamos em setembro, no porto aqui de Porto Alegre. Um dia lindíssimo, e ensolarado. E todos aqueles... Ah! Parentes do meu pai, e parte da minha mãe, que tinha irmãs, irmãos aqui. [...] O meu tio, Rocco Gallo, nos recebeu. A esposa dele fez um almoço muito bonito e quase a toda a parentela da parte da minha mãe foram na casa dela. Aí começou a minha vida porto-alegrense e brasileira.

A lembrança da chegada narrada pela Sra. Dalva em Porto Alegre permite inferir a preocupação e o zelo de sua família (pai, tios e primos) ao recepcioná-la bem com sua mãe e irmã. Através do comentário da entrevistada é possível observar o acolhimento que os parentes e conterrâneos tinham para com aqueles recém-chegados. Além disso, a participação dos familiares demonstra que existe uma parte de Morano Calabro no país de destino.

Assim, a estrutura familiar, juntamente com os matrimônios entre indivíduos da mesma cidade, com tradições e dialeto iguais, possibilitaram a preservação cultural dos moraneses na sociedade de acolhimento. Além disso, Rosemary Fritsch Brum⁴³⁸ destaca que:

Pode-se falar em narrativa de moraneses porque há um pertencimento ou *appartenenza sociale*. Dizer-se incluir-se na história dos demais, como porta-voz de uma experiência vivida em comum, partilhada, é fruto de um sentimento e da consciência subjetiva de fazer parte de um grupo e ser reconhecido por ele (assim como o seu inverso, a exclusão social).

Contudo, a *moranesità* não era manifestada e preservada apenas no ambiente familiar. Ela se revelava e ainda continua existindo através das sociedades entre outros locais de encontro e convívio dos membros da “colônia” moranesa. Por exemplo, a Sociedade Italiana do Rio Grande do Sul, desde sua fundação, constitui-se em um espaço frequentado pelos italianos de Morano Calabro; várias famílias foram e prosseguem até hoje sócias da entidade. Além disso, precisa-se frisar a existência do Centro Calabrês – que, atualmente, possui sua sede no bairro Farroupilha –, o qual organiza atividades regulares de confraternização entre os membros da coletividade, realizando almoços, jantares, entre outras festividades.

⁴³⁷ DI MARTINO, Dalva Cassarà. **Projeto mulheres imigrantes do Mercosul** [jun. 2010]. Entrevistadores: Leonardo de Oliveira Conedera e a Egiselda Charão. Porto Alegre.

⁴³⁸ BRUM, Rosemary Fritsch. **Uma cidade que se conta: imigrantes italianos e narrativas no espaço social da cidade de Porto Alegre (1920 - 1937)**. 2003. 408 f. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003. p. 69.

Desde o último quartel do oitocentos, os imigrantes meridionais (maioria oriunda da Região da Calábria) destacam-se nas atividades comerciais, como pequenos burgueses. As relações de trabalho entre os emigrados do *mezzogiorno* caracterizam-se por um sistema informal de base familiar. Portanto, os elos de parentesco proporcionavam ocupações nos espaços econômicos, como a entrada e participação no comércio de carnes (preferencialmente nos açougues) e nas agências lotéricas, nichos comuns dos comerciantes moraneses.⁴³⁹ Constantino⁴⁴⁰ destaca que:

Pertencer ao grupo, além de garantir a inserção do imigrante no mercado de trabalho, garante sua instalação na cidade e sua sobrevivência nos primeiros tempos de imigração. Ademais, é instrumento para confirmar lideranças e posicionar indivíduos num esquema de classificação social mais satisfatório do que aquela classificação baseada em critérios de distribuição de renda.

Além disso, os imigrantes moraneses costumam se anunciar como portadores de uma italianidade ítalo-brasileira. Porém, os seus referenciais identitários encontram-se tripartidos (moranês – italiano – ítalo-brasileiro). Esses estrangeiros, muitas vezes se reconhecem como pertencentes ao grupo moranês; no entanto, isso não invalida a existência de maneiras próprias de viverem e, logo, de narrarem sua visão de mundo.⁴⁴¹

Assim, a “colônia moranesa” e seus descendentes em Porto Alegre adotaram uma íntima identidade com o *paese* de origem. A preservação de elos com a tradição de origem pelos emigrados foi decorrente das necessidades psicológicas, bem como pela questão de uma etnicidade instrumental.⁴⁴²

Entre os moraneses, o uso da identidade permanece nas tensões do campo simbólico que levam hoje ao reforço do discurso da etnia (europeia) para sinalizar a promoção social e a posição de sucesso numa sociedade de classe. O discurso da homogeneidade e da heterogeneidade é utilizado objetivamente.⁴⁴³

Portanto, os imigrantes oriundos de Morano Calabro fixados na capital gaúcha demonstram inúmeras semelhanças comportamentais em relação aos seus compatriotas

⁴³⁹ CONSTANTINO, Núncia Santoro de. Italianidade(s): imigrantes no Brasil Meridional. In: CARBONE, Florence & MAESTRI, Mario (Orgs.). **Raízes italianas do RS 1875-1997**. Passo Fundo: Universidade de Passo Fundo, 2000a. p. 79.

⁴⁴⁰ *Ibidem*, p. 79-80.

⁴⁴¹ BRUM, Rosemary Fritsch. **Uma cidade que se conta: imigrantes italianos e narrativas no espaço social da cidade de Porto Alegre (1920 - 1937)**. 2003. 408 f. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003. p. 55.

⁴⁴² CONSTANTINO, Núncia Santoro de. Italianidade(s): imigrantes no Brasil Meridional. In: CARBONE, Florence & MAESTRI, Mario (Orgs.). **Raízes italianas do RS 1875-1997**. Passo Fundo: Universidade de Passo Fundo, 2000a. p. 80.

⁴⁴³ BRUM, Rosemary Fritsch. *Op.cit.*, p. 76-77.

radicados em outros países do continente americano. Oriana Bruno⁴⁴⁴, que investigou o grupo calabrês fixado em Buenos Aires, aponta elementos como o uso do dialeto, culinária, devoção religiosa, associações, entre outros artifícios na manutenção da identidade.

4.3.2 SICILIANITÀ

*Brucia la terra
Brucia la luna n'cielu
E ju bruciu d'amuri
Focu ca si consuma
Comu lu me cori
L'anima chianci
Addulurata
Non si da paci
Ma cchi mala nuttata
Lu tempu passa
Ma non agghiorna
Non c'e mai sulì
S'idda non torna.⁴⁴⁵*

Os sicilianos demonstraram comportamento distinto dos calabreses frente à sociedade porto-alegrense.

Os insulares, como outros conacionais provenientes do *mezzogiorno*, já possuíam famílias fixadas na cidade no último quartel do século XIX. No período que vai de 1872 a 1920 pode-se citar os seguintes sobrenomes que evidenciam origem siciliana: Provenzano, Mancuso, Ciulla, Arisio, Miceli, Lo Pumo, La Delfa, Isaia, Reina, Grasso, Viccare, Difini, Lapis, Camaratta, La Porta, Fortes, Castrogiovani, Cangeri, entre outros.⁴⁴⁶

Nos anos do pós-guerra, com o ingresso de novos insulares em Porto Alegre não se manifestou entre os indivíduos uma preocupação de se organizarem como um grupo étnico, como aconteceu com os calabreses de Morano Calabro.

No entanto, observou-se que os imigrantes entrevistados demonstram uma identidade vinculada com a Itália, mais especialmente, com o seu *paese* de origem. Como os emigrados

⁴⁴⁴ BRUNO, Oriana. Le navi delle mogli: donne Calabrese in Argentina. *Altreitalie*, Torino, v. 38-39, n. 1, p. 61-84, gen./dic. 2009. Disponível em: <http://www.altreitalie.it/Pubblicazioni/Rivista/Numeri_Arretrati/N_1/Altreitalie_38-39_GennaioDicembre_2009.kl>. Acesso em: 20 set. 2010. p. 78.

⁴⁴⁵ A lua está se queimando no céu / E eu estou me queimando com amor / O fogo é consumido / Como o meu coração / Minha alma dolorida chora / Eu não tenho paz / Que noite terrível / O tempo passa / Mas não há nenhum alvorecer / Não há nenhuma luz do sol / Se ela não retorna. Música “Brucia la terra” de Nino Rota [tradução desconhecido]. TERRA MÚSICAS. MUSICAS DE NINO ROTA. Disponível em: <<http://letras.terra.com.br/nino-rota/253662/traducao.html>> Acesso em: 10 nov. 2011.

⁴⁴⁶ CONEDERA, Leonardo de Oliveira. **Da ilha do sul para a capital do sul: imigrantes sicilianos na sociedade porto-alegrense (1875-1920)**. 2009. 86 f. Monografia (Graduação em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009. p. 65.

da província de Cosenza, os sicilianos possuem signos que possibilitam verificar elementos indicativos de sua *sicilianità*.

O ambiente familiar é o espaço onde persistem os vínculos dos sicilianos com aspectos relacionados com a cultura da região de origem. Daure e Reveyrand-Coulon⁴⁴⁷ apontam que:

A imigração é um evento no ciclo de vida das famílias que redefine os projetos e reorienta as energias do imigrante no sentido da descoberta e da construção. Ter filhos no país de adoção questiona o sujeito sobre suas origens e sua família. A transmissão se torna uma ferramenta para continuar a construção, sem esquecer a história, as raízes e o pertencimento a uma família.

A partir das entrevistas, bem como através do contato e dos diálogos informais, pode-se perceber elementos que assinalam as identificações dos imigrantes com a cultura siciliana e italiana.

O sinal mais visível entre os entrevistados é o uso do dialeto entre os componentes da família. Como os moraneses, o dialeto entre os insulares permaneceu quase inalterado em relação ao período do pós-guerra. Por exemplo, a família Vinciprova até hoje fala o dialeto de Leonforte entre os seus membros emigrados para Porto Alegre. Os imigrantes, no convívio diário e no ambiente de trabalho, aprenderam o português; contudo, no recinto familiar, entre irmãos, filhos, sobrinhos e netos, ainda perdura o hábito de se comunicar em dialeto. A Sra. Antonina Vinciprova⁴⁴⁸ comenta que as suas sobrinhas falavam em dialeto com os avós. Como os pais da entrevistada não aprenderam o português, suas sobrinhas (nascidas no Brasil) precisavam usar o dialeto para dialogar com os avós.

Entre os filhos dos expatriados, como menciona a entrevistada, era comum aprender o dialeto, especialmente para se comunicar com os familiares idosos, que não se expressavam em língua portuguesa. A Sra. Maria Mancuso⁴⁴⁹ (sobrinha da Sra. Antonina) complementa que:

Em casa nós falávamos o dialeto. E ainda continuamos falando, porque os meus pais ainda não falam muito bem o português. Eles falam um português atrapalhado, então ainda falamos o dialeto siciliano. Tanto que quando eu fui para a Itália uns 5 anos atrás, e fui para visitar os meus parentes e primos. Eu falava o sicilianu, e ele é muito diferente do italiano gramatical.

⁴⁴⁷ DAURE, Ivy & REVEYRAND-COULON, Odile. Transmissão cultural, entre pais e filhos: uma das chaves do processo de imigração. **Revista Psicologia Clínica**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 2, p. 415-429, 2009. p. 427.

⁴⁴⁸ VINCIPROVA, Antonina. **Imigração para Porto Alegre** [nov. 2010]. Entrevistadores: Leonardo de Oliveira Conedera e a Egiselda Charão. Porto Alegre.

⁴⁴⁹ SCAVUZZO, Maria. **Projeto mulheres imigrantes do Mercosul** [abr. 2004]. Entrevistadores: André Andregueti, Luciana de Oliveira e Núncia Santoro de Constantino. Porto Alegre.

A Sra. Epifania Di Fazio⁴⁵⁰ ainda menciona:

Olha! O meu pai e a minha mãe falavam dialeto... a gente não falava o italiano gramatical, só o dialeto e a minha mãe e o meu pai só falavam o dialeto. Meu pai passava o maior trabalho no serviço dele, porque custou mais para aprender alguma coisa em português.

As três entrevistadas informam a existência e a manutenção do dialeto no cotidiano familiar desde a chegada até os dias atuais. Cabe lembrar que o *sicilianu*⁴⁵¹ também é falado entre os depoentes com os seus amigos vindos de Leonforte.

O culto à cidade de origem é outro signo. Entre os sicilianos, os laços com a cidade natal acontecem através de retratos, imagens que decoram os cômodos de suas casas, bem como de seus locais de trabalho. Observam-se nas fotos e objetos elementos suscitando o *paese*, como também outros locais específicos da ilha. Por exemplo, a Sra. Mancuso possui em seu escritório de advocacia um quadro com a foto da *Fontana dei Ventiquattro Cannoli*, fonte localizada no Centro de Leonforte. Além disso, a narradora fala: “o que mais eu me lembro é da casa que eu morava, [...] e o local onde a minha mãe buscava água que era *la Fontana Dei Ventiquattro Cannoli*, ou seja, era uma fonte de 24 canos onde a minha mãe ia buscar a água e isso eu gravei muito bem”.⁴⁵²

A depoente preserva o retrato da fonte que lhe permite recordar da cidade onde nasceu. Entre os objetos observados nas casas dos insulares destacam-se as *carrozze* (carroças) sicilianas⁴⁵³, fotos e quadros fazendo alusão ao *paese*.

A viagem de retorno à cidade de origem foi uma experiência realizada pela maioria dos imigrantes. A viagem permitiu a reaproximação com a cultura de origem, mas também entrar, novamente, em contato com pessoas, objetos, lembranças ligadas à cidade. A Sra. Epifania⁴⁵⁴ narra que:

Foi uma emoção muito grande, muito emocionante. No aeroporto, acho que tinha uns dez carros esperando por nós. Um irmão da minha mãe foi nos buscar em Roma acompanhado de um primo nosso. O irmão do meu pai veio nos buscar em Roma também. Eu mostrei para os meus filhos, quando fomos à Itália, tudo.

⁴⁵⁰ DI FAZIO, Epifania. **Imigração para Porto Alegre** [dez. 2010]. Entrevistadores: Leonardo de Oliveira Conedera e a Egiselda Charão. Canoas.

⁴⁵¹ *Sicilianu* – refere-se ao dialeto siciliano.

⁴⁵² SCAVUZZO, 2004, *op. cit.*

⁴⁵³ A *carrozza* siciliana faz parte dos símbolos da cultura siciliana. BENEDETTI, Ivone C. (Coord.). **Dicionário Martins Fontes Italiano-Português**. São Paulo: Martins Fontes, 2004. p. 172.

⁴⁵⁴ DI FAZIO, Epifania. **Imigração para Porto Alegre** [dez. 2010]. Entrevistadores: Leonardo de Oliveira Conedera e a Egiselda Charão. Canoas.

O retorno ao *paese* também servia para os imigrantes apresentarem locais e aspectos da sua cultura de origem dos emigrados para seus filhos, que podiam, através da viagem, conhecer os parentes, histórias e lugares descritos pelos seus progenitores.

Além disso, os narradores enfatizam, diversas vezes, uma ligação intensa com o local de origem. A Sra. Maria Scavuzzo⁴⁵⁵ comenta:

Eu nunca me naturalizei. Sou italiana, porque minha ideia sempre foi voltar para a Itália. Não que eu não queira bem o Brasil. Meu Deus do céu! Para mim, o Brasil me deu tudo, tudo, tudo! Mas eu tenho uma raiz fortíssima com a minha cidade. Eu fui a Roma; fui a Veneza; eu conheço a Itália, conheço outros países, tenho viajado para muitos lugares; mas o meu prazer mesmo está na cidade em que nasci [Adrano]!

A Sra. Scavuzzo menciona sobre o seu carinho pelo Brasil, onde encontrou meios para desenvolver os seus negócios, bem como conheceu novos amigos, conviveu bons momentos com seus familiares. Entretanto, a entrevistada sublinha sua íntima ligação com sua cidade natal. A distância não causou o enfraquecimento de seus laços com a sua sicilianidade. A narrativa da depoente aponta o sentimento de quem não esqueceu as lembranças e os aspectos interligados à ilha. Enfim, a maioria dos insulares salienta a sua nostalgia e conexão com o *paese* e a cultura siciliana.

A devoção religiosa também se manifesta como ponto de diferenciação entre os sicilianos. Os imigrantes mantiveram o hábito de frequentar as igrejas. Em alguns casos, revelam sua religiosidade vinculada ao santo de sua cidade. A Sra. Maria Scavuzzo, junto com seu irmão, abriram um estabelecimento próprio, comercializando artigos de vestuário, cujo nome era Nicoletta. A entrevistada conta:

Eu te explico porque eu coloquei Nicoletta. Na nossa cidade onde eu nasci, o padroeiro da nossa cidade se chama Nicola. E se faz uma festa (para São Nicola) que dura uma semana, porque ele nasceu naquela cidade. [...] Aí como se diz que nós somos muito religiosos, a gente acredita em muita coisa, pensei: que nome vou colocar na loja, Nicola, mas aí ficava meio homem, então decidimos vamos botar Nicoletta. E deu certo São Nicola.⁴⁵⁶

O nome da loja revela o elo com a devoção religiosa da depoente e de seu irmão com o padroeiro de seu *paese*, Adrano⁴⁵⁷. Além disso, a Sra. Scavuzzo também menciona a

⁴⁵⁵ SCAVUZZO, Maria. **Projeto mulheres imigrantes do Mercosul** [abr. 2004]. Entrevistadores: André Andreguetti, Luciana de Oliveira e Núncia Santoro de Constantino. Porto Alegre.

⁴⁵⁶ *Ibidem*.

⁴⁵⁷ Em Adrano realiza-se todos os anos, entre os dias 02 e 07 de agosto, uma festa em homenagem a *San Nicola*, reunindo todos os habitantes da cidade e até mesmo aqueles residentes em outras localidades. Os dias festivos privilegiam a oportunidade de familiares e amigos se reencontrarem. SCAVUZZO, Maria. **Projeto mulheres imigrantes do Mercosul** [abr. 2004]. Entrevistadores: André Andreguetti, Luciana de Oliveira e Núncia Santoro de Constantino. Porto Alegre; Comune di Adrano. Eventi e Manifestazione. Disponível em <<http://www.comune.adrano.ct-egov.it/>>. Acesso em: 15 ago. 2011.

religiosidade de sua mãe sobre Santa Rita, outra santa que a narradora adotou e que mantinha a estátua no seu negócio, e hoje a preserva em seu dormitório.

O culto religioso entre os entrevistados está presente, frequentemente relacionado à cultura familiar, ou mesmo pela formação. A Sra. Vincenza Nani⁴⁵⁸ diz: “como eu fui criada em um colégio de freiras, eu sempre fui religiosa, sempre fui católica”. A colaboradora estudou até o terceiro ano do ensino primário em colégio de freiras em Raddusa. A Sra. Nani nunca deixou de lado o culto religioso. As Senhoras Scavuzzo e Nani conservaram suas crenças religiosas, cuja devoção remete ao mesmo tempo à tradição de suas cidades de origem.

A culinária apresenta-se como outro traço de diferenciação. Entre os emigrados permaneceram receitas e o costume de fazer pratos típicos da cozinha insular. A Sra. Antonina Vinciprova, juntamente com a sua nora, a Sra. Nessì Vinciprova, cozinham comidas tradicionais da Sicília em casa, como também oferecem seus serviços para festas e jantares. Enquanto a Sra. Vincenza Nani lembra que sua mãe, Maria Grazia Interlicchia, prosseguiu, no Brasil, fazendo especialidades sicilianas. A Sra. Nani⁴⁵⁹ ainda diz:

Ela [mãe da depoente] fazia doces com figos maravilhosos, como também a *Cucciddàtu*, um doce feito com uma massa de biscoito recheado com figos. E tem também outra comida que a minha mãe fazia, que era a *Panata*, que é um pão recheado com acelga, e com tudo mais que você possa imaginar... Salame, queijo e mais uma série de temperos. Quando eu compro acelga ligo para todos os meus filhos dizendo que estou fazendo a *Panata* e todos me respondem: “estou indo aí para tomar um café contigo!”

A Sra. Vincenza continua cozinhando para seus filhos e netos as mesmas receitas aprendidas com sua mãe. Entretanto, na sociedade de adoção, para manterem os hábitos culinários, os imigrantes precisaram adaptar alguns ingredientes de suas receitas.

Através do dialeto, do culto ao *paese*, da religiosidade, da culinária os indivíduos naturais da Sicília expressam uma *sicilianità* manifestada, principalmente, no ambiente interno e mais restrito ao seu círculo de relações. Isto é, os insulares não procuraram exteriorizar os seus laços identitários a partir de uma sociedade ou mesmo por meio de outras formas para a sociedade porto-alegrense.

No entanto, precisa-se referir que alguns sicilianos pretenderam, no final da década de oitenta do século passado, organizar uma sociedade siciliana. A Sra. Nessì Vinciprova, junto

⁴⁵⁸ NANI, Vincenza. **Imigração para Porto Alegre** [jan. 2011]. Entrevistadores: Leonardo de Oliveira Conedera e a Egiselda Charão. Porto Alegre.

⁴⁵⁹ *Ibidem*.

com seu marido, o Sr. Antonino Vinciprova, e um grupo de amigos visaram criar uma associação. A Sra. Nessi⁴⁶⁰ frisa que:

A idéia [da associação] era a de fazer cultura também com a questão da língua entre outras coisas. Mas como tudo que envolve italiano e não envolve comida não funciona. Então, no momento em que eu parei de fazer as comidas e os doces, as questões com relação à associação estacionaram. Então, nós paramos de realizar os nossos encontros, mas sempre mantivemos contato com todo o nosso núcleo de amigos, sempre nos comunicamos.

A Sra. Vinciprova menciona que, sem a perspectiva da culinária, os encontros do grupo não tiveram continuidade. As reuniões de integração aconteciam sempre com a oferta de um almoço que tinha no cardápio pratos típicos italianos (especialmente aqueles concernentes à Sicília).

As confraternizações da sociedade siciliana aconteciam no salão da Igreja Pompéia, normalmente aos sábados, e reuniam um grande grupo de pessoas entre imigrantes, descendentes e amigos, aproximadamente 300 pessoas participavam. Todavia, as reuniões, iniciadas em 1989, cessaram em 1992. Assim, os indivíduos do grupo insular não conseguiram se mobilizar para manter uma sociedade própria da sua região, como os calabreses, venetos, trentinos entre outras sociedades destinadas às diferentes regiões da Itália existentes na capital gaúcha.

A sociedade siciliana não prosperou; contudo, não impediu que os imigrantes preservassem signos que sempre os identificaram com a sua cultura, cidade natal, região e país.

Entretanto, o não estabelecimento de uma associação pelos emigrados da ilha transparece a questão que os sicilianos, em Porto Alegre, não constituíram uma noção de grupo social, como os moraneses, que em suas narrativas fazem referência à integração existente entre os procedentes de Morano Calabro.

Apesar disso, as entrevistas e o contato realizados com os insulares não apontam apenas sinais importantes onde se verifica os laços dos imigrantes com os mais variados elementos relacionados à cultura siciliana e italiana. Do mesmo modo, ressaltam pontos que favoreceram uma maior identificação com aspectos vinculados à cultura italiana como um todo, ou mesmo uma assimilação por parte de alguns depoentes após residirem por tantos anos no Brasil.

⁴⁶⁰ VINCIPROVA, Antonina. **Imigração para Porto Alegre** [nov. 2010]. Entrevistadores: Leonardo de Oliveira Conedera e a Egiselda Charão. Porto Alegre.

Todos os entrevistados a sua maneira revelam um carinho especial pelo país de adoção. Falando sobre os primeiros anos após a sua chegada a Porto Alegre, a Sra. Vincenza Nani⁴⁶¹ lembra que:

Quando nós chegamos, nós falávamos o dialeto com os primos. Depois de um tempo, comecei a falar o português e é assim até hoje. Mas eu não sei falar muito o italiano também, porque depois de 56 anos vivendo no Brasil, eu sou mais brasileira que italiana. Eu vim com 14 anos, e vivi 56 anos aqui, então eu tenho muito mais tempo de vida aqui que mesmo na Itália. E depois os meus filhos entendem pouca coisa do dialeto, porque nós não falamos, e logo acabamos nos esquecendo.

Alguns depoentes, como foi o caso da Sra. Nani, demonstram uma maior vinculação com o Brasil, já que aqui viveram a maior parte de suas vidas. O tempo e as experiências viabilizaram a adaptação gradual. Os imigrantes passam a assumir hábitos novos e compatíveis com a nova sociedade. Isto é, existe um sentimento dividido entre Itália e Brasil. A Sra. Maria Scavuzzo⁴⁶² lembra: “Quando vou à Itália eles [os amigos de Adriano] dizem: ‘è ritornata a brasiliana!’ (voltou a brasileira!). Eu sou a ‘brasiliana’. Eu tenho orgulho de morar em Porto Alegre, o Brasil é a minha segunda pátria.”

Como a entrevistada faz referência, a expressão “segunda pátria” é comum entre as menções realizadas pelos depoentes. A viagem de retorno dos peninsulares ao seu *paese* de origem possibilita o reencontro, podendo causar tensões entre os indivíduos que passaram pela experiência migratória e aqueles que permaneceram.

Por exemplo, Loretta Baldassar⁴⁶³, cujas pesquisas visam analisar a relação entre identidade e território examinando as viagens de retorno à cidade de origem empreendida pelos imigrantes italianos e seus filhos residentes na Austrália. A autora observou, através de suas análises, que, entre as adversidades encontradas pelos peninsulares e seus descendentes, a questão identitária assume um ponto central. Os emigrados, depois de retornarem, defrontaram-se com a realidade de não serem mais “italianos” como os seus conterrâneos que não emigraram. Ou seja, o indivíduo, quando volta à terra natal, percebe-se diferenciado, apresentando uma identidade compartilhada entre a Itália e o país de acolhimento. Assim, os expatriados definem-se como “ítalo-brasileiros”, “ítalo-argentinos”, “ítalo-australianos”.

⁴⁶¹ NANI, Vincenza. **Imigração para Porto Alegre** [jan. 2011]. Entrevistadores: Leonardo de Oliveira Conedera e a Egiselda Charão. Porto Alegre.

⁴⁶² SCAVUZZO, Maria. **Projeto mulheres imigrantes do Mercosul** [abr. 2004]. Entrevistadores: André Andreguetti, Luciana de Oliveira e Núncia Santoro de Constantino. Porto Alegre.

⁴⁶³ BALDASSAR, Loretta. Tornare al paese: territorio e identità nel processo migratorio. **Altreitalie**, Torino, v. 23, n. 2, p. 30, gen./dic. 2001. Disponível em: <http://www.altreitalie.it/Pubblicazioni/Rivista/Numeri_Arretrati/N_23/Altreitalie_23_LuglioDicembre_2001.kl>. Acesso em: 15 set. 2010.

O Sr. Nicolò Cassarà⁴⁶⁴ recorda que:

Quando os meus pais eram vivos nós íamos lá visitá-los, e o meu irmão que morava lá. Quando você chegava lá você ficava até complexado, porque todo mundo estava melhor que você! Você que ia daqui para lá, chegando lá eles te olhavam assim⁴⁶⁵ [risos], porque lá [Alcamo] eles seguem muito a tradição e andam sempre com roupas distintas, enquanto a gente aqui [Porto Alegre] nem pensa nisso pode andar mais despojado. Na Itália, todos se vestem bem! Quem pode faz questão de se vestir bem, seguir a moda e tudo mais, e aqui ninguém pensa nisso, pois aqui vai de qualquer jeito. Coloca-se uma camisa, uma calça e está resolvido. Você vai lá visitar os parentes, amigos, e te convidam para uma janta, ou mesmo para uma reunião em uma pizzaria, eles vão todos trajados, casaco, gravata e tudo mais. Porque é mania que eles [os conterrâneos] têm. Então eles nos olham e dizem de onde estes vieram? Porque nós não fazemos questão de ir trajados! Talvez até porque seja melhor assim. Porque também muita convenção cansa. Mas eles são assim! O que se vai fazer? É o ambiente que é diferente.

O entrevistado, visitando a sua cidade, Alcamo, e convivendo com os seus conterrâneos, nota as diferenças entre os costumes existentes na cultura italiana comparando com o hábito adquirido na sociedade receptora. Por exemplo, a questão de vestir-se de maneira formal para ocasiões até mesmo entendidas como informais, como ir jantar na casa de um amigo.

Logo, os imigrantes sicilianos identificam as suas mudanças de hábitos, quando se confrontam com os conterrâneos de seu *paese*, quando voltam para visitar os parentes e amigos. Isto é, a ocasião do retorno, ao mesmo tempo que é um fator de reforço da identidade do imigrante, também se transforma em uma experiência reveladora, pois permite aos emigrados perceber os novos costumes incorporados a partir da vivência em outro país.

Em alguns casos, os sicilianos estabeleceram uma “cultura do contato”⁴⁶⁶ em relação aos brasileiros e outros conterrâneos. A saber, os insulares adquiriram através da interação com pessoas de outras etnias novos hábitos e costumes, ou mesmo outras representações e valores com os quais se identificam e se expressam.

⁴⁶⁴ CASSARÀ, Nicolò. **Imigração para Porto Alegre** [nov. 2009]. Entrevistador: Leonardo de Oliveira Conedera. Porto Alegre.

⁴⁶⁵ O entrevistado assinala uma fisionomia de espanto, estranhamento!

⁴⁶⁶ Segundo Roberto Cardoso de Oliveira, a “cultura do contato” seria a “expressão que preferimos em lugar do consagrado ‘sistema intercultural’, uma vez que se costuma representar uma amálgama, uma mistura genérica de coisas diversas, indeterminada, muitas vezes descrita como uma resultante de ganhos e perdas (aculturação) entre sistemas culturais em conjunção. É no interior de uma determinada ‘cultura de contato’ que podemos nos propor a buscar soluções para problemas de caráter geral, como o grau de sistematização e consistência entre diferentes valores que coexistem numa cultura, tanto quanto questões mais específicas como o padrão de coerência entre o sistema de valores e os mecanismos de identificação étnica. Sendo as categorias étnicas componentes de um sistema ideológico, estão carregadas de valor; e os valores são empíricos, passíveis de serem descobertos, pois não construções do analista mas sim de pontos de vista dos próprios agentes”. OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **Identidade, etnia e estrutura social**. São Paulo: Livraria Pioneira, 1976. p. 21.

Além disso, certos aspectos importantes colaboraram para a não constituição de um grupo étnico pelos sicilianos. Por exemplo, o fato do reduzido número de insulares morando em Porto Alegre. Os próprios narradores, quando indagados sobre seus amigos residentes na capital, mencionam sempre o seu contato com patrícios da mesma região, da mesma forma que os amigos provenientes de outras partes da Itália. O Sr. Cassarà⁴⁶⁷, comentando a respeito dos locais onde mais conviveu com a coletividade italiana na capital, destaca:

[...] na Sociedade Italiana, mais na Sociedade [SIRGS], mas lá a maioria são os patrícios dela [Dalva]! Ela é de Morano Calabro! Aqui em Porto Alegre, 99% dos italianos residentes são moraneses, de Morano Calabro. Aqui o que se mais frequentou foram os patrícios dela.

Na Sociedade Italiana do Rio Grande do Sul, ou mesmo em outros ambientes, era comum os sicilianos conviverem com conacionais de outras regiões. Da mesma maneira, o Sr. Nicolò assinala a grande quantidade de moraneses presentes na zona urbana. O próprio depoente casou com a Sra. Dalva Di Martino, proveniente de Morano Calabro, e logo se tornou para ele normal ter muitos amigos e contatos com pessoas procedentes da cidade da sua cônjuge.

Os matrimônios dos sicilianos também implicam uma maior condição para a não manutenção de laços estreitos com a cultura de origem. A partir das 50 certidões de casamentos analisadas, infere-se que a maioria dos emigrados casou com brasileiros (84%), ou mesmo com peninsulares de outras regiões. O matrimônio dos insulares com pessoas portadoras de outros códigos culturais favoreceu a não preservação de elos com a cultura siciliana. Por exemplo, o dialeto, não assumindo um meio de comunicação com o/a cônjuge, perde a sua utilidade, e termina esquecido, não ensinado para os filhos.

A Sra. Nani lembra que, após aprender a falar o português, o dialeto, gradativamente, deixou de ser empregado. A entrevistada aponta para o fato de que, ao não prosseguir falando o *sicilianu*, logo se acaba esquecendo. Enquanto que a Sra. Carmela Faro⁴⁶⁸ menciona que entre seus irmãos e pais falava em dialeto, mas não com seus filhos, e comenta:

[...] com os filhos não. Eles até entendem [o dialeto] que nós falamos, mas não falam. Mas também a gente resolveu que não iria ensinar o dialeto. Nós vimos que, ou eles aprendiam o italiano, ou não aprenderiam, pois o dialeto é horrível, pois é um dialeto muito ruim, particularmente, o dele [Sr. Fortunato] que é calabrês, como também o meu, o siciliano, que é ruim. Então, aprender os dois não dava.

⁴⁶⁷ CASSARÀ, Nicolò. **Imigração para Porto Alegre** [nov. 2009]. Entrevistador: Leonardo de Oliveira Conedera. Porto Alegre.

⁴⁶⁸ NANI, Vincenza. **Imigração para Porto Alegre** [jan. 2011]. Entrevistadores: Leonardo de Oliveira Conedera e a Egiselda Charão. Porto Alegre.

A depoente e seu marido, o Sr. Fortunato, decidiram não ensinar os dialetos (calabrês e siciliano) para seus filhos, tendo em vista a dificuldade e a utilidade de eles aprenderem. Do mesmo modo, o conhecimento do dialeto não seria funcional para os filhos da Sra. Faro se comunicarem com pessoas fora da família.

Os casamentos de insulares com indivíduos de outras regiões da Itália influenciaram o não aprendizado do dialeto pelos descendentes. Por exemplo, na casa da Sra. Francesca Ducceschi⁴⁶⁹ sempre se falou o italiano. A entrevistada procurou ensinar o italiano gramatical; logo, seus filhos aprenderam o italiano junto com o português. Contudo, em relação ao dialeto, a depoente comenta: “o meu dialeto é o siciliano e os meus filhos não entendem. Até porque o meu marido era de Pistoia, isto é, toscano. E como também a língua nacional é a toscana”. A depoente, casada com um conacional de outra região, não tinha motivo para falar em dialeto, ainda mais residindo em uma sociedade onde a língua era o português.

Assim, os casamentos mistos, que foram predominantes entre os peninsulares da Sicília, normalmente influenciaram no distanciamento dos insulares dos costumes da sua cultura de origem, como a ausência do uso do dialeto no ambiente familiar.

A ausência de funcionalidade da identidade é outro elemento que precisa ser elencado como um fator para a formação de entendimento como grupo étnico. Os imigrantes sicilianos dos anos 50, apesar de terem parentes e amigos radicados na sociedade de destino, não obteriam nenhuma vantagem em enfatizar a sua sicilianidade. Para os imigrantes era muito mais funcional identificar-se como italiano, e falar o idioma italiano, o que, para alguns entrevistados, facilitou para conseguir uma ocupação, bem como se comunicar com conacionais de partes da península.

Outro aspecto que dificultou a coesão dos sicilianos como grupo deve-se ao fato de eles serem provenientes de diferentes cidades, existindo diferenças entre os próprios insulares. A maioria dos sicilianos radicados em Porto Alegre é oriunda de Leonforte, mas os imigrantes da Sicília provêm também de outros *paesi* (Catania, Enna, Raddusa, Adrano, Alcamo entre outros).

O italiano é indivíduo caracterizado por um *campanilismo*⁴⁷⁰, isto é, os sujeitos possuem um elo muito forte com a paróquia, com o *campanello* (sino) da sua cidade de origem. Diversos pesquisadores de estudos emigratórios ressaltam o vínculo do expatriado

⁴⁶⁹ DUCCESCHI, Francesca. **Imigração para Porto Alegre** [nov. 2010]. Entrevistadores: Leonardo de Oliveira Conedera e a Egiselda Charão. Porto Alegre.

⁴⁷⁰ *Campanilismo* – bairrismo, localismo. BENEDETTI, Ivone C. (Coord.). **Dicionário Martins Fontes Italiano-Português**. São Paulo: Martins Fontes, 2004. p. 157.

com o *paese*. A referência à cidade natal pelo expatriado, segundo Constantino⁴⁷¹, deve-se a duas tendências: “a orientação para um retorno e a decorrente manutenção de estreitas relações com o *paese*, ou seja, a reprodução do estrangeiro de hábitos e comportamentos da cultura de origem”.

Em relação ao *campanilismo*, os antropólogos Luigi Satriani e Mariano Meligrana destacam a continuidade de práticas culturais por parte de emigrantes calabreses na tentativa de reproduzir hábitos e costumes (festas, rituais religiosos) relacionados à cultura do seu *paese*, a fim de reelaborar a sua identidade no espaço de imigração sem romper com a sua devoção e imagem idealizada do local de origem.⁴⁷²

Mesmo entre os leonfortenses, que mantiveram elos de amizade na sociedade receptora, não foram erigidos signos comuns (dialeto, culto religioso, culinária), devido aos fatores já referidos: o fato de serem um grupo pequeno, os casamentos mistos, a ausência da funcionalidade da identidade, já que os leonfortenses não criaram nichos econômicos como os moraneses na capital gaúcha.

Portanto, a maioria dos expatriados de Leonforte, bem como os indivíduos de outras partes da ilha, demonstra laços identitários com a cultura siciliana e com suas cidades de origem. Entretanto, os sicilianos não se reconhecem como um grupo definido que cultua, e externa, uma estreita identidade com a Sicília perante a sociedade de acolhimento.

Os insulares não formaram um grupo étnico pleiteando uma etnicidade, como os moraneses. Através da pesquisa realizada observou-se que os emigrados não se qualificam primeiro como sicilianos, mas sim como italianos procedentes da Sicília. Além disso, os imigrantes sicilianos não obtiveram êxito ao tentarem constituir um grupo formal para se diferenciar dos demais peninsulares, apregoando laços identitários com a ilha, como seus compatriotas da Calábria.

Em síntese, os sicilianos não desenvolveram uma etnicidade e um grupo étnico, porém mantiveram vínculos com a sicilianidade em seus círculos familiares e de amizade mais restritos.

⁴⁷¹ CONSTANTINO, Núncia Santoro de. **O italiano da esquina**: meridionais na sociedade porto-alegrense e permanência da identidade entre moraneses. Porto Alegre: EST, 2007b. p. 147.

⁴⁷² SATRIANI, Luigi M. Lombardi; MELIGRANA, Mariano. **Un villaggio nella memoria**. Roma: Casa del Libro, 1983. p. 22-24.

4.4 RECONSTRUÇÕES IDENTITÁRIAS E ÉTNICAS NO PROCESSO HISTÓRICO

Os italianos residentes na cidade de Porto Alegre desde o século XIX são sujeitos de investigação quando expressam traços de italianidade, identificando-se com os signos culturais de sua região de proveniência.

Dentre a maioria de imigrantes espontâneos que chegavam à capital gaúcha evidenciava-se uma grande quantidade de peninsulares das mais variadas localidades. Ou seja, eram indivíduos falando diferentes dialetos, praticando culinárias distintas; por fim, demonstravam costumes bastante diversos.⁴⁷³

Constantino⁴⁷⁴ analisou os laços de italianidade dos imigrantes residentes na sociedade porto-alegrense dividindo em três momentos diferentes e particularizados no processo histórico da cidade:

O primeiro diz respeito ao grupo social italiano constituído por pioneiros da imigração; o segundo é momento de transição, quando se percebe a existência de um grupo italiano de elite procurando liderar uma grande massa de conacionais, conseqüência dos grandes fluxos migratórios no Estado; por fim, focaliza-se o período do pós-guerra, isto é, dos anos cinquenta ao presente, quando a imigração meridional na cidade é característica.

A referida autora elucida que nos dois primeiros momentos, que engloba a presença peninsular entre o período de 1850 até 1942, uma série de ações e acontecimentos favoreceram a construção e manutenção da italianidade.

O grupo italiano, entre a segunda metade do oitocentos e a primeira metade do novecentos, ensaiou passos na direção da formação de uma identidade com o surgimento de sociedades italianas como: Vittorio Emanuele II (1877), Elena di Montenegro (1893), Umberto I (1902), entre outras sedes, monumentos e lugares que propiciaram a continuidade de vínculos identitários dos imigrantes com o país de origem.⁴⁷⁵

Os peninsulares, para exprimirem a sua italianidade, cultuavam os heróis da Unificação (Giuseppe Garibaldi, Vittorio Emanuele II, entre outros expoentes) e festejavam datas importantes comemoradas na Itália (20 de Setembro⁴⁷⁶, datas religiosas).⁴⁷⁷

⁴⁷³ CONSTANTINO, Núncia Santoro de. **O italiano da esquina**: meridionais na sociedade porto-alegrense e permanência da identidade entre moraneses. Porto Alegre: EST, 2007b. p.15.

⁴⁷⁴ *Idem*. Italianidade(s): imigrantes no Brasil Meridional. In: CARBONE, Florence & MAESTRI, Mario (Orgs.). **Raízes italianas do RS 1875-1997**. Passo Fundo: Universidade de Passo Fundo, 2000a. p. 69.

⁴⁷⁵ *Ibidem*, p. 70.

⁴⁷⁶ Data que marca a tomada de Roma pelas tropas da Unificação italiana.

⁴⁷⁷ CONSTANTINO, Núncia Santoro de. Italianidade(s): imigrantes no Brasil Meridional. In: CARBONE, Florence & MAESTRI, Mario (Orgs.). **Raízes italianas do RS 1875-1997**. Passo Fundo: Universidade de Passo Fundo, 2000a. p. 71-72

Durante o século XIX e início do XX, em outros países americanos – como Estados Unidos, Argentina e Uruguai – os italianos radicados desenvolveram Associações, Sociedades, Clubes e jornais entre outras instituições que permitiam espaços de encontro entre os membros da coletividade.⁴⁷⁸ Oriana Bruno⁴⁷⁹ destaca que:

O emigrado tem a necessidade de definir uma identidade própria procurando nos símbolos, nas instituições, no estilo de vida na nova pátria com genuínos pontos de referimento. Ele cria redes sociais pessoais e clientelistas, seguidamente, individuando-as através de instituições étnicas.

No cenário do Rio Grande do Sul, a ideologia política, positivista de Augusto Comte, praticada por Borges de Medeiros, presidente da Província, e pelo Partido Republicano Rio-Grandense (PRR) colaborou para o processo de construção da italianidade no primeiro quartel do século passado.⁴⁸⁰

Em meio à heterogeneidade da coletividade italiana, o Cônsul De Velutiis, em 1908, caracteriza a “colônia” urbana, relatando dentre os súditos italianos a existência de professores de música, médicos, dentistas, padres e comerciantes.⁴⁸¹

De Velutiis⁴⁸² em seu relatório também aponta que o grupo italiano possuiu muitos súditos ricos que frequentavam ambientes diferentes do restante da “colônia” urbana. Isto é, alguns indivíduos peninsulares, alcançando fortuna, não compartilhavam a vida coletiva de seus patrícios.

Cabe salientar que o álbum comemorativo da visita da Real Embaixada Italiana, composta pelo embaixador Vito Luciani e sua comitiva, em 1918, ao Rio Grande do Sul, e publicado no mesmo ano, elenca peninsulares que adquiriram notoriedade na pátria de adoção. Entre os citados em destaque aparecem duas famílias sicilianas, La Porta e Difini.⁴⁸³

Outras famílias sicilianas, como Lo Pumo, Provenzano e Grecco atingiram notabilidade. Os dois últimos eram atacadistas de cereais e fabricantes de banha; Gennaro

⁴⁷⁸ BRUNO, Oriana. Le navi delle mogli: donne Calabrese in Argentina. **Altreitalie**, Torino, v. 38-39, n. 1, p. 63, gen./dic. 2009. Disponível em: <http://www.altreitalie.it/Pubblicazioni/Rivista/Numeri_Arretrati/N_1/Altreitalie_38-39_GennaioDicembre_2009.kl>. Acesso em: 20 set. 2010.

⁴⁷⁹ *Ibidem*, p. 64.

⁴⁸⁰ CONSTANTINO, 2000a, *op. cit.*, p. 75.

⁴⁸¹ *Idem*. **O italiano na cidade**. Passo Fundo: UPF, 2000b. p. 68.

⁴⁸² RAPPORTO Del Cav. Francesco De Velutiis R. Console In Porto Alegre: Rapporti di R. R. Agenti Diplomatici e Consolari. Roma, Ministero Affari Esteri; Manuzio, 1908. Biblioteca del Ministero degli Affari Esteri.

⁴⁸³ **ÁLBUM de Lembrança da visita da Real Embaixada italiana ai Rio Grande do Sul em 1918**. [n.s.], [ca. 1918].

Grecco diversificou seu capital empregando no ramo das diversões públicas, tornando-se proprietário de duas casas de espetáculos.⁴⁸⁴

Através das observações realizadas pelo Cônsul De Velutiis é possível inferir que aqueles sicilianos que se destacaram no cenário econômico porto-alegrense, no início do século XX, não procuraram manter vínculos com seus conterrâneos da “colônia” urbana; logo, não buscaram conservar aspectos da cultura insular. Até porque nesse período era mais interessante integrar-se à nova sociedade como italiano.

Ainda na primeira década do século XX, inaugurou-se a estátua de Giuseppe Garibaldi na praça que era também nomeada com o nome do general da Unificação Italiana, marcando o espaço privilegiado do bairro Cidade Baixa, onde residia a maior parte dos peninsulares. A coletividade de imigrantes doou o monumento que sinalizava seus laços com a pátria de origem.⁴⁸⁵

Além disso, inúmeros italianos manifestavam sua italianidade no interior de suas casas através dos quadros com o retrato de Garibaldi produzidos por Calegari, fotógrafo peninsular radicado em Porto Alegre, que era especializado na técnica da fotografia repintada a óleo.⁴⁸⁶ Constantino⁴⁸⁷ lembra que:

Ser italiano despertava a boa vontade. Tanto isso é verdade que, quando se fala das leis restritivas à imigração, reflexo do nacionalismo exacerbado que se desenvolveu no período da Primeira Guerra, conclui-se que não foram especialmente duras para com os nossos italianos, que correspondiam ao discurso oficial, no que diz respeito à paulatina assimilação.

A partir dos anos 20, a ascensão de Mussolini, na Itália, viabilizou a organização de núcleos fascistas, proporcionando a continuidade de laços dos imigrantes com o país natal através das escolas italianas (para os filhos dos emigrados), sociedades que procuravam realizar festejos, fazendo menção às datas celebradas na península. Entretanto, nesse período do entre Guerras não ocorreu um efetivo envolvimento por parte da comunidade residente no Estado.⁴⁸⁸

Em 1942, a declaração de guerra do governo brasileiro contra as forças do Eixo suspendeu o contato entre as políticas fascistas e os emigrados fixados no território nacional.

⁴⁸⁴ CONSTANTINO, Núncia Santoro de. **O italiano da esquina**: meridionais na sociedade porto-alegrense e permanência da identidade entre moraneses. Porto Alegre: EST, 2007b. p. 93.

⁴⁸⁵ *Idem*. Italianidade(s): imigrantes no Brasil Meridional. In: CARBONE, Florence & MAESTRI, Mario (Orgs.). **Raízes italianas do RS 1875-1997**. Passo Fundo: Universidade de Passo Fundo, 2000a. p. 75.

⁴⁸⁶ *Ibidem*, p. 75.

⁴⁸⁷ *Ibidem*, p. 75.

⁴⁸⁸ CONSTANTINO, Núncia Santoro de. Italianidade(s): imigrantes no Brasil Meridional. In: CARBONE, Florence & MAESTRI, Mario (Orgs.). **Raízes italianas do RS 1875-1997**. Passo Fundo: Universidade de Passo Fundo, 2000a. p. 76.

O rompimento das relações diplomáticas acarretou o fechamento dos locais de sociabilidade dos peninsulares que faziam alusão à Itália, e a proibição do uso do idioma italiano. Contudo, não foi um evento perturbador para a maioria dos emigrados cortar vínculos com a pátria de origem. “A italianidade não era mais funcional”. Logo, os expatriados interromperam a manutenção de uma identidade com a península.⁴⁸⁹

Cabe referir que os imigrantes provenientes de Morano Calabro desde o final do século XIX destacam-se pela sua grande visibilidade e quantidade dentre o grupo peninsular residente na capital gaúcha. Nos últimos anos do oitocentos, aproximadamente 114 famílias de origem moranesa tinham representantes morando em Porto Alegre.⁴⁹⁰

O elevado contingente de moraneses vivendo e trabalhando no município favoreceu o surgimento da Sociedade *Moranesi Uniti* já em 1924. Essa entidade não teve uma vida longa, mas já sinalizava a mobilização e a proximidade dos contatos existentes entre os membros da “colônia moranesa” presentes no espaço urbano.⁴⁹¹

Todavia, no final da década de 40 recomeçou o fluxo imigratório de peninsulares para o Brasil como se destacou no capítulo 2. Com o ingresso de novos imigrantes iniciou um novo momento (o terceiro apontado por Constantino), onde o processo de construção identitária não estava relacionado com a italianidade, mas sim com aspectos ligados à *Moranesità*. Isto é, os calabreses expressavam uma identificação com signos culturais vinculados ao *paese* de Morano Calabro.⁴⁹²

Os moraneses retomaram aspectos vinculados com a tradição de origem e através de redes sociais (como laços familiares, de compadrio, entre outros) alimentaram a preservação dos seus hábitos e costumes na sociedade receptora entre os integrantes do seu grupo.

Cabe referir que ser moranês, para os emigrados da Calábria, além de atender as necessidades psicológicas dos sujeitos de uma *appartenenza sociale*, viabilizava a formação de uma etnicidade instrumental, quando estes calabreses retomam a cultura regionalista-religiosa. Portanto, os oriundos da província de Cosenza buscaram expressar sua italianidade através da *moranesità*.⁴⁹³

⁴⁸⁹ *Ibidem*, p. 76.

⁴⁹⁰ *Idem*. **O italiano da esquina**: meridionais na sociedade porto-alegrense e permanência da identidade entre moraneses. Porto Alegre: EST, 2007b. p. 134.

⁴⁹¹ *Ibidem*, p. 135.

⁴⁹² CONSTANTINO, 2000a, *op. cit.*, p. 76-77.

⁴⁹³ CONSTANTINO, Núncia Santoro de. **O italiano da esquina**: meridionais na sociedade porto-alegrense e permanência da identidade entre moraneses. Porto Alegre: EST, 2007b. p. 75.

Enquanto que os sicilianos, apesar da presença no espaço urbano similar à dos *calabrese*, não externaram sua identidade siciliana nem mesmo entre aqueles em maior número provenientes de Leonforte.

A partir do estudo realizado pode-se afirmar que algumas famílias e indivíduos prosseguiram cultuando elementos relativos à cultura da terra de origem na cidade de imigração. No entanto, os insulares não construíram uma ideia de grupo; portanto, entre os sicilianos não existiu uma organização para reivindicar uma *italianità* por meio da *sicilianità*.

Os motivos para a não emergência de uma construção identitária relacionada à cultura da ilha deve-se à falta de uma ideia como grupo que não prosperou em Porto Alegre devido ao reduzido número de sicilianos residentes, à ausência de laços endogâmicos, de nichos econômicos erigidos pelos emigrados, entre outros motivos.

Além disso, os sicilianos que alcançaram grandes fortunas, no início do século, afastaram-se gradativamente dos seus conterrâneos e dos elos com a cultura de origem. A afirmação econômico-social possibilitou uma rápida assimilação. Logo, sobrenomes como La Porta, Difini e Grecco, entre outros, que alcançaram notabilidade, não preservaram laços com a sicilianidade.⁴⁹⁴

Mesmo existindo um contato entre os imigrantes sicilianos na sociedade de destino não constituíram um grupo, pois, diferentemente dos moraneses, não visualizavam que através da reciprocidade alcançariam maiores benefícios, como a aquisição de uma boa reputação e de espaços econômicos.

Portanto, os sicilianos não se organizaram de maneira coesa para instalar uma associação, ou mesmo criar ambientes de interação fora do círculo familiar para se encontrar e preservar elos com a identidade siciliana na sociedade de destino. Mesmo assim, os insulares apresentam-se, como os demais meridionais (da Campania, de Abruzzo, da Puglia, da Basilicata) residentes em Porto Alegre, como imigrantes italianos, preservando, na maior parte das vezes, sua identidade com a região de origem através de seus sobrenomes, dialetos, entre outros signos conservados, especialmente, na esfera familiar.

⁴⁹⁴ CONEDERA, Leonardo de Oliveira. **Da ilha do sul para a capital do sul: imigrantes sicilianos na sociedade porto-alegrense (1875-1920)**. 2009. 86 f. Monografia (Graduação em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009. p. 65-72.

5 CONSIDERAÇÃO FINAIS

São parciais as conclusões alcançadas, visto que se trabalhou, geralmente, com indícios, isto é, com sinais que se conseguiu filtrar a partir das fontes consultadas, buscando sempre alcançar os objetivos propostos. Enfrentando-se, assim, as obscuridades que se interpunham no decorrer da investigação.

A pesquisa desenrolou-se graças ao auxílio da História Oral, ou seja, valeu-se do valioso subsídio que se constitui a oralidade. É preciso destacar que essa metodologia encontra-se intimamente atrelada à narrativa e à memória. A primeira relaciona-se com o indivíduo que conta uma história sua ou mesmo a de outros sujeitos próximos, que participam do seu círculo de convivência, e à maneira como a verbaliza; enquanto a segunda refere-se às contribuições existentes para se relatar uma história.

A memória e a narrativa dos imigrantes italianos possibilitaram a emergência de diversas informações relevantes para a constituição do presente trabalho, porque forneceram elementos imprescindíveis para a reconstrução do contexto passado, além de indicar novas problemáticas para serem analisadas.

Na presente dissertação pretendeu-se analisar um grupo dentre aqueles que fizeram parte dos peninsulares cujo destino foi a capital do Rio Grande do Sul. O enfoque deteve-se no núcleo urbano onde se averiguou o conjunto dos meridionais, e, especialmente, aqueles oriundos da Sicília.

Defrontando-se com os narradores viu-se a clara necessidade de entender a atmosfera na qual se encontrava a ilha quando estes a “abandonaram”. Os indivíduos, cujos caminhos levaram a Porto Alegre, não eram miseráveis, mas pessoas que superavam obstáculos para alcançarem uma vida melhor. A realidade italiana e da região siciliana durante os anos do entre guerras foi marcada por vários acontecimentos que surgem nas vozes daqueles que vivenciaram o período.

Então, optou-se no primeiro capítulo por expor os eventos como o Fascismo, a Segunda Guerra Mundial, os anos do pós-guerra e o fenômeno imigratório relacionando o contexto nacional da Itália em relação ao regional da Sicília, a fim de alcançar maior compreensão acerca das especificidades narradas pelos entrevistados, quando estes referiam certas histórias e comentários em suas falas. Logo, contextualizou-se a situação peninsular durante a administração fascista, o segundo conflito mundial, o cenário do imediato pós-guerra, a fim de expor a real condição para os habitantes da Itália,

especialmente a situação dos sicilianos, porque estes eventos colaboraram de forma direta ou indireta para a nova fase de êxodo no país.

Identificou-se, ainda, no decorrer da pesquisa, uma série de peculiaridades entre os imigrantes provenientes do *mezzogiorno*. Sabe-se que foram importantes agentes históricos, dado que contribuíram para o crescimento comercial, industrial, social e cultural de Porto Alegre no final do século XIX e no início do XX. A partir dos anos 50, os meridionais recém-chegados continuaram sendo o contingente majoritário entre os italianos que ingressaram no município.

Ao focalizar o grupo dos naturais do sul da Itália procurou-se contribuir com os estudos precedentes e referenciais de Constantino e Brum, cujos enfoques também privilegiaram os imigrantes italianos meridionais.

O expatriado meridional, assim como o setentrional, foi um imprescindível contribuinte para o enriquecimento cultural da capital gaúcha, pois legou da mesma maneira hábitos e tradições características de sua terra natal. Não se pode esquecer que, desde o século XIX, falar em Itália é ainda muitíssimo complexo, dada a pluralidade cultural que se deflagra na península até os dias de hoje.

Como no final do oitocentos, os italianos, no decorrer do pós-Guerra, prosseguiram a se caracterizar por uma imigração espontânea para Porto Alegre. Aqui encontraram, no mínimo, possibilidades melhores de vida e puderam construir uma vida estável pautada na estrutura familiar. Da mesma maneira mantiveram elos com os conterrâneos, mas também salientaram uma integração na maior parte das vezes tranquila com famílias de outras nacionalidades residentes no município.

Constatou-se também que os peninsulares seguiram se dedicando ao comércio. Os seus empreendimentos eram voltados para o comércio varejista, como minimercados, fruteiras, padarias, açougues, casas lotéricas, tornearias, cafeterias, alfaiatarias, sapatarias, barbearias, entre outras. No entanto, é importante destacar que vários italianos – antes de se dedicarem ao próprio negócio – constituíram uma mão de obra presente no setor industrial da capital, ao contrário de períodos anteriores, em cujo setor passaram despercebidos.

A vinda para Porto Alegre de novos peninsulares, nos anos 50, ocorreu devido à ação da rede familiar. Isto é, não era incomum o imigrante que teve êxito na terra de adoção mandar vir os parentes e amigos de sua cidade de origem que não compartilhavam de boas oportunidades e que estivessem dispostos a empreender novos

desafios em outra localidade. Por isso, muitas famílias que saíram da Sicília para a capital gaúcha revelavam um *paese* em especial, Leonforte.

A maioria dos indivíduos vinha para o Brasil através de atos de chamada. A saber, as redes sociais estabelecidas entre os italianos influenciaram de forma preponderante o ingresso de novos conacionais em Porto Alegre. Além disso, as redes construídas pelos imigrantes direcionaram, e auxiliaram, a inserção dos conterrâneos recém-chegados no mercado profissional do município.

Logo, a família e os laços de amizade foram o alicerce mais forte que facilitou a integração do imigrante recém-chegado na sociedade de adoção. A solidariedade existente entre os peninsulares propiciou a adaptação daqueles que se estabeleciam na cidade.

Da mesma forma que no final do século XIX, a coletividade italiana continuou a se encontrar e a confraternizar nas sociedades de Porto Alegre, especialmente na SIRGS, bem como nos espaços públicos, como cafeterias, restaurantes, cinemas, praças (com destaque para a Praça da Alfândega) e igrejas (em especial a Igreja Nossa Senhora da Pompéia).

É importante ressaltar que a memória e a narrativa possibilitaram observar as identidades dos depoentes. Isto é, procurou-se através dos relatos, bem como dos contatos com os imigrantes, inferir como eles se apresentam para a sociedade de acolhimento.

No caso dos calabreses de Morano Calabro pesquisados por Constantino e Brum, buscou-se elencar os seus traços identitários, que serviram de referencial para analisar os sicilianos. Investigando-se os insulares observou-se que, como os moraneses, os indivíduos mantiveram vínculos com a cultura de origem, como a preservação do dialeto, do culto ao *paese*, a continuidade de hábitos culinários, entre outros aspectos.

Analisando-se os emigrados dos dois grupos a grande distinção seria a questão da visibilidade da identidade expressa por ambos. Ou seja, os calabreses constituem-se em grupo numeroso perante a coletividade italiana de Porto Alegre. Além disso, a maioria dos moraneses formou nichos econômicos (açougues e casas lotéricas) e sociais (participação nas Sociedades italianas e Calabresa); logo, se identificar como um italiano de Morano Calabro adquire uma funcionalidade para transitar no grupo de origem.

No entanto, no caso dos sicilianos, a identificação do indivíduo com a cultura de origem (a siciliana) não representaria nenhum aspecto funcional para criar vínculos ou

mesmo fazer negócios. Assim, muitos sicilianos, quando conseguiam empregos através das redes de amizades e compadrio, valiam-se muito mais dos seus conhecimentos da língua italiana que do seu dialeto, pois o insular normalmente identificava-se como italiano proveniente da Sicília.

Além disso, o número menor de insulares, somado aos casamentos mistos (com indivíduos de outra cultura), a ausência de nichos econômicos e sociais não favoreceram a visibilidade e o culto exteriorizado por parte dos imigrantes sicilianos na sociedade de adoção através de associações ou mesmo de um discurso. Portanto, entre esses emigrados os laços identitários permaneceram restritos a pequenos círculos (família ou um pequeno grupo de amigos).

Assim, analisar os grupos moraneses e sicilianos possibilitou observar distinções entre sujeitos que partilham experiências semelhantes, como a imigração para o mesmo destino, mesmo que atestem diferenças no plano cultural. O exemplo dos italianos, em Porto Alegre, ilustra a necessidade que o imigrante tem em restaurar e preservar o contato com o *paese* de origem.

A etnicidade entre os emigrados insulares é um tema que ainda necessita ser mais explorado. Poucas linhas foram reconstruídas. Ainda persistem indícios que precisam ser analisados.

Na extensa trajetória no processo histórico, torna-se inviável perceber os inúmeros caminhos percorridos por moraneses e sicilianos, os seus mecanismos na reconstrução e manutenção da identidade.

Acredita-se que os resultados alcançados fornecem elementos para estudos posteriores, especialmente no âmbito da Antropologia, que poderia apontar novas inferências acerca da identidade apresentada pelos sicilianos e pelos meridionais de outras regiões da península, já que o grupo dos moraneses é o único que assume destaque entre os expatriados provenientes do *mezzogiorno* na sociedade porto-alegrense.

Entre os entrevistados, as recordações sobre incidentes em relação à máfia foram pouco referidos. Ao contrário do que aconteceu com os insulares que partiram para os Estados Unidos, aqueles vindos para Porto Alegre não tiveram uma motivação vinculada à máfia para emigrar. No entanto, a cultura da *omertà* parece ter permanecido em alguns depoentes cujo silêncio apareceu quando o assunto máfia foi indagado.

Além disso, acredita-se que persistem questões acerca do conjunto constituído pelos sicilianos e do grupo dos meridionais cuja investigação precisa ser realizada. Como, por exemplo, os músicos italianos que compuseram a Banda Municipal de Porto Alegre no final da década de 20.

Por fim, com a presente pesquisa buscou-se apresentar outros atores na sociedade porto-alegrense como também no amplo painel da imigração da capital. Assim, procurou-se reconstruir a trajetória de sicilianos que trouxeram outros referenciais culturais, aumentando a diversidade existente entre os estrangeiros fixados na cidade.

REFERÊNCIAS

BALDASSAR, Loretta. Tornare al paese: territorio e identità nel processo migratório. **Altreitalie**, Torino, v. 23, n. 2, p. 27-42, gen./dic. 2001. Disponível em: <http://www.altreitalie.it/Pubblicazioni/Rivista/Numeri_Arretrati/N_23/Altreitalie_23_LuglioDicembre_2001.kl>. Acesso em: 15 set. 2010.

BARTH, Fredrik. Grupos étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da etnicidade**: seguido de grupos étnicos e suas fronteiras, de Fredrik Barth. São Paulo: UNESP, 1997. p. 185-227. 250 p.

BAUER, Babet. A caminho da “história das vivências”? História oral na Alemanha. GERTZ, René E.; CORREA, Sílvio Marcus de S. (Orgs.). **Historiografia alemã pós-muro**: experiências e perspectivas. Passo Fundo/Santa Cruz do Sul: UPF/EDUNISC, 2007. p. 60-80. 245 p.

BENEDETTI, Ivone C. (Coord.). **Dicionário Martins Fontes Italiano-Português**. São Paulo: Martins Fontes, 2004. 1223p.

BERTONHA, João Fábio. **O fascismo e os imigrantes italianos no Brasil**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001. 446p.

_____. **Os italianos**. São Paulo: Contexto, 2005. 300 p.

BEVILACQUA, Piero. **Breve storia dell'Italia meridionale**. Roma: Donzelli, 2005. 236 p.

BLOK, Anton. **La mafia di um villaggio siciliano**: imprenditore, contadini, violenti 1860-1960. Torino: Comunità, 1974. 317p.

BRANCATO, Francesco. **L'emigrazione siciliana negli ultimi cento anni**. Consenza: Pellegrini, 1998. 344 p.

BRUNO, Oriana. Le navi delle mogli: donne Calabrese in Argentina. **Altreitalie**, Torino, v. 38-39, n. 1, p. 61-84, gen./dic. 2009. Disponível em: <http://www.altreitalie.it/Pubblicazioni/Rivista/Numeri_Arretrati/N_1/Altreitalie_38-39_GennaioDicembre_2009.kl>. Acesso em: 20 set. 2010.

BRUM, Rosemary Fritsch. **Uma cidade que se conta**: imigrantes italianos e narrativas no espaço social da cidade de Porto Alegre (1920 - 1937). 2003. 408 f. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

BURKE, Peter. **A escrita da história**: novas perspectivas. São Paulo: UNESP, 1992. 354 p.

CAPPELLI, Vittorio. A propósito de imigração e urbanização: correntes imigratórias da Itália meridional às “outras Américas”. **Revista de Estudos Ibero-Americanos**, Porto Alegre, v. 33, n. 1, p. 7-37, jul. 2007.

CAROCCI, Giampiero. **Storia d'Italia dall'Unità a Oggi**. Milano: Feltrinelli, 1989. 429 p.

CANDOU, Joël. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2011. 220 p.

CASTRO, Hebe. História social. In: CARDOSO, Ciro; VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). **Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1999. p. 45-60. 508 p.

CENNI, Franco. **Italianos no Brasil**. São Paulo: Martins, EDUSP, 1975. 438 p.

CERVO, Amado Luiz. **As relações históricas entre e Brasil e Itália: o papel da diplomacia**. Brasília: UNB, 1992. 261 p.

COLARIZI, Simona. **Storia del novecento italiano: cent'anni di entusiasmo, di paure, di speranze**. Milano: BUR: Biblioteca Univer. Rizzoli, 2009. 453 p.

COLUCCI, Michele. **Forza lavoro in movimento. L'Italia e l'emigrazione in Europa (1945-1957)**. 2007. 295 f. Tese (doutorado in Storia) – Dipartimento di Scienze Umane, UNITUS, Viterbo, 2007.

CONEDERA, Leonardo de Oliveira. **Da ilha do sul para a capital do sul: imigrantes sicilianos na sociedade porto-alegrense (1875-1920)**. 2009. 86 f. Monografia (Graduação em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

CONSTANTINO, Núncia Santoro de. **Caixas no porão: vozes, imagens, histórias**. Porto Alegre: Biblos, 2004a. 238 p.

_____. Imigrantes italianos: partir, transitar, *chegar*. In: RECKIEGEL, Ana Luiza Setti; AXT, Gunter (Org.). **História geral do Rio Grande do Sul**. República Velha (1889-1930). Passo Fundo: Méritos, 2007a. V. 3. p. 395-418. 1072 p.

_____. Italianidade(s): imigrantes no Brasil Meridional. In: CARBONE, Florence & MAESTRI, Mario (Orgs.). **Raízes italianas do RS 1875-1997**. Passo Fundo: Universidade de Passo Fundo, 2000a. p. 67-82. 176 p.

_____. Nas entrelinhas da narrativa: vozes de mulheres imigrantes. **Revista Estudos Ibero Americanos**, Porto Alegre, v. 32, n. 1, p. 63-73, 2006.

_____. **O italiano da esquina: meridionais na sociedade porto-alegrense e permanência da identidade entre moraneses**. Porto Alegre: EST, 2007b. 174 p.

_____. **O italiano na cidade**. Passo Fundo: UPF, 2000b. 85 p.

_____. Teoria da história e a reabilitação da oralidade: convergência de um processo. Pesquisa. In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (Org.). **A aventura (auto)biográfica: fundamentos e metodologia**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004b. p. 37-74. 599 p.

CONZEN, Kathleen Neils et al. The invention of ethnicity: una lettura americana. **Altretalie**, Torino, v. 3, n. 2, p. 27-42, apr. 1990. Disponível em:

<http://www.altreitalie.it/Pubblicazioni/Rivista/Numeri_Arretrati/N_3/Altreitalie_2_Aprile_1990.kl>. Acesso em: 19 ago. 2010.

CORTE REAL, Antônio T. **Subsídios para a história da música no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: UFRGS, 1980. 254 p.

CORTI, Paola. **Storia degli migrazioni internazionali**. Bari: Laterza, 2007. 147 p.

CUNHA, Manoela Carneiro da. **Antropologia do Brasil: mito, história, etnicidade**. São Paulo: Brasiliense/EDUSP, 1986. 174 p.

D'ANTONE, Lea. Verso e oltre il "miracolo economico". In: BENIGNO, F. e GIARRIZZO, G. (a cura). **Storia della Sicilia: dal seicento a oggi**. Bari: Laterza, 2003. p. 177-190.

DAURE, Ivy & REVEYRAND-COULON, Odile. Transmissão cultural, entre pais e filhos: uma das chaves do processo de imigração. **Revista Psicologia Clínica**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 2, p. 415-429, 2009.

DE CLEMENTI, Andreina. **Il prezzo della ricostruzione: le emigrazione italiana nel secondo dopoguerra**. Bari: Laterza, 2010. 216 p.

DI CARLO, Angelo; DI CARLO, Serena (Orgs.). **I luoghi dell'identità**. Milano: Agnelli, 1986. 280 p.

DIÉGUES JUNIOR, Manuel. **Imigração, urbanização e industrialização: estudo sobre alguns aspectos da contribuição cultural do imigrante no Brasil**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional de Estudo e Pesquisa Educacional, 1964. 385 p.

DUCCESCHI, Francesca Coniglio. **O catavento da vida**. Porto Alegre: Prosapiens, 2010. 248 p.

FACCHINETTI, Luciana. **A imigração italiana no segundo pós-guerra e a indústria brasileira nos anos 50**. 2003. 139 f. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

_____. **Parla! O imigrante italiano do segundo pós-guerra e seus relatos**. São Paulo: Angellara, 2004. 220 p.

FINLEY, Moses I.; SMITH, Denis Mack; DUGGAN, Christopher J. H. **Breve storia della Sicilia**. Bari: Laterza, 2009. 365 p.

FORTES, Alexandre. **Nós do quarto distrito: a classe trabalhadora porto-alegrense e a era Vargas**. Caxias do Sul: Garamond, 2004. 459 p.

FRANCO, Sérgio da Costa. **Porto Alegre: guia histórico**. Porto Alegre: UFRGS, 1988. 439 p.

GAUER, Ruth M. Chittó. Interrogando o limite entre historicidade e identidade. In: _____ (Org.). **A qualidade do tempo: para além das aparências históricas**. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2004. p. 227-275. 315 p.

GENTILE, Emilio; DE FELICE, Renzo. **A Itália de Mussolini e a origem do Fascismo**. São Paulo: Ícone, 1988. 88 p.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. 281 p.

GOLINI, Antonio; AMATO, Flavia. Uno sguardo a um secolo e mezzo di emigrazione italiana. In: BEVILACQUA, Piero; DE CLEMENTI, Andreina; FRANZINA, Emilio (Orgs.). **Storia dell'emigrazione italiana: Partenze**. Roma: Donzelli, 2002. p. 45-60. 717 p.

GOMES, Angela de Castro (Org.). **História de família: entre Itália e Brasil**. Rio de Janeiro: Muiraquitã, 1999. 310p.

GONZÁLEZ, Ana María Sosa. **Identidad/es en diáspora, identidad/es en construcción: inmigración uruguaya en Porto Alegre**. 2006. 457 f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2006.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 1990. 222 p.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1992. 102 p.

IBGE. **Enciclopédia dos municípios brasileiros**. Rio de Janeiro: IBGE, 1959. V. 34. 406 p.

IOTTI, Luiza Horn. **Imigração e poder: a palavra oficial sobre os imigrantes italianos no Rio Grande do Sul (1875-1914)**. 2003. 308 f. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

IZQUIERDO, Ivan Antônio. **Memória**. Porto Alegre: Artmed, 2006. 95 p.

LAGEMANN, Eugenio. **A formação sócio-econômica da região sul do Brasil**. Porto Alegre: [s.n.], 1998. 28 p.

LEED, Eric J. **La mente del viaggiatore: dall'Odissea al turismo globale**. Bologna: Società editrice Il Mulino, 1992. 386 p.

LOMNITZ, Larissa Adler. **Redes sociais, cultura e poder**. Rio de Janeiro: E-papers, 2009. 245 p.

LUPO, Salvatore. La Mafia. In: BENIGNO, F. e GIARRIZZO, G. (a cura). **Storia della Sicilia: dal Seicento a oggi**. Bari: Laterza, 2003. p. 134-150.

MACEDO, Francisco Riopardense de. **Porto Alegre: origem e crescimento**. Porto Alegre: Sulina, 1968. 156 p.

MACHADO, Michelli. **Boletim “A Família da Pompéia”**: construindo identidades culturais em parceria com os imigrantes. 2005. 131 f. Dissertação (Mestrado em

Comunicação e Informação) – Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

MANGIAMELI, Rosario. La Sicilia dalla prima guerra mondiale alla caduta del fascismo. In: BENIGNO, F. e GIARRIZZO, G. (a cura). **Storia della Sicilia: Dal Seicento a oggi**. Bari: Laterza, 2003. p. 151-176. 241 p.

MARTELLINI, Amoreno. L'emigrazione transoceanica fra gli anni quaranta e sessanta. In: BEVILACQUA, Piero; DE CLEMENTI, Andreina; FRANZINA, Emilio (Orgs.). **Storia dell'emigrazione italiana: Partenze**. Roma: Donzelli, 2002. p. 369-384. 717 p.

MATTAR, Leila Nesralla. **A modernidade em Porto Alegre: arquitetura e espaços urbanos plurifuncionais em área do 4º. Distrito**. 2010. 354 f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

MEIHY, Carlos Sebe Bom. **Manual de história oral**. Loyola: São Paulo, 1998. 175 p.

MONTEIRO, Charles. Porto Alegre no Século XX: crescimento urbano e mudanças sociais. In: DORNELLES, Beatriz (Org.). **Porto Alegre em destaque – história e cultura**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. p. 51-74. 338 p.

MORAES, Roque e GALIAZZI, Maria do Carmo. **Análise textual discursiva**. Ijuí: Unijuí, 2007. 223 p.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP**. São Paulo: EDUC, v. 10, n. 1, p. 7-28, 1993.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **Identidade, etnia e estrutura social**. São Paulo: Livraria Pioneira, 1976. 118 p.

OLMSTED, Michel S. **O pequeno grupo social**. São Paulo: Herder, 1970. 176 p.

PEDROSO, Luciano Fernandes. **O espaço cotidiano dos agregados sociais da Praça da Alfândega em Porto Alegre-RS**. 2007. 137 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

PETERS, Roberta. **Imigrantes palestinos e árabes: um estudo antropológico sobre a recriação de tradições através das festas e rituais de casamento**. 2006. 136 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro: CPDOC-FGV, v. 5, n. 10, p. 200-215, 1992. Disponível em: <<http://www.cpdoc.fgv.br>>. Acesso em: 20 jul. 2009.

PORTELLI, Alessandro. A filosofia e os fatos: narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. **Tempo**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 59-72, 1996a.

_____. **Ensaio de história oral**. São Paulo: Contexto, 2010. 210 p.

_____. Memória e diálogo: desafios da historia oral para a ideologia do Século XXI. In: FERREIRA, Marieta de Moraes. **Historia oral: desafios para o século XXI**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2000. p. 67-72. 201p.

_____. O Massacre de Civitella Val di Chiana (Toscana: 29 de junho de 1944): mito, política, luto e senso comum. In: AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta Moraes (Orgs.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996b. p. 103-130. 277 p.

_____. (Coord.). **República dos Sciucià**. São Paulo: Salesiana, 2004. 200 p.

POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da etnicidade: seguido de grupos étnicos e suas fronteiras, de Fredrik Barth**. São Paulo: UNESP, 1997. 250 p.

PROCHNOW, Lucas Neves. **Memórias, narrativas e histórias: a imigração espanhola recente em Porto Alegre**. 2009. 158 f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2009.

RAFFAELE, Giovanni. Siciliani nel mondo. In: BENIGNO, F. e GIARRIZZO, G. (a cura). **Storia della Sicilia: dal Seicento a oggi**. Bari: Laterza, 2003. p. 113-133. 241 p.

RAMELLA, Franco. Reti sociali, famiglie e strategie migratorie. In: BEVILACQUA, Piero; DE CLEMENTI, Andreina; FRANZINA, Emilio (Orgs.). **Storia dell'emigrazione italiana: Partenze**. Roma: Donzelli, 2002. p. 143-160. 717 p.

SANFILIPPO, Matteo. Tipologia dell'emigrazione di massa. In: BEVILACQUA, Piero; DE CLEMENTI, Andreina; FRANZINA, Emilio (Orgs.). **Storia dell'emigrazione italiana: Partenze**. Roma: Donzelli, 2002. p. 77-94. 717 p.

SALVO, Mariagrazia. **La comunicazione sociale tra tradizione e complessità: uno studio empirico in una comunità siciliana**. Roma: Aracne, 2010. 187 p.

SATRIANI, Luigi M. Lombardi; MELIGRANA, Mariano. **Un villaggio nella memoria**. Roma: Casa del Libro, 1983. 365p.

SAYAD, Abdelmalek. **Imigração: paradoxos da alteridade**. São Paulo: EDUSP, 1998. 300 p.

SEYFERTH, Giralda. **Imigração e cultura no Brasil**. Brasília: Universidade de Brasília, 1990. 103 p.

SILVA, Hélió R. S. A situação etnográfica: andar e ver. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 15, n. 32, p. 171-188, jul./dez. 2009.

SILVA, Márcia Andréa Schmidt da. **Uma comunidade eslava ortodoxa: russos e ucranianos em Porto Alegre: 1948**. 1996. 134 f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1996.

SIMMEL, Georg. **Sociologia: estudos sobre las formas de socialización**. Buenos Aires: Espasa-Calpe, 1986. 292 p.

SINGER, Paul. **Desenvolvimento econômico e evolução urbana: análise da evolução econômica de São Paulo, Blumenau, Porto Alegre, Belo Horizonte e Recife**. São Paulo: Nacional, 1968. 377 p.

SOARES, Paulo Roberto Rodrigues. Do rural ao urbano: demografia, migrações e urbanização. In: GERTZ, René E. (Org.). **História Geral do Rio Grande do Sul**. República: da Revolução de 1930 à ditadura militar (1930-1985). Passo Fundo: Méritos, 2007. V. 4. p. 291-313. 578 p.

TRENTO, Angelo. **Do outro lado do Atlântico: um século de imigração italiana no Brasil**. São Paulo: Nobel, 1989. 574 p.

_____. **Fascismo italiano**. São Paulo: Ática, 1986. 96 p.

TRUZZI, Oswaldo. Redes em processos migratórios. **Tempo Social – Revista de Sociologia da USP**, São Paulo, v. 20, n. 1, p. 199-218, jun. 2008.

VINCENT, Andrew. **Ideologias políticas modernas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1995. 357p.

VIZENTINI, Paulo Fagundes. **As guerras mundiais (1914-1945)**. Porto Alegre: Leitura XXI, 2003. 174 p.

ZAMBERLAM, Jurandir et al. **50 anos de serviço com os migrantes: paróquia da Pompéia - Missão Scalabriniana**. Porto Alegre: IMPA, 2010. 125 p.

ZAMBERLAM, Jurandir. **O processo migratório no Brasil: e os desafios da mobilidade humana na globalização**. Porto Alegre: Pallotti, 2004. 171 p.

Fontes Orais:

CAMPISI, Santi Sebastiano. **Imigração para Porto Alegre** [jul. 2010]. Entrevistador: Leonardo de Oliveira Conedera. Porto Alegre.

CASSARÀ, Nicolò. **Imigração para Porto Alegre** [nov. 2009]. Entrevistador: Leonardo de Oliveira Conedera. Porto Alegre.

DI FAZIO, Epifania. **Imigração para Porto Alegre** [dez. 2010]. Entrevistadores: Leonardo de Oliveira Conedera e a Egiselda Charão. Canoas.

DI MARTINO, Dalva Cassarà. **Projeto mulheres imigrantes do Mercosul** [jun. 2010]. Entrevistadores: Leonardo de Oliveira Conedera e a Egiselda Charão. Porto Alegre.

DUCCESCHI, Francesca. **Imigração para Porto Alegre** [nov. 2010]. Entrevistadores: Leonardo de Oliveira Conedera e a Egiselda Charão. Porto Alegre.

FARO, Carmela Zucallà. **Imigração para Porto Alegre** [dez. 2009]. Entrevistador: Leonardo de Oliveira Conedera e a Egiselda Charão. Porto Alegre.

MANCUSO, Maria. **Imigração para Porto Alegre** [dez. 2010]. Entrevistadores: Leonardo de Oliveira Conedera e a Egiselda Charão. Porto Alegre.

MORELLI, Conceta Immaculata Mainieri. **Projeto mulheres imigrantes do Mercosul** [jun. 2003]. Entrevistador: André Cardoso Lopes. Porto Alegre.

NANI, Vincenza. **Imigração para Porto Alegre** [jan. 2011]. Entrevistadores: Leonardo de Oliveira Conedera e a Egiselda Charão. Porto Alegre.

SCAVUZZO, Maria. **Projeto mulheres imigrantes do Mercosul** [abr. 2004]. Entrevistadores: André Andregueti, Luciana de Oliveira e Núncia Santoro de Constantino. Porto Alegre.

VINCIPROVA, Antonina. **Imigração para Porto Alegre** [nov. 2010]. Entrevistadores: Leonardo de Oliveira Conedera e a Egiselda Charão. Porto Alegre.

VINCIPROVA, Antonino. **Imigração para Porto Alegre** [abr. 2010]. Entrevistador: Leonardo de Oliveira Conedera. Porto Alegre.

Fontes Manuscritas:

CERTIDÕES de Casamento da 1º, 2º e 3º Zonas da Comarca de Porto Alegre (1955-1975). Arquivo Público do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

FICHAS de Inscrição dos italianos falecidos assistidos pelo IASI. Arquivo do IASI.

INVENTÁRIOS do 2º Cartório Civil e Comercial (1911-1960): Arisio, Filomena San Martino (1953); Ciulla, Anna (1934); Grecco, Adelina Morem (1955); Lapis, Josephina Altosa (1956); La Porta, José (1960); Mancuso, Bernardo (1911), Miceli, Alexandre (1914); Pappalardo, Nicolò (1955). Arquivo Público do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

PROCESSOS Crimes da Comarca de Porto Alegre: Mazzola, Maria La Greca (1963); Grasso, Vicente (1960); Zarbà, Luigi (1955). Arquivo Público do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

TESTAMENTOS do 2º Cartório Civil e Comercial (1929-1949): Difini, Joaquim (1929); Mancuso, Felipo (1949); Provenzano, Maria Molinari (1929), Provenzano, Rosa Difini (1934). Arquivo Público do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

Fontes Impressas:

Álbuns

ÁLBUM de Lembrança da visita da Real Embaixada italiana ai Rio Grande do Sul em 1918. [n.s.], [ca. 1918]. Sem paginação.

Relatórios Oficiais

Rapporto Del Cav. Francesco De Velutiis R. Console In Porto Alegre: Rapporti di R. R. Agenti Diplomatici e Consolari. Roma, Ministero Affari Esteri; Manuzio, 1908. Biblioteca del Ministero degli Affari Esteri.

Sites Consultados:

<http://letras.terra.com.br/>

<http://www.alcamo.tp-net.it/>

<http://www.altreitalie.it/>

<http://www.arquivoestado.sp.gov.br/imigracao/listas.php>

<http://www.comune.adrano.ct-egov.it/>

<http://www.comune.catania.it/>

<http://www.comune.leonforte.en.it/>

<http://www.comune.raddusa.ct.it/>

<http://www.ibge.gov.br>

<http://www.memorialdoimigrante.com.br>

ANEXOS

ANEXO A – Mapa da Sicília com a demarcação da zona de maior incidência dos insulares que vieram para Porto Alegre



Fonte: www.geoatlas.com

ANEXO B - Relação de entrevistados para a pesquisa

Nome	Cidade	Província	Ano de Imigração	Estado Civil na imigração	Nacionalidade dos Cônjuges	Idade durante a imigração
Francesca Coniglio Ducceschi	Palermo	Palermo	1948	Casada	Italiana	28 anos
Maria Scavuzzo	Adrano	Catania	1950	Solteira	Não se casou	17 anos
Nicolò Cassarà	Alcamo	Trapani	1953	Solteiro	Italiana	23 anos
Paolo Lapis	Leonforte	Enna	1954	Solteiro	Brasileira (descendente de italianos)	30 anos
Antonino Vinciprova	Leonforte	Enna	1955	Solteiro	Brasileira (descendente de italianos)	20 anos
Carmela Faro	Castiglione di sicília	Catania	1957	Solteira	Italiana	16 anos
Santi Campisi	Avola	Siracusa	1955	Solteiro	Brasileira	29 anos
Maria Mancuso	Leonforte	Enna	1955	Solteira	Brasileira	6 anos
Epifania Di Fazio	Leonforte	Enna	1955	Solteira	Brasileira	15 anos
Antonina Vinciprova	Leonforte	Enna	1955	Solteira	Não se casou	25 anos
Vincenza Nani	Raddusa	Catania	1954	Solteira	Brasileira (descendente de italianos)	15 anos

ANEXO C – Modelo de ficha do IASI

Elasi, Giovanna Gemellaro Di Faleceu
Janeiro/98

Rua Travessa Ghandi , 81
Bairro Jardim Sabará - Porto Alegre - RS
CEP: 91.215-170

Natural de Catania - Sicília
Data de Nascimento: 30/06/1917 Data de Chegada: 13/10/53
Documento identidade: 1213595 - W 114.390-5 13/10/53
Exp.: 29.02.1988

(12)

Obs: Recebeu pensão italiana - D. Vire

Fonte: Acervo do IASI

ANEXO D – Certidão de Casamento

Talão N.º 164 Nº 35

REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL

REGISTO CIVIL
ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL
MUNICÍPIO DE PORTO ALEGRE
SEGUNDA ZONA DO REGISTO CIVIL
(Casamento N.º 32.366)

Dr. Julio Maria Santiago Wagner
Oficial do Registro Civil de Nascimentos, Casamentos e Óbitos

CERTIFICO que às fls. 248 do livro n.º B. -70 de Registro de Casamentos foi lavrado hoje o assento do matrimônio de MARIO BOTTINO, natural da Itália, e dona DALVA FERREIRA da SILVA, natural deste Estado, ambos solteiros, contraído perante o Juiz de Paz, Sr. Carlos Campos Nunes e as testemunhas: Juvenal Ferreira da Silva e Decio Ferreira da Silva,

Ele, nascido em Catania no dia 7 de setembro de 1948, profissão torneiro mecânico, domiciliado nesta capital, e residente nesta capital, filho de Ignasio Bottino, nascido em 1910, e de dona Anna Salamone Bottino, nascida em 1914, ambos naturais da Itália, domiciliados e residentes nesta capital.

Ela, nascida em Porto Alegre no dia 26 de setembro de 1950, profissão comercidária, domiciliada nesta capital, e residente nesta capital, filha de Feliseberto Ferreira da Silva, falecido em 1950, e de dona Irene Batista da Silva, hoje Irene de Avila, nascida em 1925, domiciliada e residente nesta capital, ambos naturais deste Estado.

a qual passa a assinar-se DALVA da SILVA BOTTINO.

Foram apresentados os documentos a que se refere o art. 180, ns. I, II, III e IV do Código Civil.

Observações:

O referido é verdade e dou fé.

Porto Alegre, 10 de janeiro de 1970.

Gláucia Ribeiro da Silva
Sub-Oficial

Rua Venâncio Aires, 188 - 1º andar
Telefone: 33111 - Porto Alegre

Fonte: Documento do Arquivo Público do Rio Grande do Sul.